



Nany People

*Ser
mulher
não é
para
qualquer
um*

*Minhas
verdades*

*por
Flavio Queiroz*

 Planeta



Copyright © Flavio Queiroz, 2015
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2015
Todos os direitos reservados.

Revisão: Márcia Benjamim e Fernanda Iema *Diagramação:* SGuerra Design *Capa:* Marcos Gubiotti *Foto de capa:* © Marco Máximo *Makeup designer:* Anderson Bueno *Nany veste:* Fábio Ferreira *Adaptação para eBook:* [Hondana](#)
Ensaio gentilmente cedido pelo programa “Papo de Camarim”

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Q44s

Queiroz, Flavio

Nany People: ser mulher não é para qualquer um - Minhas Verdades / Flavio Queiroz. - 1. ed. - São Paulo: Planeta, 2015.

ISBN 978-85-422-0539-8

1. Nany People, 1966-Biografia. 2. Humoristas - Brasileiros - Biografia. I. Título.

CDD: 927.92028

CDU: 929:792.071.2.028

15-22254

2015

Todos os direitos desta edição reservados à EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar Ed. Horsa II – Cerqueira César 01411-000 – São Paulo – SP
www.planetadelivros.com.br
atendimento@editoraplaneta.com.br

Sumário

[Introdução](#)

[Então...](#)

[Uma linda mulher, por Jairo Bouer](#)

[Minha primeira Cinderela](#)

[O elemento “x”](#)

[Nasce uma estrela](#)

[Porque não](#)

[A grande mudança](#)

[Outro cenário](#)

[Abre a boca e fecha os olhos](#)

[Lá vem a encrenca](#)

[Quero ser baliza](#)

[Cidade mais que maravilhosa](#)

[Prazer em me conhecer](#)

[Acessório indispensável](#)

[Um tal de Vanderlei](#)

[Uma gracinha](#)

[De peito aberto](#)

[Sobreviva às pessoas](#)

[O espelho do meu camarim](#)

[Segundo ato](#)

[Precisa ser homem](#)

[Estrela cadente](#)

[Uma nova identidade](#)

[Eu é que sou louca?](#)

[Outro capítulo](#)

[Case, se puder](#)

[Tem de questionar](#)

[De volta para o passado](#)

[Década de 40](#)

[Minha eterna Cinderela](#)

Introdução

Conheci a Nany de vista na noite paulista dos anos 1990. E mais tarde nos encontramos diversas vezes nos bastidores da televisão, onde ambos fomos trabalhar. Surgiu aí uma amizade. Sempre admirei sua postura, seu profissionalismo. E nutria a curiosidade de saber o que ela tinha enfrentado até se transformar nesse furacão. Propus sua biografia. E Nany adorou o convite! Prestes a completar 50 anos, achou pertinente revisitar seu passado e mergulhar nas suas lembranças mais intrínsecas.

Decidimos contar essa trajetória através das palavras da Nany, do ponto de vista dela. A partir do que ela sentiu. Levantei uma extensa lista de tópicos com os principais acontecimentos da sua vida e marcamos alguns encontros em casa, regados a pão de queijo e suco de tangerina. Foram horas de conversas, lágrimas, gargalhadas e memórias. Nany, desnuda de qualquer censura, buscou emoções que há muito tempo estavam guardadas. E precisavam ser expressas!

Nesse processo, descobri muito mais do que estava procurando. Encontrei um ser humano com valores e ensinamentos transformadores. Não era só a história de alguém que decide se vestir de mulher. Era de alguém que, como todo mundo, queria encontrar o seu lugar no mundo para ser feliz. E que conseguiu! Errou, acertou, tentou. E nunca desistiu! Com o seu exemplo, ela me mostrou que tínhamos muito mais em comum do que eu imaginava. Ouvi-la me fez querer ser uma pessoa melhor.

Eu precisava imediatamente colocar isso tudo no papel. Precisava dar às pessoas essa chance de avaliar a própria vida através de alguém que viveu (e vive) de forma tão intensa. Primeiro, pensei em agrupar os assuntos por temas. Depois, conclui que o único jeito de entender a identidade da Nany, que faz tudo ao mesmo tempo e agora, seria construir essa narrativa a partir de uma linha do tempo aonde os episódios iam acontecendo, causando seu impacto e deixando suas marcas.

Ao concluir o primeiro tratamento da obra, tive a sensação de que estávamos dizendo coisas que poderiam sim agregar algo à vida das pessoas, como

aconteceu comigo. Depois de contar tantas histórias das mais variadas formas, eu tinha em mãos um texto capaz de mostrar para essas e as futuras gerações que nenhum sonho é absurdo demais para não ser sonhado e que a vida só vale a pena ser vivida de fato quando se tem uma boa história para contar.

Obrigada, Nany People!

Pela sua confiança. Pelo seu caráter. E, principalmente, pela sua amizade.

Flavio Queiroz
Julho/2015

Então...

Um telefonema; um convite; um mergulho na história... Na minha história! Regada de muita confiança e amizade topei o convite de Flavio Queiroz e me dispus a visitar os “porões de minha alma”! Foi mais que uma viagem. Misturando terapia e saudade, revivi fatos delicados e importantes que me tornaram a pessoa que sou! Regados a muitos pães de queijo, cafés com leite, choros, desabafos e risos, nossos encontros nos conduziram à construção desse livro!

O marco dos 50 anos foi mais um detalhe para que tudo conspirasse a nosso favor. Pessoas citadas aqui (ou não – muitas até a pedido das mesmas) deixaram em mim um legado de que boa vontade, trabalho e hombridade são indispensáveis para o alicerce de qualquer relação! Agradeço a TODAS AS PESSOAS que me deram uma OPORTUNIDADE na vida...

Ao amor das MULHERES ALFAS de minha família.

A dedicação de minha mãe, Dona Yvone.

E aos amigos inesquecíveis de Poços de Caldas e Serrania, em Minas Gerais.

No dia que saí de Poços, embalada num ônibus da viação Cometa, prometi a minha mãe que “ela iria se orgulhar de mim!” Obrigada Flavio Queiroz por me conduzir nesse sonho. Afinal: “Um sonho é um desejo d’alma...”

Nany People Julho/2015

Uma linda mulher

Por Jairo Bouer

Conheci Nany no final de 1998. Estávamos “pilotando” um novo programa sobre sexo para a *MTV* e ela topou participar do nosso teste como entrevistada. A química funcionou tão bem no vídeo, que assim que o *Erótica* vingou, ela foi uma das primeiras convidadas. E a audiência adorou!

Não era para menos. Se existe um verbo que não consigo dissociar da Nany é “arrasar”. Ela não deixa barato! Tudo que faz é com paixão, intensidade e entrega. Assim que o programa acabou, pensei que se um dia tivesse uma chance, gostaria de trabalhar com ela.

E não demorou muito! No início dos anos 2000, quando fui convidado para fazer um programa sobre sexo na *Jovem Pan FM*, para todo o Brasil, nem titubeei. Disse que topava desde que pudesse levar a Nany. O Tutinha, diretor da rádio, tomou um susto a primeira vez que viu People (como eu a chamava muitas vezes) toda montada no estúdio. Eu disse: “Deixa ela abrir a boca para você ver como ela manda bem”. E mandou, claro!

Da *Pan* a gente foi para a *89 FM, a Rádio Rock*, onde ficamos anos fazendo um programa semanal, ao vivo. Era o dia mais animado da minha semana. Saía do consultório, estacionava no shopping Paulista e ria com Nany por quase duas horas. Mas a relação ia muito além do trabalho. Papos sobre amizades, decepções, relacionamentos, dúvidas, dilemas, paixões mal resolvidas, tudo estava no nosso cardápio. Ela é dotada de uma espécie de “sabedoria da vida” que impressiona. Tia Nany (outra forma que ela usa para se autodenominar) sabe o que diz!

Depois de anos no ar, o *Sexo Oral* acabou na rádio. Eu e Nany tentamos ainda emplacar um projeto em outras emissoras, mas o mercado andava bravo. Como ela mesma diz diversas vezes no livro, tudo são ciclos.

Em mais de 15 anos de amizade, nunca vi Nany de outra forma que não a

feminina. Não consigo imaginar uma identidade masculina por trás do que enxergo. Ela me confidenciou que, uma vez, passei por ela “desmontada” na rua, perto da Avenida Paulista e nem a reconheci. Para mim, não houve uma transformação. Quando ela me contou que, dali para frente, seria mulher o tempo todo (depois da colocação das próteses mamárias), achei a coisa mais natural do mundo. Na minha cabeça, ela sempre foi mulher.

Muitos anos depois, em 2014, estava participando de um projeto de vídeo para internet que se chama *DR – Destruindo Relacionamentos*. Em um dos episódios, fui convidado para atuar. O personagem era um marido, meio aparvalhado, que não percebia que sua mulher não podia ter filhos (por motivos óbvios) porque era uma transexual. E adivinhe quem era minha esposa? Claro, Nany People! A gente se divertiu como há muito tempo não fazíamos na gravação.

Fiquei extremamente feliz quando fui convidado para fazer o prefácio desse livro. Primeiro, porque adoro a Nany. Depois, porque tinha certeza que iria descobrir coisas que nem imaginava. Porque ela é assim! A biografia não poderia ser diferente: honesta, sincera, sem meias palavras. Com tudo que ela pensa, sente e com a tal “sabedoria da vida” que só ela tem.

Lendo o relato em primeira pessoa, quase ouço a própria Nany falar. As expressões, os bordões, a entonação, tudo. Matei por aqui um pouco das saudades que o tempo e a distância nos impõem. Mas o que sinto falta mesmo é encontrar com minha amiga, uma vez por semana, para rir da vida e das armadilhas que a gente mesmo cria.

Para quem só viu a Nany até hoje no palco ou na TV, o livro é uma oportunidade imperdível de conhecer uma mulher que se criou porque, na verdade, sempre foi uma mulher. E das mais incríveis e autênticas que conheci até hoje! Afinal de contas: ser mulher não é para qualquer um!

Minha primeira Cinderela

“As pessoas fazem com a gente aquilo que a gente deixa – até quando a gente deixa!” Mamãe gritava enquanto me sacudia com força. “Você tá me entendendo? Você tá me entendendo?”, enfatizava fora de si. Ninguém na sala reagiu. Meus irmãos, meu pai, todo mundo ficou estático. Quem imaginaria que aquela mulher, tão dócil, teria uma reação daquelas?

Eu tinha uns seis anos. Era magrinho, já todo delicado. E falava muito mole, como se vivesse num constante *delay*. Foi num jantar em família. Ao me servirem, percebi que, na travessa, havia um bife menor do que aquele que havia sido colocado no meu prato. Tinha muita preguiça de comer. Abri a boca e as palavras saíram de um jeito bastante afeminado: “Eu quero aquele bife que é menor”.

Meu pai deu um soco na minha boca, jogando-me para fora da mesa, e me mandou “falar como homem”. Mamãe, que nunca reagia a essas intempéries, virou a toalha da mesa com todo o jantar em cima dele e gritou: “Você nunca mais vai falar assim com ele! Eu não coloquei alma no mundo pra servir de chacota da humanidade”.

Ela me agarrou pelos ombros, olhou no fundo dos meus olhos e, aos berros, com uma energia que eu nunca tinha sentido, disse: “E você nunca mais vai aceitar isso do mundo! Tá entendendo?”. Foi então que, pela primeira vez, mamãe me disse a frase que carrego comigo até hoje: “As pessoas fazem com a gente aquilo que a gente deixa – até quando a gente deixa!”.

Eu nem sabia o que responder. Ficamos todos em estado de choque. Parecia uma leoa salvando a cria. Tudo o que mamãe queria era que eu aprendesse a me defender. Estava ali, instintivamente, me dando a primeira lição. Estava me mostrando o que eu encontraria pela frente e me ensinando a forma de enfrentar a vida para ser quem eu realmente era.

Exausta e com dor de cabeça pela descarga emocional, mamãe se recolheu ao quarto. E eu, que ainda nem entendia direito o que estava acontecendo, corri com um copo de água com açúcar para acalmá-la. Ainda não tinha consciência de

como aquela situação me afetava – estava mais preocupada em ver mamãe bem. Ela tomou tudo e, mais calma, conversou comigo em um outro tom.

“Meu filho, presta muita atenção no que eu vou te dizer. Às vezes, Deus faz umas coisas que a gente não entende na hora e passa a vida tentando entender. Mas é importantíssimo você aceitar. Aceita que dói menos! E quando o mundo te fizer uma afronta, pense sempre numa coisa que você gosta. Pense no seu anjo da guarda, num santo. Pense na Cinderela.”

Mamãe sempre teve uma ligação especial comigo. Sabia que eu varria o quintal da vizinha só para poder brincar com as bonecas da filha dela. E a que eu mais gostava se parecia com a Cinderela. Ela me explicou que a Cinderela era a princesa mais humana dos contos de fada. E fez algumas comparações que foram bastante claras para mim naquela época.

Disse que como todos nós, a Cinderela tinha seu ponto fraco, porque só podia ficar no baile até a meia-noite e, depois disso, a mágica acabava. Que ela contava com a solidariedade dos outros para conseguir um vestido. Que no resto da história, procurava por algo – o sapato –, que o tempo todo estava com ela de certa forma. Coisa que a gente insiste em fazer também com a nossa felicidade.

Terminou dizendo que a Cinderela tinha uma música que falava dos sonhos. Cantou a canção para mim, como se fosse um ensinamento sagrado. “Mas sonhe alto. Sonhe com algo que te transforme em alguém melhor”, mamãe completou. Não me lembro exatamente o que respondi. Nem acredito que ela esperava uma resposta ou uma reação. Eu era muito criança.

Tinha acabado de passar por uma situação que poderia criar um trauma para vida inteira. Mas na verdade, dessa noite, o tapa e os gritos acabaram se transformando em meros acessórios. Porque o que eu realmente me lembro, o que mais me marcou foi que, a partir daí, eu aprendi a sonhar. E a me defender. Foi graças a esses sonhos que me transformei na pessoa que sou hoje.

Mas a minha história começa um pouco antes disso...

O elemento “x”

Fui predestinada para ter nascido na família em que nasci. Cresci rodeada por mulheres fortes. Há quem diga que foi por isso que me assumi gay, que fui influenciada. Mas se isso fosse mesmo verdade, meus dois irmãos mais velhos, que conviveram mais tempo com essas mulheres, também seriam gays – e eu posso garantir que os dois são muito machos.

A família da mamãe é de Serrania, uma cidade no interior de Minas Gerais. Minha avó Maria, nossa grande matriarca, nascida no ano da libertação dos escravos, foi criada com os irmãos por uma tia. Dizem que depois da morte do meu bisavô, minha bisavó ficou com algum problema na cabeça e vivia sem rumo. Tinha um espírito livre.

Não tive a chance de conhecer a avó Maria porque ela morreu antes de eu nascer. Mas as histórias dela entraram para a posteridade. Ninguém se cansava de contá-las e nem de ouvi-las. Ela tinha muita personalidade, foi uma pessoa de muitas atitudes e, principalmente, de muitos valores – valores que passaram de geração em geração e que trago comigo até hoje.

Ainda desse lado da família, minha outra bisavó faleceu assim que chegou à cidade. No começo do século passado, logo depois de ter parido meu avô João Batista, ela despencou em Serrania com mudança e tudo, num carro de boi, vindo de São João da Boa Vista. Os médicos haviam pedido resguardo. Mas o marido não quis nem saber. Ela acabou tendo uma hemorragia grave e não resistiu.

Uma das irmãs do meu avô, minha tia-avó Maria José, assumiu o papel de mulher da casa e enfrentou muito machismo da época para fazer valer suas vontades. Quando chegou a notícia que as mulheres podiam votar, ela logo tirou seu título de eleitor. Quando fez 60 anos, foi se casar com uma grande paixão, só depois que o pai dela morreu porque ele não aprovava a relação.

Já o casamento da minha avó Maria com o meu avô João Batista foi arranjado, os dois eram primos. Entre os irmãos, esse avô foi quem mais prosperou. Começou a vida pondo ferradura em cavalos. E trabalhou duro até abrir o

armazém “Secos e Molhados – Casa Modelo”. Foi o primeiro a vender gasolina na região e, durante a guerra, chegou a ir até Santos negociar farinha, que estava em falta.

Em 40 anos, meu avô João Batista se tornou um homem tão benquisto na cidade que colocaram o nome dele até em rua. Eles moravam num casarão de esquina na praça principal, pertinho da igreja matriz. Construída em 1933, a casa era cheia de salões, tinha sótão, pomar e uma serpentina em cima da pia do banheiro que misturava água quente com água fria – luxos que não eram para qualquer um.

Minha avó Maria adorava organizar grandes bailes. Passava cera no chão, para as pessoas deslizarem melhor pelo assoalho. Em algumas ocasiões, chamava até uma orquestra. Também fazia festas para os santos, novenas. Era muito religiosa. A religiosidade é intrínseca ao povo mineiro. Na casa, cada cômodo tinha um santo – e eram 16 cômodos no total! Para onde se olhasse, havia um terço.

Gostava de fartura. Com ela não tinha esse papo de recessão. Tinha uma mania engraçada: se quebrasse um copo, mandava comprar logo três. Diziam que era por causa das dificuldades por que passou nos tempos de guerra – na primeira, ela era adolescente; na segunda, já era mãe. Quando minha avó Maria morreu, descobriram mais de 40 cobertores guardados, praticamente novos.

Teve oito filhos, mas só três sobreviveram. Nessa época, o parto era em casa, não existia ainda o antibiótico. Era comum morrer criança assim. Depois do último, que foi a fórceps, minha avó Maria nunca mais se deitou com meu avô João Batista. Se recusou. As três crianças que sobreviveram foram três MULHERES: minhas tias, Elvira e Clara, e mamãe, Yvone, a caçula do trio.

Tia Elvira nasceu em 1917, ano da gripe espanhola, como ela mesma gostava de falar. Herdou o gênio de imperatriz-ditadora da minha avó: gostava de mandar. Foi a primeira a se casar e teve um casal de filhos. Mas só a menina, Teresinha, sobreviveu. Eles moravam duas casas ao lado, também de frente para a praça – presente do meu avô. Foi outra grande matriarca da família.

Todas estudaram em colégios religiosos particulares. Tia Clara, a do meio, fez até aulas de violino. Foi a última a se casar, com um policial. Diziam que ele estava mais interessado na casa que meu avô daria de presente do que na minha tia propriamente. Mas eu não sei. Nunca tiveram filhos. E logo foram embora da cidade porque ele era constantemente transferido em função do trabalho.

Já mamãe, a caçula... Esta merece uma menção à parte!

Devota de Nossa Senhora de Fátima, mamãe tinha o espírito iluminado. De pele branca e olhos castanhos, era esbelta. Dela, herdei as mãos, as pernas e o colo – que também eram lindos. Mas a parte mais bonita da mamãe, sem dúvida, era a

alma. Se não tivesse a mãe maravilhosa que tive, com certeza teria descambado para a marginalidade, como acaba acontecendo com muita gente por aí.

Era uma pessoa dramática ao falar. Falava bem alto, não passava despercebida. Acho que, no fundo, era uma artista frustrada. Tinha uma inclinação para a poesia, gostava muito de ler. Mas, na cozinha, era um fiasco. Também nunca foi muito de estudar. Gostava de conversar e viajar. Era uma mulher avante do seu tempo. O casamento dela com o meu pai, José Gregório, rendeu grande polêmica na família.

Tive pouco contato com a família do meu pai, que morava em Machado, uma cidade vizinha de Serrania. Depois que o irmão gêmeo morreu, restou ele, filho único da minha avó Carola. A mulher tinha só um metro e cinquenta, mas era porreta. Separou-se muito cedo do marido porque ele era boêmio – mulato dos olhos verdes que, ainda por cima, tocava violão. Dizem que ela nunca mais quis saber de homem.

Minha avó Carola trabalhou na “Fazenda da Várzea”, propriedade do seu Romeu e da dona Candota, uma das famílias mais tradicionais da região. Foi uma cozinheira de mão-cheia, trabalhadeira, numa época em que se matava o porco para comer e se fazia sabão com o que sobrava. Dedicou sua vida a essa família – e eles tomaram conta dela até ela morrer. Uma amizade para a vida inteira.

Meu pai cresceu nessa fazenda. Seu Romeu, homem próspero, conseguiu uma bolsa de estudos em colégio de padre, que meu pai nunca soube valorizar. Preferiu virar jogador de futebol. Como era um homem simples, mulato e mais novo do que mamãe, meu avô João Batista não viu nele um bom partido para a filha. Proibiu a relação. Meu pai então se casou com uma prima, com quem teve um filho, Luis Carlos.

Magoada, mamãe foi passear em São Paulo, onde acabou ficando por quase um ano. Até casaco de peles comprou! Meu avô João Batista arrumou um emprego para ela nos Correios, para trazê-la de volta a Serrania. Mamãe aceitou e se jogou de cabeça no trabalho. Certa vez minha avó Maria foi operada em Varginha e tia Elvira teve que cuidar dela porque mamãe estava ocupada com os Correios.

No segundo parto da primeira esposa, meu pai ficou viúvo – nem as gêmeas sobreviveram. Ele voltou a procurar mamãe. O primeiro filho (que viria a ser um ótimo decorador) ficou com minha avó Carola. Nove anos tinham se passado. Mamãe, aos 35 anos, tinha ficado para titia. Meu pai havia se tornado torneiro mecânico e sido bastante judiado pela vida. Os sonhos dos 20 anos dele transformaram-se nas frustrações dos 30.

Mesmo assim, o coração falou mais alto. Namoravam escondidos porque

minha avó Maria perseguia os dois. Era na casa da dona Naza Neder (dona Nazuca), uma senhora da alta sociedade, amiga da nossa família, onde eles se encontravam. No dia do casamento, um ano e meio depois, foi também na casa dela que mamãe foi se trocar. A família inteira – de birra – decidiu viajar. Só tia Clara ficou.

Dona Nazuca também levou a mamãe para a igreja e organizou uma recepção para os convidados. Minha prima Teresinha, que era adolescente, quis voltar antes – sozinha – para dar um beijo na mamãe. Encontrou o casal saindo para a lua de mel. Mamãe se emocionava ao lembrar desse carinho, dessa solidariedade e dizia: “Eu não posso dar para o mundo o que eu não recebi do mundo. E eu só recebi amor”.

Mamãe acreditou tanto no amor pelo meu pai, mas tanto, que não percebeu que o homem por quem ela tinha se apaixonado um dia já não existia mais. Meu pai era uma ótima pessoa – quando não bebia. Teve uma fase em que ele vivia com a roupa suja por causa do trabalho. Tinha muitos amigos, ainda jogava bola. Mas quando bebia... Sempre fazia alguma bobagem. Sempre!

Com sete dias de casamento, tomou um porre daqueles. Minha avó Carola foi quem preparou mamãe para aquilo que estava por vir. Ela apontou para o meu pai caído no chão e disse: “Você trata de cuidar de você, se alimentar, se divertir. Porque a vida é isso aí!”. Sogra e nora desenvolveram uma relação ímpar. Vovó Carola defendia mamãe com unhas e dentes.

Uma vez, em Machado, acabou a luz por causa de um temporal. Meu pai, para variar, estava no bar. Essa minha avó pegou um porrete e, embaixo de chuva e trovão, com água pelo joelho, no escuro, foi até lá buscar meu pai. “Isso é hora de homem casado estar no bar?”, urrava da porta. “Passa já pra casa!” Ela resolvia as coisas assim, se fosse preciso. Herdei o temperamento forte dela!

Meu pai reclamava quando mamãe se dispunha a ajudar aos outros. Se alguém se mudasse, lá ia ela se apresentar, com um bolo feito em casa: “Oi, meu nome é Yvone. Se precisar de alguma coisa é só falar”. Quando ia fazer um curso dos Correios em outra cidade, passava na casa de todo mundo, pegando os mais variados tipos de encomenda: de botão a remédio e até panela de pressão!

Às vezes, ela não tinha tempo nem de almoçar. Mas dizia: “Quem não vive para servir, não serve para viver”. Vindo de uma mulher que cresceu cercada de empregados, a compaixão era inerente à natureza dela. Com a mamãe não tinha tempo ruim, ela “se virava nos trinta”. Todas as mulheres da minha família – e ela em especial – foram verdadeiras sobreviventes.

E eu acredito que venha daí a minha inquietude.

Nasce uma estrela

A diferença de idade entre meus irmãos e eu é pequena. Dos cinco filhos que mamãe teve, três sobreviveram. João Batista, o mais velho, tem dois anos e meio a mais que eu. E José Henrique, o do meio, tem um e meio. São pessoas de bom caráter, homens puros de coração. Me orgulho deles. Sempre foram muito zelosos, paternais comigo. Mesmo sendo tão diferentes de mim.

O João, primeiro homem que surgiu no meio daquele bando de mulher, foi o mais mimado. Estragaram o garoto de tudo quanto foi jeito. Comia coisas na casa da tia Elvira que, em casa, achava ruim. Era (e continua sendo) todo sistemático: amarrava primeiro o tênis direito para depois amarrar o esquerdo. E até hoje, se um pinguinho de feijão cair em cima do arroz, tem que fazer o prato de novo.

Já o Zé Henrique, mais conhecido como Fafi, achava que era rejeitado por ser o filho do meio. Foi uma criança mais ligada à vida no campo, gostava das brincadeiras mais brutas – puxou meu pai. Subia em árvore, montava a cavalo. Aprontava as estripulias de menino do interior. Na superfície, estava sempre concordando. Mas tinha um gênio impiedoso, era muito mandão.

Quando eu nasci, deram o meu umbigo para uma vaca preta, chamada Fortuna, comer. Era um costume da época. Disseram que ela tinha uma estrela na testa e que, por isso, eu seria uma criança bem-aventurada. Nasci Jorge Demétrio Cunha Santos, em Machado, onde os hospitais estavam mais preparados e onde havia muitos amigos para ajudar. Minha avó Carola foi minha madrinha “oficial”. Com três dias, fui para Serrania.

Desde pequena, fui comportada, uma criança que não dava trabalho. Passava boa parte do tempo no berço. Fui a primeira a desmamar – apesar de chupar chupeta até os nove anos. Tive pouco contato com meu pai. Nessa época, ele estava desempregado. Depois de uma bronca da mamãe, arrumou um emprego numa usina de açúcar em outra cidade e foi trabalhar lá.

Nós crescemos usando a prataria da minha avó Maria, que já havia morrido. Meus irmãos e eu reinávamos com meu avô João Batista, que foi meu padrinho e

tinha uma paciência enorme conosco. Ele nos chamava de “tigrinhos”. A gente ia para a cama dele depois de acordar para tomar mamadeira. Ficava um de cada lado e, o terceiro, no meio das pernas. Minha tia Elvira achava isso ruim. Mas ele não!

Mamãe, muito profética, dizia que eu seria o verbo de ligação entre meus irmãos. Queria a harmonia entre os três. Eles tinham uma rixa natural, um achava que o outro tinha roubado o seu lugar. Brigavam por coisas de irmão. O Fafi tinha mania de fuçar no guarda-roupa do João. Eu era o bonzinho, a diversão da casa. “Você veio depois e tem uma energia diferente”, mamãe me explicava. Nós ríamos.

Eu adorava cantar. Ouvia alguma coisa na TV da casa da tia Elvira e já saía cantando. Mamãe era fã da Rádio Nacional e tinha uma porção de LPs dos principais cantores da época. Cresci “bombardeada” pelos sucessos de Dalva de Oliveira, Francisco Alves, Emilinha Borba, Ângela Maria, Nelson Gonçalves, Ataulfo Alves, Marlene e Carmem Miranda. Tinha – e tenho – todas essas músicas na ponta da língua.

A primeira vez que cantei em público foi numa quermesse, aos quatro anos. Queria um cartucho rosa de doce e meu pai, que estava visitando a gente, comprou o azul. Pois eu fui lá, cantei e ganhei o tal cartucho rosa. A partir daí, perdi a vergonha. Cantava em qualquer lugar. Uma prima da mamãe, Jandira, veio nos visitar e pedi para ela me levar para São Paulo para eu cantar na televisão.

Ela tinha vindo se despedir do meu avô que estava nas últimas...

A maior tristeza do meu avô João Batista, depois de tanto duro que deu na vida, foi perceber que nenhuma das filhas havia se casado com um homem próspero, capaz de saber administrar o capital dele. Pouco antes de morrer, sua maior preocupação era tia Clara, que morava longe com o marido policial. Por alguma razão, meu avô achava que ela não estava sendo bem tratada.

Um dia, uma vizinha levou meus irmãos e eu, junto com o marido da tia Elvira que também estava muito doente, para passear numa fazenda. Quiseram nos poupar da morte do meu avô. Foi um enterro de rei. O sino da igreja ficou batendo: TÉEEM TÉEEM TÉEEM. Colocaram toalhas brancas nas janelas. E o corso passou ao som da banda marcial de Serrania, onde meu avô tocou a vida inteira.

Oito dias depois, tia Elvira (que tinha acabado de perder o pai) perdeu também o marido. Mulher de fibra, herdou as preocupações do meu avô, escrevendo uma carta para tia Clara, com a desculpa de discutir a partilha. Não teve resposta. Pois ela pegou o carro e foi atrás da irmã. Chegando lá, disse para tia Clara pegar

as melhores roupas dela porque ia tirá-la dali.

O marido policial, claro, suspeitou de tanta movimentação. Mas tia Elvira disfarçou, dizendo que toda a burocracia da partilha talvez demorasse mais do que o previsto. Tia Clara foi embora e nunca mais voltou! Tempos depois, desquitou-se. Foi morar com a tia Elvira. Tiveram uma convivência difícil.

A casa da tia Elvira, aliás, era a única que tinha televisão – e preto e branco, daquelas que pegava interferência se um carro passasse na rua. Assistir televisão lá sempre foi um evento. Eu era responsável por arrumar a sala, colocar os tapetes no chão. E depois acompanhava tudo de perto. Às vezes, ficava mais entretida com as conversas do que com a própria televisão.

Elas faziam crochê, bordados. Tia Elvira teve até artrite e os dedos tortos de tanto tricotar. Ela passou pela menopausa sem médico. E já na terceira idade, quebrou oito vértebras de uma vez quando foi abrir uma gaveta. Eu tinha um carinho muito especial por ela. Chamava-a de “madrinha” também. No dia das mães da escola, tudo o que fazíamos para a mamãe, fazíamos para ela também.

A irmã do meu avô João Batista, a minha tia-avó Maria José, também foi bastante presente na minha vida. Mesmo sem morar em casa, quando só sobrou a gente, era ela quem administrava tudo enquanto mamãe ia trabalhar. Às vezes, ela punha a anágua dela em mim e ficava parecendo um vestido. Só para eu andar dentro de casa e tomar o chá da tarde. Era minha fada madrinha.

Eu me lembro de quando chegava o caminhão que vinha entregar lenha! Minha tia-avó Maria José fazia limonada e me mandava entregar para o moço que cortava a lenha, o Joaquim Bolão, dizendo: “O sol tá de estourar mamona. Manda o Joaquim Bolão ir um pouco pra sombra, porque esse calor não é de Deus”. Até hoje me lembro do cheiro ruim de suor que vinha dele.

Acompanhei muito minhas tias em novenas nas casas dos vizinhos para rezar o terço. Dormia na hora da ladainha e acordava na hora do café. Tinha aquelas mesas enormes, até com chocolate em pó que eu misturava com açúcar e comia com o dedo. Com a minha preguiça de comer, bebia muito café com leite. Meu apelido era café com leite porque, se deixassem, eu tomava mais de dois litros por dia.

Outros apelidos piores estavam por vir. E eu nem fazia ideia...

Porque não

Se eu parar para pensar hoje, havia uma porção de indícios a respeito da minha condição sexual. Obrigada a usar azul, eu queria rosa. Com uns cinco anos, me arrumei toda porque achava que ia ficar noiva de um vizinho que vinha nos visitar. Via as mulheres da minha família tomando suco de beterraba para menstruação e, mesmo sem saber do que se tratava, pedia um gole. Quando descobri que não tinha “pepeca”, fiquei pulando para ver se meu “bimbo” caía.

Tem gente que mostra a sua sexualidade desde cedo. Tem quem mostre mais tarde e tem quem nunca demonstre. A minha, acredito, esteve sempre estampada na minha cara. Diziam que eu tinha traços tão delicados que, quando fazia frio, não podia nem usar gorrinho porque ficava com cara de menina. Mas ninguém perdia muito tempo se preocupando com isso.

Sem meu avô nem meu pai por perto, o João acabou virando meu padrão de masculinidade (mas nunca um espelho). Muito protetor, ele sempre teve aquela preocupação de irmão mais velho em dar o exemplo. Eu já era praticamente uma moça, fraquinha, delicada, franzina. Ele sempre me descascava a laranja, deixava o último pedaço da sobremesa mais gostosa para mim.

Depois da morte do meu avô, mamãe ficou de luto fechado durante um ano e usava aquelas meias sete oitavos preta. Meus irmãos cortavam a perna da meia e colocavam na cara para brincar de mocinho e bandido. Até topava brincar junto, desde que eles não cortassem o pé da minha meia, para eu fingir que era cabelo comprido. Nem o João nem o Fafi pareciam se incomodar com o meu jeito de ser.

Meus irmãos viviam se quebrando. No total, Fafi teve quatorze quebraduras e João, nove. Ele devia ter algum problema de calcificação nos ossos. Chegou a quebrar a ponta do dedo jogando pingue-pongue, e depois a perna só porque foi pegar uma bolinha debaixo do armário. Foi uma infância engessada a deles. Eu só usei uma tipoia no braço, quando me atropelaram de bicicleta.

Eu me machucava feio toda vez que brincava de rodar Bombril ou fazer guerrinha de mamona com os meninos. Numa dessas, quase rachei a cabeça num

paralelepípedo. Adorava jogar peteca, pular elástico, brincar de queimada – só brincadeira de menina. Uma vez fiquei doente e ganhei um boneco Falcon de presente. Do meu jeito, fiz roupinhas para ele, como se fosse uma Barbie.

Além de gastar um tempão admirando as bonecas do armário da minha tia Elvira, varria o quintal de uma vizinha, a dona Margarida, para poder brincar com as bonecas da filha dela, a Ana, enquanto ela estava na escola. A Ana, inclusive, foi quem me pré-alfabetizou. A gente brincava tanto de escolinha que cheguei à escola de verdade já sabendo como escrever meu nome.

Também brincava muito com a Valquíria e as irmãs dela. E com a Morgana, de cirquinho. Meu irmão João e a Morgana eram rivais naqueles tempos, como os personagens Mônica e Cebolinha do Mauricio de Sousa. Para provocar a Morgana, o João um dia decidiu montar um circo e me chamou para brincar com ele. Mas era um circo de touradas! Claro que me recusei.

Sempre fui a líder nas brincadeiras, nunca fui mandada. Tudo acabava acontecendo do jeito que eu queria. Dominava a molecada da rua pela língua, pelo verbo. Mamãe dizia que eu me virava, que a última palavra era sempre minha, que eu dobrava até Jesus Cristo, se fosse necessário. Fiz grandes amizades assim, como o meu melhor amigo de infância, o Arizinho.

A gente brincava na praça na frente de casa. Às vezes, eu saía até de pijama. Tinha um castelinho e uma fonte luminosa. De noite, era um espetáculo e, de dia, ficava desligada. O Arizinho e eu fingíamos ser as princesas daquele castelo. O Fafi um dia foi brincar lá e quase morreu afogado. Acharam que um cachorro tinha caído. Mas depois perceberam que era meu irmão se debatendo.

Infelizmente, nem só de bons momentos foi feita a minha infância.

Quando meu pai trabalhava na usina de açúcar, eu me lembro de brincar com os torrõezinhos quando a gente ia passar as férias com ele. Essas são as lembranças boas. Porque quando ele vinha visitar a gente, bebia. E aí sempre dava alguma confusão. A bebida deixava meu pai muito agressivo. Ele achava que ficava mais homem. Batia em todo mundo, inclusive em mamãe.

Era difícil entender muitas atitudes dele. Várias vezes nós estávamos brincando na praça e ele assoviava do bar. Saíamos correndo, imaginando que ia ganhar um doce ou um presente. Mas chegando lá, sem motivo nenhum, ele batia na gente na frente de todo mundo e nos mandava para casa. Só para mostrar autoridade. Sempre tive a impressão de que a cisma maior dele era comigo.

Toda vez que meu pai me afrontava ou que eu me sentia triste, me trancava no banheiro, ligava o chuveiro e me enfiava na banheira. Colocava até sabão em pó para fazer espuma, imaginando ser uma estrela de cinema – mamãe ficava louca.

Como ela tinha me ensinado, eu cantava a música da Cinderela, que falava de sonhos. E sonhava acordada que eu estava longe de tudo aquilo ali.

Comecei a entender o que era fé, que a fé movia montanhas, quando soube que a mamãe se dispôs de tudo em duas ocasiões. Na primeira, eu tinha uns cinco ou seis anos. Fazia aquele solzão em dezembro e abriu um clube com piscina em Serrania. Foi uma festa porque a criançada estava acostumada a nadar em açude. A família se associou, e meu irmão Fafi logo foi praticar todo tipo de esporte.

No sábado, ele estava meio mole, febril. Mamãe achou que era dor de garganta. Meu pai – bêbado – tinha vindo nos visitar no fim de semana e todo mundo precisava sentar à mesa para comer junto e fazer companhia para ele. Fafi, muito mal, passou o dia na cama. No domingo, não quis nem levantar. A noite, minha tia-avó Maria José estranhou e foi medir a febre do menino.

Deu quarenta graus! Naquele tempo, era morte certa para uma criança. Foi uma correria. Médico não tinha. Chamaram o farmacêutico Toninho que sugeriu levar o Fafi para Machado. Apavorada, mamãe deu Novalgina demais para ele. Caiu a pressão. O Fafi gelou. Acharam que ele tinha morrido. A casa encheu de gente. E, para completar, meu pai decidiu dar um show: “A culpa é tua”, gritava para mamãe.

Foram voando pro hospital em Machado. Era meningite! Estava tendo um surto na região e a vacina só foi chegar lá anos depois. Todo mundo entrou em pânico. O filho de um amigo do meu pai tinha ficado paraplégico por causa de meningite. Ao invés de nos acalmar, o médico ainda disse que – se meu irmão sobrevivesse – havia grandes chances dele ficar cego.

“Eu não posso perder esse filho”, mamãe respondeu para o médico. O Fafi sempre foi o mais bonito entre nós três. Ficou mais de um mês no hospital. Mamãe quase enlouqueceu. Mas ela tinha tanta fé em Nossa Senhora que acabou fazendo uma promessa, caso ele se curasse. Prometeu pedir esmolas, descalça, em 50 casas, para fazer um jantar num asilo que tinha em Serrania. E não contou para ninguém!

Um pouco antes de morrer, me confessou tudo. Depois que meu irmão sobreviveu sem nenhuma sequela, num domingo, junto com a minha tia-avó Maria José, lá foi ela cumprir a promessa, pedindo: “Uma esmola, pelo amor de Deus”. Não teve quem não se emocionasse. “Eu fui mulher de tirar o salto e bater em 50 casas, descalça, para salvar um filho”, ela contava.

A segunda foi para o meu irmão João. Ele tinha apostado com os amigos quem ia comer mais. Misturou manga com pé de moleque e teve aquela diarreia de encharcar o lençol. Mamãe correu para o hospital em Machado, para colocar o João no soro. E fez outra promessa para que tudo terminasse bem. “O que a fé

faz com a gente?”, ela me explicou mais tarde: “Faz o possível se tornar viável”.

Se por um lado meu pai me batia sem motivo, por outro mamãe não me deixava perder as esperanças.

Fiz a 1ª e a 2ª série na Escola Estadual Benjamin Constant, em Serrania. Minha primeira professora foi dona Alda Barbosa, amiga de infância da mamãe. Sempre passei direto. Dona Alda só tinha uma reclamação: “Muito estudioso. Mas faaaala que é uma beleza”. Eu não conseguia guardar a língua dentro da boca. E quando me juntava com a filha da Zininha, a Maria, que era terrível, levava bronca sempre.

Era natural para mim estar mais perto das meninas, fazer as mesmas coisas que elas faziam. Por exemplo, não entendia exatamente porque eu não podia participar do Bailado das Flores com elas. Essa história de “isso é coisa de menina” não entrava na minha cabeça. Eu respeitava, claro. Mas não entendia. Principalmente quando se tratava de algo que eu queria muito fazer.

O Bailado das Flores era uma encenação que acontecia todos os anos nas quermesses de Serrania. As meninas, além de uma coreografia lindíssima, tinham um texto para falar, um figurino pomposo... Aquilo enchia meus olhos. Tanto que eu vivia no ensaio delas. Sabia de cor todas as falas e as marcações de cena. Mas o máximo que consegui foi ficar encarregada de soprar o texto caso alguém se esquecesse.

Eu queria ser a tulipa. Lembro até hoje a fala dela: “Sou a Tulipa, flor venenosa. Duro tão pouco. Não sou cheirosa”. Nos ensaios, a professora chegou a pedir para eu fazer a cena na frente das meninas. Depois disse para elas copiarem precisamente o jeito que eu fiz. Então, de certa forma, mesmo não tendo participando efetivamente do Bailado das Flores, posso dizer que deixei a minha marca lá.

Outro sonho que eu tinha era coroar a Nossa Senhora, vestida de anjo, na procissão que também acontecia todos os anos em Serrania. Achava aquilo lindo – ainda mais porque a mamãe sempre foi muito religiosa. Para mim, era como se eu fizesse algo para me aproximar de Deus. Mas só as meninas podiam se vestir de anjo para coroar a Virgem. E mais uma vez tive que improvisar.

Brincava com as asas da fantasia da Ana, a minha vizinha, que vez ou outra era escolhida para coroar Nossa Senhora. Já que eu não podia usar aquele camisolão lindo, me enrolava num lençol, punha as asas da Ana e a gente fingia que eu estava coroadando a Santa. Nunca fui coroinha, como meus irmãos. Era minha única chance de usar um vestidão comprido.

Nenhuma dessas limitações me deixou traumatizada. Mas quando eu tinha mais ou menos sete anos, chegou aos ouvidos do meu pai – que de novo estava

nos visitando e de novo estava enchendo a cara no bar – que um dos filhos dele tinha feito troca-troca com outro menino. Imediatamente ele julgou que era eu. Foi até o grupo escolar, me tirou da aula e me espancou com um chinelo de couro.

Em seguida, me levou pelo colarinho, me espancando pela rua, até chegar à agência dos Correios onde mamãe trabalhava. “Diz para sua mãe o que você fez, seu indecente”, ele urrava publicamente, depois de me jogar no chão. E batia na minha cara. Com o chinelo de couro. Eu não sabia o que responder. Porque não tinha feito nada! Mas tive uma certeza... Eu nunca mais ia dar motivo para ele me bater.

E foi assim que eu bloqueei de vez a minha sexualidade naquela época.

A grande mudança

Chegou o dia em que a gente não cabia mais em Serrania. Meu pai perdeu o emprego na usina de açúcar e foi morar em Poços de Caldas, cidade que ficava a 80 km de onde morávamos. Era só uma hora de viagem. Mas ninguém sabia direito o que acontecia lá. Teve uma fase em que ele passou três meses sem dar notícias. Mamãe percebeu que o casamento dela estava naufragando.

Foi um conjunto de motivos que a fez chegar à conclusão de que era melhor ir para perto do meu pai. Depois da morte do meu avô, herdamos aquela casa enorme – e o tempo estava sendo implacável. Era difícil fazer a manutenção, mesmo com a ajuda das minhas tias. Meu irmão João também estava começando a dar trabalho. Saía sem hora para voltar, com companhias duvidosas...

Eu tinha uns sete ou oito anos quando mamãe nos avisou da grande mudança. Nem entendia direito o que estava acontecendo – e o impacto que essa decisão teria no resto da minha vida. Íamos sair de uma cidade pequena, onde todos conheciam e respeitavam nossa família, para nos estabelecer numa cidade bem maior, onde a gente não conhecia quase ninguém.

Meus irmãos sentiram muito nossa partida. O João, na quarta série, escreveu uma poesia linda para se despedir:

*Adeus querido Grupo que graças a ti sei ler.
Adeus minha professora que me ensinou a escrever.
Tenho que ir embora, mas irei sentir saudades.
Não há jeito de ficar. Sei que irei contra a vontade.
Deixarei uma rosa plantada para de mim ninguém se esquecer.
Muitas pessoas darão gargalhadas... Outras irão entristecer!*

João Batista

Confiava demais na mamãe. Se ela dizia que tínhamos que ir para Poços, era para lá que eu ia. Depois de 50 anos em Serrania, mamãe estava se lançando ao desconhecido, deixando para trás as irmãs, as tias, sua rotina, as amigas. Suas

memórias mais intrínsecas. Todas as suas referências. O seu porto seguro, numa tentativa de dar o melhor para mim e para meus irmãos.

Nós fomos embora só com as malas e de ônibus. Os móveis ficaram para trás. Meu pai estava morando numa pensão em Poços e não tinha como levar nossas coisas. Nossa situação financeira não era a das melhores. Foi muito difícil. Estava bem ao lado da mamãe quando ela trancou a porta de casa, pegou a mala do chão e seguiu a pé para a rodoviária, sem olhar para trás.

Por onde a gente passava, todas as vizinhas – TODAS – apareceram na janela. E se despediram, cada uma do seu jeito. Desejando boa sorte. Já sentindo saudades. Sabendo que era aquilo tinha de acontecer, apesar de ser tão dolorido. Mamãe não se despediu de ninguém! De cabeça baixa, segurando a mala com força, só ergueu a outra mão para dar um “tchau”. Contido, mas constante.

A pensão Santa Rita onde meu pai estava morando era uma casa enorme, cheia de quartos que a família alugava para outras pessoas. Só tinha dois banheiros. Todo mundo sabia da vida dos outros. E quando alguém brigava, todo mundo se metia. Eu dormia no mesmo quarto que meus irmãos: eu na parte debaixo do beliche, o Fafi na de cima e o João, numa cama de solteiro.

Convivi efetivamente muito pouco com meu pai. Mais ou menos dos oito aos 13 anos. Nossa relação nunca foi de admiração. Meu pai achava que mandava em tudo. Eu enxergava os homens através do olhar das mulheres da minha família. Existe contrário de misoginia? Porque às vezes eu acho que tenho isso. Perdi a paciência para essa presunção masculina de achar que está sempre no topo de tudo.

Dessa relação complexa com meu pai, posso afirmar que a melhor herança que ele me deixou, sem querer, foi nossa mudança para Poços de Caldas. Foi meu “Admirável Mundo Novo”. Onde as portas se abriram e as oportunidades multiplicaram. Tive chance de conhecer muita gente do bem e receber influências positivas. Foi lá que eu me conheci melhor.

Fisicamente, saí de Poços. Mas Poços sempre terá lugar garantido no meu coração.

Meus irmãos foram matriculados em colégios estaduais. O Fafi até começou uma escola particular, mas não deu valor. Mamãe dizia que não ia gastar dinheiro com quem não gostava de estudar. Eu, como era muito inteligente e aplicada nos estudos, fui matriculada no Grupo Davi Campista. E nunca vou esquecer do meu segundo dia de aula da 3ª série.

Era uma criança que tinha acabado de chegar de Serrania. Achei que aquele lugar era só outra escola. Me portei da mesma maneira de sempre, sem perceber que o meu jeito de ser estava “incomodando” alguns alunos. Nunca tinha

passado por isso antes, jamais sequer havia registrado essa movimentação. Mas cada vez que eu abria a boca estava sendo julgada pelos outros garotos, virando um assunto entre eles.

“Jorgina veio da China!” Começaram a gritar no recreio para me provocar. Me chamo Jorge. E sei lá o que eles queriam dizer quando afirmavam que eu vinha da China. Que eu era um homem falsificado? Depois, eles também me chamaram de “mariquinha”, entre outras coisas bem desagradáveis. Se eu enfrentasse, tentasse me defender, a situação piorava. Até na rua mexiam comigo.

Só no leito de morte, mamãe me confessou que foi chamada no Davi Campista. Perguntaram se ela estava ciente que eu tinha um “problema”. Ela então respondeu: “Não é um problema. É a condição dele. E cabe a mim, como mãe, fazer dele a pessoa mais feliz do mundo”. Ela ainda explicou que a gente vinha de uma cidade pequena, onde todo mundo conhecia nossa família e era mais tolerante.

Não sei dizer exatamente quanto tempo mais fiquei no Grupo Davi Campista. Na minha vida, sempre contabilizei créditos e nunca débitos. Ainda sublimava os desaforos naquele tempo. Fingia que não entendia. Para me proteger. É como se eu tivesse apagado esse pedaço da minha memória. Lembro desse assédio e que, depois, em algum momento, fui transferida de colégio.

Não acredito que mamãe tenha me mudado de escola porque sucumbiu ao preconceito que eu estava sofrendo. Muito provavelmente ela percebeu que ali não haveria espaço para meu desenvolvimento pleno e que, ao invés de travar uma batalha constante contra tantas pressões, o melhor – para mim – seria me inserir num outro ambiente. E graças a Deus ela tomou essa atitude!

O Pio XII, colégio onde mamãe conseguiu uma bolsa de estudos graças ao Dr. Sebastião Navarro, foi uma dimensão à parte na minha vida. Era uma escola tradicional, que tinha outro peso, valores. Códigos de comportamento. Delineava seu caráter. Os melhores professores lecionavam lá. Enquanto os pais davam educação, eles davam instrução. Não preparavam seus alunos só para o vestibular, mas para vida.

Até pregar botão eles ensinavam! Os meninos reclamavam e eu dizia que era útil. Fiz grandes amizades. Valéria Poloniato, Ana Ferreira e o Gonçalves. Ah, o Gonçalves... Na aula de música, a gente cantava. A aula de educação artística incitava nossos talentos pessoais. E foi a professora de português, dona Vânia Lúcia Baldini, que me ensinou a ter o prazer de ler e mostrou o mundo através dos livros.

Muito tempo depois, fiquei sabendo que essa professora estava com câncer. Mande uma carta para ela, agradecendo-a por “me dar as armas para me

defender dos afoitos da vida – com a minha cultura, meu gosto pela leitura”. Ela respondeu: “Querido Jorge [...] A melhor defesa que você tem é seu espírito generoso, a alma pura e seu humor cristalino”.

Eu fazia comentários que surpreendiam até a mamãe. “Ele tá lendo”, ela exultava sorrindo. E se emocionou quando finalmente fui escolhida para coroar a Nossa Senhora no colégio! Mas não me vestiram de anjo, como faziam em Serrania. Fui de uniforme. E para compensar, até hoje vou à barraca da Nossa Senhora da Saúde, na festa de São Benedito e levo a Valéria. Ela vai até na procissão. Essa é a minha amiga.

O Pio XII foi uma estufa, onde me cultivaram com carinho.

Outro cenário

A casa em Serrania ficou fechada. Minha tia-avó Maria José ia lá de vez em quando. Mas o tempo, se já era implacável enquanto a gente morava lá, deteriorou tudo depois da nossa partida. Chegou a um ponto em que foi preciso vendê-la. Foi uma negociação difícil, acompanhada à distância pela mamãe. Quando a transação foi finalmente concluída, sofremos um último golpe.

O comprador vendeu uma parte do terreno para um banco que estava chegando à cidade. Resumo da ópera: iam demolir a casa! Nossa família ficou desolada. Ali não era só a nossa casa, era a nossa história. Se a gente soubesse que isso ia acontecer, talvez tivesse negociado de outra forma. Para piorar a situação, a prefeitura da época também achava que a casa estava muito velha.

Não tivemos escolha. A gente não viu a demolição. Foi tia Elvira, que morava a duas casas dali, quem assistiu a esse ultraje. Cada marretada que davam numa parede era uma pontada que ela sentia no peito. TUM. TUM. TUM. Para os outros era só um monte de tijolos. Mas para nós, mesmo sem as paredes e o telhado, restaram as histórias, as risadas e todo o amor que a gente viveu ali.

Em Poços, nossa vida em pensão durou mais ou menos um ano e meio. Depois da Santa Rita, teve a Novo Horizonte, a Santa Catarina. Aí, alugamos uma casa atrás do campo de futebol do Caldense. A bola vivia caindo no nosso quintal. A casa pertencia aos avós de um mocinho muito inteligente que viria a se tornar um excelente e respeitado cardiologista, o Dr. Carlos Newton, um *lord* da medicina.

Então, nos mudamos para uma casa maior. Consegui um quarto só para mim, que enchi de plumas. Meus irmãos dividiam outro quarto nos fundos, eram desordeiros demais. Homens, né? Nós recebíamos muitas visitas de Serrania e Machado. Gente que vinha para um tratamento médico ou porque estava com saudades. Eu cedia a minha cama. E mamãe fazia questão de manter um colchão extra atrás do sofá.

Sempre tivemos animais de estimação. Em Serrania, parecia um zoológico com cachorro, gato, galinha, maritaca. Em Poços, o João achou uma gatinha na

beira do esgoto. Fifi virou a vedete da casa. Depois veio a Xana, uma gata que dormia dentro do guarda-roupa. E elas saíam para namorar. Procriaram dezesseis filhotes. Nosso primeiro cachorro, Bambi, foi atropelado. E aí chegou o Totó.

A Liga Poços-Caldense de Futebol promoveu um concurso de canto numa festa para angariar dinheiro para o time. Cantei “Tamanco malandrinho”, do Martinho da Vila. Achava graça na melodia. No ensaio, a orquestra ficou boquiaberta comigo – tirei de letra! No concurso mesmo, fiquei em terceiro lugar. Mas participei de muitos outros depois desse.

Na Festa das Congratulações, ganhei diploma e troféu. Disseram que eu tinha muito talento e que precisava estudar música. Consegui uma bolsa em um conservatório. Fui estudar canto com dona Aparecida Chirulli porque não tinha piano em casa para praticar. Logo em seguida, o Chacrinha veio fazer um show na cidade – um concurso de calouros, na verdade – com chacrete e tudo mais.

O ginásio poliesportivo estava lotado. O povo ficou maluco vendo aquele bando de mulher gostosa rebolar. As coreografias de *funk* nem se comparam com o que rolava ali: Índia Potira, Gracinha Boa Viagem, Roseli Dinamite. Cada uma tinha uma produção. E eu, ainda menino, no meio delas. Valia uma televisão. A gente não tinha uma em casa. Era nossa grande chance.

Cantei “Nuvem passageira”. E ganhei! O povo me elegeu. Eles me viram como uma criança prodígio. No dia seguinte, quando cheguei no colégio, já era artista. Dois meses depois, o Chacrinha voltou. Cantei “A primeira namorada” (quase uma ironia, porque a letra diz que “a primeira namorada é difícil de esquecer”). E ganhei uma segunda TV lá pra casa. Ficou uma na sala e outra no quarto da mamãe.

Certo dia, saindo de uma das aulas do conservatório, observei um grupo de crianças entrando num lugar diferente. Curiosa, segui a turma pela mesma porta e vi, em cima de um palco, dois meninos vestidos de ETs. Em casa, perguntei para mamãe o que era aquela “caixa grande” que tinha visto. “Aquilo é teatro”, ela respondeu. “É isso que você vai fazer quando crescer.”

Nunca mais me esqueci dessas palavras.

Ouvi no rádio que dona Nicionely de Carvalho, conterrânea do meu pai, de Machado, estava recrutando gente para dar um curso de teatro em Poços de Caldas. Mamãe imediatamente me matriculou. Logo no primeiro dia, me apaixonei! Não só pela arte de atuar, mas também pelo Ronaldo Ortega, pelo Piffer e pelo Anderson Lago, amigos que fiz e que levaria comigo nos anos que estavam por vir.

Tive acesso a uma biblioteca que foi fundamental na minha formação. Soube da história do teatro, li todos os gêneros, as grandes tragédias gregas. Saboreava

cada conhecimento. Apreendi a ler almas. No teatro você tem que sair do seu “eu” e tentar entender o personagem como se fosse outra pessoa. Não pode brigar com o texto. É preciso entendê-lo para o discurso ser verossímil.

Nossa primeira peça foi censurada, apesar de ser um infantil. Ensaíamos, mas não pudemos estreiar. O texto tinha um teor político muito grande e havia censura. Não deixaram passar. Fizemos então, o “Patinho Preto”. Foram três semanas em cartaz, com público pagante. No final, tia Nicinha (como eu chamava a professora) fez um jantar para todo mundo – e ainda me deu um pequeno cachê.

No Pio XII, o teatro foi meu *habeas corpus*. Até participava das aulas de educação física com os meninos. Mas enquanto eles jogavam bola, eu segurava as camisetas e fazia a chamada. Sempre fui muito serelepe, exibida. Minha inteligência garantia uma vaga nos grupos de estudos. Mas era no teatro que todo mundo conseguia me encaixar. Eu vivia ensaiando para a festa junina, para o dia das mães.

Atuei no grupo do Benigno Gaia, da tia Nicinha, por dez anos. Fiz muitos textos infantis, como os da Maria Clara Machado, e estreei minha primeira comédia – “O santo milagroso” – que foi um estouro. Fazia um mascate que entrava cantando “Panela Velha”. Engatei uma peça atrás da outra. Enquanto os outros meninos iam para o futebol, eu investia meu tempo no teatro.

À parte de todos esses grupos, logo surgiram convites para alguns eventos, animações em aniversários de crianças. Cantei em muitos casamentos. O teatro preencheu os espaços vazios da minha vida. Canalizou minha energia. Descobri um jeito de me expressar. De certa forma, até de me disfarçar. Descobri que o teatro tinha o poder de me transformar.

E esse show, definitivamente, não podia parar.

Abre a boca e fecha os olhos

Com dez anos também, me obrigaram a fazer terapia, tratamento psiquiátrico. Naquela época, era mais um “tratamento para deixar de ser veado”. Arrumaram até uma namoradinha para mim, que depois virou sapatão. Essa palhaçada durou até meus dezoito anos. Nas consultas, contava da minha semana. Mamãe entrava em seguida, sozinha. E aí vinham os remédios para eu tomar.

Os hormônios masculinos acabaram com a minha libido. Eram muitos comprimidos, que mexiam demais comigo. Fiquei sonâmbula por causa de tanto remédio. Andava pela casa dormindo e acordava dentro da sapateira. Até fantasiava vendo os músculos dos bofes. Mas com aquela promessa de nunca mais dar motivo para o meu pai me bater, não me entregava a esses desejos.

A primeira vez que vi um pentelho – um pau peludo para ser mais sincera – foi na piscina do clube da Caldense. Fui passar por baixo de um amigo, quando ele me travou com as pernas. Usando shorts meio rasgado, ele me proporcionou uma visão incrível, que nunca mais apaguei da memória. Virou uma das minhas paixões platônicas quando eu nem sabia o que era isso.

Fui dar meu primeiro beijo na boca aos 13 anos. Na escola, todo mundo falava em beijar. Mas só falava. Porque na “hora agá”, a maioria não fazia nada. Fomos ao Palace Hotel, onde acontecia um festival de coral no salão de convenções. O lugar estava apinhado de gente. Nem todo mundo da nossa turma conseguiu entrar. Ficamos do lado de fora, ouvindo as apresentações. Mas de pé, a gente logo cansou.

Decidi tomar um lanche e um dos meninos foi junto. Ele era L-I-N-D-O! Um “bam bam bam” da escola. No meio do caminho, percebi que estava sem dinheiro. A gente foi então espiar os casais que costumavam namorar entre as colunas do jardim logo ali do lado.

Os arbustos bem cheios eram esconderijos perfeitos para casais mais afoitos. Damas-da-noite, com aquela fragrância marcante, e muitas hortênsias enchiam nossos olhos. Era início da noite. No meio do jardim, uma fonte luminosa ia começar a funcionar a qualquer momento. Tudo muito propício. Nós nos

posicionamos atrás de um arbusto para espiar. Eu na frente, ele logo atrás.

Na verdade, o garoto tinha sido rejeitado por uma das meninas – e sabia que eu arrastava um caminhão por ele. Começou uma música linda, com uma solista. Ele sussurrou no meu ouvido que gostava daquela canção. Senti o hálito dele na minha nuca. Fiquei toda arrepiada, desconcertada. A única coisa que consegui responder foi: “Você cheira bala de coco com doce de leite...”

“Isso porque você não viu o gosto”, ele respondeu. E me tascou um beijo na boca. Foi um êxtase. Eu gozei com esse beijo. Foi a primeira vez que tive um orgasmo. Foi a primeira vez que senti tesão. Sem ter ideia do que fazer, disse que não sabia beijar direito. Ele quis me ensinar. Me mandou abrir a boca, colocar a língua para fora... E enfiou a língua dele. Não teve nenhum romantismo. Para ele, não.

O garoto ficou excitadíssimo com aquela situação, me “encoxando” com um baita volume por baixo da calça. Pôs o pau para fora – era grosso, peludo – e eu masturbei ele. Fui correndo para casa, me limpar. Não tem uma única vez que eu não passe por esse jardim – que ainda existe – e não me lembre desse beijo. Do cheiro de bala de coco e dama-da-noite. Daquela boca carnuda. Do susto que eu levei.

Não tinha tratamento psiquiátrico que ia tirar isso de mim.

A herança do meu avô já tinha acabado. Meu pai não parava em emprego. E continuava bebendo. Mamãe se aposentou. Um dia, cheguei em casa e ele estava ameaçando bater nela. Parti para cima. Ele rasgou a minha camisa inteira. Não foi a primeira nem a última vez. Meu pai só parou de bater na mamãe quando meu irmão João o enfrentou numa festa com uma espátula de bolo na frente de todo mundo.

Descobri aos dez anos o poder destruidor da bebida. Num gesto para lá de impensado, no auge do alcoolismo, meu pai fez uma grande bobagem. Foi um trauma muito grande para toda a nossa família. Ele tinha se prejudicado de um jeito que nenhum de nós podia mais ajudá-lo. Afastou-se da gente. No começo, até dava algumas notícias. Mas eram poucas.

A gente tinha pistas de que ele havia ido para o Nordeste, mas não sabia direito. Não tinha telefone. A comunicação era na base da carta. Quando ele escrevia, não punha endereço. Com o tempo, mamãe acabou desistindo de lutar – sozinha – por esse casamento. Apesar de nunca ter havido uma separação formal entre eles, era hora de virar aquela página tão triste e começar uma nova etapa.

Todo mundo teve que arregaçar as mangas. João foi trabalhar num hotel, de mensageiro. Fafi arrumou vaga numa farmácia e, depois, num posto de gasolina.

Cada um ficou responsável por uma conta. O João, que sempre pôs o mundo nas costas, ainda economizava o que podia para me levar para almoçar e comprar roupas e material escolar para mim. Eu era o único filho em colégio particular.

Aos poucos, fomos nos estabelecendo. E sem vitimização. Mamãe nos dizia que, de um jeito ou de outro, os processos sempre acontecem. Que quando você se detém às mudanças, sofre muito mais: “Você para de viver quando desiste de se adaptar às mudanças. Às vezes tem de deixar a maré te levar. Se adaptar às novas ondas, aos novos sabores”. Foi desse jeito que aprendi a rir até de fratura exposta.

Fui conhecer o mar com 15 anos de idade. Nossa situação tinha melhorado um pouco e mamãe me deu de presente uma viagem para conhecer Santos, no litoral paulista. Minas Gerais não tem praia, nem mar. Quando vi aquele monte de água sem fim levei um “banho” da realidade – e foi muito refrescante. Tive que pôr a língua na água para saber se era salgada mesmo.

Essa viagem foi responsável também por outra das minhas “primeiras vezes”. Era moda andar de patins na orla de Santos. Fiquei me coçando para comprar um. Logo fui para Campinas com a mamãe, onde a gente ia na “Muricy”, uma loja de departamentos na região central que tinha de tudo. Foi lá que vi a primeira escada rolante da minha vida.

“O que é isso?”, perguntei – porque quando não sei eu pergunto. Apesar de imaginar a resposta, aquele monte de degrau em movimento era uma baita novidade para mim. “Nossa! Parece que vai pro céu!”, comentei. Tive a impressão de que a escada rolante era imensa, infinita. Subi e desci várias vezes nela. Já era adolescente, mas me sentia uma criança descobrindo outro pedaço do mundo.

Por essas frestas, surgiam pistas de quem eu era.

Lá vem a encrenca

Ao contrário de muitas, minha adolescência foi meio previsível. Durante a semana, arrumei um emprego para ajudar em casa. Comecei embalando condimentos. Depois fui trabalhar em um supermercado. Tive que estudar à noite e perdi toda minha turma de amigos, que seguiu fazendo o primeiro colegial pela manhã. Nos finais de semana, me dedicava mais ao teatro e ia pras baladinhas.

Sábado era dia do clube Carinhoso. Domingo, começava o dia na piscina do Caldense, almoçava na casa do Ronaldo Ortega, ia para a matinê do clube Shock, jantava e terminava a noite dançando na Katê. Eram baladinhas de refrigerante, de homem e mulher. Quando a gente chegava, mamãe acordava e acendia o abajur ao lado da cama só para ouvir as nossas histórias.

Uma vez, meu irmão João estava descendo a rampa da Caldense com a namorada e os amigos quando eu, muito frangamente, falei: “Vou tomar um copo d’água!”. Minha voz deve ter derrapado na curva e capotado três vezes. Ele se sentiu exposto. É ruim quando você é zoadado por alguma coisa que o outro fez e você não pode corrigir. Pela primeira vez na vida, o João quis me bater.

Contei tudo para mamãe, que levantou da cama, foi atrás do João e disse que ele estava proibido de levantar a mão para cima mim. “Se você não estiver do lado do seu irmão, quem vai estar?”, perguntou para ele. Desde esse dia, o João virou um dos meus maiores defensores quando eu saía. Mas as baladinhas foram perdendo a graça à medida que cresci e meus melhores amigos foram embora da cidade.

Todos saíram de Poços em busca de novas oportunidades. Primeiro, o Piffer veio para São Paulo. O Ronaldo foi o segundo a nos abandonar para fazer cursinho em Ribeirão. Ele era minha válvula de escape. Depois, foi trabalhar nos Estados Unidos. E o Anderson se mudou para Campinas, deixando de herança para mim uma vaga na transportadora em que ele trabalhava, a Sitcar.

Fui auxiliar de escritório. Na parte da manhã, cuidava dos arquivos e preparava os cheques para o meu chefe assinar. Naquela época, os cheques eram

nominais, cruzados e endossados na parte de trás. Até hoje, endosso cheques por hábito. Eu datilografava as folhas e os envelopes de pagamento com quase 400 nomes, mexia com telex e ajudava no geral.

Depois de deixar os cheques no banco, almoçava em casa, assistia à TV e voltava para pegar tudo quitado. Já me conheciam nas agências porque eu fazia verdadeiros shows quando entrava. Muito fashion, com óculos espelhados e uma pastinha “tipo 007”, descia a escadaria cantando “New York, New York” em pleno Banco do Brasil. “Lá vem a encrenca”, Hermeliza, uma das caixas, dizia.

Eu batia muito papo com o pessoal que trabalhava nos caixas. Contava minha vida inteira para eles, sempre fazendo piada com tudo. Podia-se fumar no banco e eu limpava todos os cinzeiros, sem parar de falar. Já estava fazendo *stand up* e nem sabia. Aí, levava os recibos para o escritório, saía às 18h em ponto e engolia um café com leite em casa para ir para aula às 18h45.

Fiz uma grande bobagem no 2º e no 3º ano do colegial. Estava na moda cursar colegial técnico e todo mundo dizia que química dava uma boa base para tudo. Nem gostava de química. Ia melhor em história. Só que o Pio XII era mais voltado para administração e contabilidade. Mudei para o tal colégio técnico. Como não tinha uma base condizente com o curso, tive que estagiar um mês antes de começar as aulas.

Eu me esforcei dobrado para acompanhar a turma. Sem contar os inúmeros laboratórios que entraram na programação. Reformei meu avental, fazendo uma “prega macho”, com um pouco mais de tecido embaixo do braço. Flutuava indo para o colégio com aquela roupa esvoaçante. Estudar à noite era um circo. Logo me juntei à turma do fundão e a gente ria muito. Até hoje sou amiga do Olair, da Mirian e da Simone.

Meus irmãos logo se casaram. Ficamos a mamãe e eu – e o Totó. O teatro virou meu maior ganha-pão. Quando não estava em cartaz com alguma peça, fazia esquetes de palhaço em até três aniversários por dia! Dava todo dinheiro para mamãe. Compramos uma geladeira assim – à prestação, claro. Meus amigos desfilavam suas roupas chiques pela cidade enquanto eu só podia admirá-las nas vitrines.

Minha situação mudou, de fato, quando eu menos esperava.

Sempre me vestia de mulher quando mamãe não estava em casa. Punha meia, sutiã. Queria descobrir como era ser mulher. Queria me sentir mulher. Colocava os saltos altos dela e imitava a Gretchen em frente do espelho. Às vezes quebrava a estrutura do salto. “Você brincou com o meu sapato, né?”, ela me perguntou sorrindo num casamento, quando pisou em falso. “Meu pé tá bambo. Eu vou cair.”

Perto dos meus 18 anos, no Carnaval de 1983, duas amigas do teatro, Débora Soares e Rosinha, me falaram de um bloco perto de casa, a “Sociedade Manicômica”, onde o pessoal ia para zoar. Saía antes dos desfiles oficiais da cidade e homem podia ir vestido de mulher. Já me empolguei! Ainda mais quando descobri que cada bloco mandava uma representante para a escolha da rainha do Carnaval.

Estava lendo *Lucrécia Borgia*. Quis fazer um tributo a ela. “Vou de cortesã”, decidi. Arrumei vestido e peruca no guarda-roupa do teatro. Peguei sapato emprestado com uma amiga. Comprei boá de plástico. E tia Nicinha fez um leque de isopor, com brocado, onde escreveu “Lucrécia” com pastilhas. A Nany People já estava dando os primeiros sinais de vida ali.

O desfile ia ser no ginásio poliesportivo da Caldense. Meu irmão do meio, o Fafi, também quis ir. Colocou um travesseiro na bunda e um peitão enorme. O João, mais velho, era muito sério para essas coisas. O Fafi estranhou o tempo que eu levei trancada no quarto para me arrumar. “Mãe, ele tá se empetecendo demais. Tá demorando demais.” Quando abri a porta do quarto...

— Você vai assim? — mamãe perguntou espantada.

— Por quê? Não tô bem? — devolvi sem medo de ser feliz.

Houve um breve momento de silêncio na sala.

— Tá muito bonita! — mamãe finalmente respondeu.

— Eu não vou com você assim, não! — esbravejou meu irmão.

Eu estava LINDA para a época. Quando cheguei à Caldense, foi uma paralisia! Porque tinha aquele monte de demônio vestido de tribufu. Todo mundo estava ali para zoar. Eu fui acreditando! Os caras de tênis. Eu, de salto alto. Até as pernas eu tinha depilado para não fazer feio com a meia arrastão. Quando me anunciaram – tributo à Lucrécia Borgia –, dei um show na passarela.

Um infeliz muito sem graça invadiu meu desfile e destruiu meu boá. Levei um susto. Mas não me deixei abalar. No fim, descobri que não havia competição nenhuma. O baile do “Verde e Branco”, tradicionalíssimo na Caldense, só para associados, realmente elegia a rainha do Carnaval. Mas os blocos de animação só estavam lá para animar mesmo.

Domingo, antes dos desfiles oficiais, tinha de novo a parafernália dos blocos. O Fafi não quis ir daquela vez. Me arrumei toda e fui sozinha, linda, a pé. O povo vinha até as janelas só para me ver passar. Muitos me conheciam do teatro. Acenava de volta para a multidão, mandando beijinhos. Nem meus amigos tinham coragem de me acompanhar, morrendo de vergonha.

Quando o bloco saiu na avenida... Meu bem, eu simplesmente contagiei a arquibancada. Com um peito de isopor gigante, me sentia “a passista”. A energia da Nany People também já estava ali. O povo enlouqueceu – e eu junto com

eles. No meio desse fervor, de repente, eu escuto: “Meu filho!”. Mamãe tinha ido ver os desfiles e me aplaudia toda orgulhosa, com um sorriso de orelha a orelha.

O Carnaval foi só o começo. Passei a me vestir de mulher em festas de aniversário à fantasia. Era uma terapia para mim. Naquele tempo não se falava de transexual. Usava muita coisa do guarda-roupa do teatro. Tinha amigos que faziam roupas sob medida para mim e emprestava os sapatos das minhas amigas Maria Helena, do teatro, e Kenya Carvalho, a filha de um dos donos da Sitcar.

Sempre soube meu lugar. Nunca fiz edital da minha sexualidade. Nunca levantei bandeira. Nunca misturei as estações. A Sitcar era uma empresa de cinco irmãos e 300 motoristas, um ambiente masculino por natureza. Furei a orelha – o que na época era o mesmo que ter um *outdoor* falando “sou veado” –, mas ao invés do brinco, usava um “percevejo”. Ninguém falava nada.

Em casa, o brinco foi uma afronta! Minha tia Elvira ficou sabendo e chamou o João. “O que a senhora quer que eu faça?”, meu irmão explicou para ela: “Ele se sustenta, está trabalhando pelo sonho dele”. Sempre me respeitaram. Sempre deixei claro que a minha postura era tão digna quanto a minha condição de gay atrevida que eu era. Fui ficando mais permissiva comigo mesma.

Podia colocar uma calça estampada – e de prega, para dar mais movimento no figurino. Mas nunca fiz da minha vida pessoal uma manchete. Nunca levei homem para dormir em casa, em respeito a mamãe. Até hoje minha conduta sexual não rendeu sequer um editorial. Sempre achei um absurdo esse pessoal que clama aos quatro ventos suas intimidades.

Já tinha ido longe demais assim... E não dava para voltar!

Quero ser baliza

Aos 18 anos, parei de vez com os hormônios masculinos porque estava travando uma luta interna comigo mesma. E estava perdendo. Mesmo com todos os esforços para me fazer “virar homem” – até no futebol me colocaram – era cada vez mais evidente, para mim, que a figura masculina não era uma referência, mas sim um elemento que despertava a minha curiosidade.

Em 1983, me formei como Auxiliar Técnico de Laboratório de Análise Química Industrial. Fui oradora da turma. Mas nem sabia o que estava fazendo. Só decorei os exercícios e passei. Tive a sorte de não parar os estudos um ano sequer, nem repetir uma série. A verdade é que sempre houve uma cobrança maior para o meu lado já que fui a única a estudar em um colégio pago.

Mais à vontade comigo mesma, todo ano preparava uma fantasia para o Carnaval. Tinha gente que ficava até na expectativa para ver o que eu ia aprontar. Fui de amante do Tancredo. Fui de enfermeira, com uma injeção quilométrica. Fui até de vestidinho preto e colar de *strass* em homenagem a Maria de Fátima (personagem de Glória Pires, na novela *Vale Tudo*). Parei a avenida todas as vezes.

Não pagava para entrar nos bailes e bebia água do banheiro para economizar. Montada de mulher, fugia da família com medo de constranger meu irmão João, que era muito popular na cidade. “Você já viu o seu irmão?”, os amigos provocavam. Pois teve uma noite que ele se encheu, foi atrás de mim no salão, me pegou pela cintura e deu uma volta comigo por todos os cantos. Calou a boca de todo mundo.

A irreverência se tornou minha marca registrada. Acredito que as pessoas me aceitavam porque era artista. O teatro foi minha redenção. Conquistava pelo carisma. Claro que sempre tinha alguns “manés”. Uma vez, mexeram comigo na porta de uma boate. Sem pensar, meti a mão na cara do desgraçado e isso detonou uma briga entre duas turmas rivais. Teve até facada e boletim de ocorrência.

Algumas pessoas já sentiam a minha inquietude. Tia Nicinha era uma que

insistia para eu ir para São Paulo e estudar teatro. Conhecia a cidade por causa das excursões de escola no antigo Playcenter, um parque de diversões, e no shopping Morumbi, onde antigamente existia uma pista de patinação no gelo. Acreditem! Quis até passar a língua no chão para ver se era gelo mesmo.

Voltei a São Paulo depois da maioridade, junto com a mamãe que ia encontrar uma prima que tinha consulta médica ali pela região da Avenida Paulista. Quatro da tarde, nós descemos perto do MASP – Museu de Arte de São Paulo –, e fomos caminhando pelo canteiro central, que nessa época era bem maior. Eu seguia um pouco mais à frente delas. Os carros iam e vinham dos dois lados.

“Como é que tem comida pra esse monte de gente?”, foi o primeiro pensamento que passou pela minha cabeça. Aquele ritmo frenético, aquela quantidade de estímulos... E de repente, por alguma razão não traduzível, entendi que ali havia espaço para mim também. Que ali eu poderia ser o que quisesse. Tia Nicinha estava certa. Eu tinha que vir a São Paulo e estudar teatro.

“Um dia eu ainda vou conquistar essa terra”, mentalizei.

Não tinha condições – financeiras, nem psicológicas – para sair de Poços naquele momento. Mas, uma vez tomada a decisão de ir para São Paulo, tive tempo de me preparar melhor para enfrentar e absorver o impacto que essa cidade ia causar em mim. Sem os melhores amigos por perto (Piffer, Ronaldo e Anderson), mergulhei no teatro e recebi todas as dicas dos veteranos da cena teatral poço-caldense.

Nós nos encontrávamos depois dos ensaios ou das apresentações. Eu pertencia à “nova geração” do grupo, participava das peças infantis enquanto eles faziam textos mais adultos. Eram maduros, experientes. Já tinham ido e vindo muitas vezes para o Rio de Janeiro e São Paulo. Aos sábados, a gente se reunia para jogar baralho ou fazia a “noite da galinhada”. Paulo Piolli, Rosinha, Débora estavam sempre lá.

“Seja sempre um operário da arte”, o Thié, um dos veteranos, repetia para mim. Era ator e tinha também uma floricultura. Disse que se eu quisesse mesmo viver só de teatro tinha que ir para a capital paulista. E mais, me ensinou que era preciso encarar esse ofício com a responsabilidade de um funcionário. Ele me despiu de qualquer vaidade.

Um desses sábados motivou uma guinada na minha vida. Mamãe estava viajando com as apresentações do coral Camargo Guarnieri. Nessa época, meus irmãos, já casados, tinham me dado sobrinhos. Trabalhei na transportadora até a hora do almoço. Cheguei em casa, lavei a escada, encerei a sala. Cuidei de tudo meio que automaticamente. Naquele dia não havia ensaio nem peça de teatro para me tirar dali.

Cansada, larguei meu corpo pesadamente no sofá e me autorizei a relaxar um pouco diante da televisão. Mas algo estava me incomodando. Uma angústia qualquer, que parecia ter sempre estado ali e só agora resolvera se manifestar com mais veemência. Olhei para um lado. Para o outro. Em busca de pistas que elucidassem esse meu estado de espírito.

Foi então que percebi o óbvio: aos 20 anos, eu vinha me transformando na velha da casa. Em pleno sábado à noite, estava ali, vendo TV. Uma nova geração chegando à família – e eu ali, vendo TV. Sobrinhos que, um dia, iriam me perguntar o que eu tinha feito com a minha vida. E o que de fato eu estava fazendo com a minha vida? Vendo a banda passar...

Um amigo tinha me apavorado com uma história do tio dele que precisava tomar remédio por causa de uma doença chamada “depressão”. Que ele foi atropelado pela própria vida e nem percebeu. Terminei de assistir ao filme na TV. E fui para cama determinada a dar um jeito na minha vida. Eu não queria só ver a banda passar. Eu queria ser a baliza!

Tinha lido recentemente *Os caminhos*, um livro de Maria José Dupré, que mais ou menos dizia que, na vida, você escolhe entre ser o caminhante, fazer a caminhada ou ver caminhar. Que todos os caminhos conduzem ao fim, mas que é preciso escolher que papel você quer fazer na sua jornada. Através dessas associações, comecei a traduzir para mim mesma aquilo que estava sentindo.

Teve então o festival de coral no Palace Hotel, onde fui ver mamãe se apresentar. Ao passar pelas colunas do jardim, como sempre, já me lembrei da primeira vez que beijei – era inclusive aniversário dessa data. E quando cantaram *Trenzinho Caipira* alguma coisa aconteceu dentro de mim: *Lá vai o trem com o menino/ lá vai a vida a girar./ Lá vai ciranda e destino/ Cidade e noite a girar.*

Voltei correndo para casa, me sentei no batente da janela e, à luz da lua, senti uma vontade louca de escrever um poema. Precisava tirar o peso daquelas palavras que estavam quase me sufocando. Queria dizer aos meus sobrinhos que só a sobrevivência era ruim, que era preciso fazer coisas divertidas durante a vida. Essa poesia, que depois até ganhou concurso, dizia mais ou menos o seguinte: *Lá vai a vida corrida*

*Lá vai a vida sem vida
Lá vai a vida a passar
Chorando, alegre, sorrindo
Lá vai cantando e gemendo
Seu longo e penoso hino
Que às vezes nos faz chorar
No meio da vida*

*Segue a longa e larga avenida
Que corre junto com a vida
Levando a gente a andar
Todos passam pela avenida
Altos, gordos e magros
Uns alegres, outros não
Alguns bastante floridos
Outros muito bem-vestidos
E outros com mala na mão
Mas pra onde será que nos leva a vida
Que junto com a avenida
Nos leva a algum lugar?
Como será o lugar?
Com largos e abertos sorrisos
Parecendo um paraíso
E com prazeres a nos esperar?
Ou será que é então um fundo e escuro buraco
Sem saídas, sem escadas
E com vozes a chorar?
Mas para achar o lugar
Nós temos que entrar na vida
Que às vezes mesmo sofrida
É linda de se levar*

Acordei na segunda-feira, meditando muito sobre esse assunto. Foi a pior segunda da minha vida. Na terça, fui trabalhar normalmente. Subindo as escadas do segundo para o terceiro andar, cruzei com um colega que estava voltando de férias e sabia fazer todo o meu serviço. Me deu um estalo. Fui direto para a sala da chefia e pedi demissão.

Fiquei surpresa com a reação do meu chefe.

Estava tão decidida a partir que, para me liberar do aviso prévio, inventei que tinha arrumado um emprego num teatro em São Paulo e já tinha até onde morar. “Achar um funcionário como você não é nada fácil”, respondeu Sr. Wolney Carvalho, meu chefe. “Mas se é isso mesmo que você quer, não sou eu que vou te impedir. Se precisar voltar, terá sempre uma vaga aqui pra você.” Fiquei muito emocionada.

Não esperei nem mais um minuto. Saí da transportadora e passei na casa da mãe do Piffer – aquele meu melhor amigo que já estava morando em São Paulo.

Liguei no banco onde ele trabalhava e pedi ajuda: “Eu só quero chegar em São Paulo. Depois você sabe que eu me viro”. O Piffer estava para mudar de endereço lá. Ia sair de férias e vinha para Poços. Disse que falava comigo quando chegasse.

Desnorteada, fui para a igreja de Nossa Senhora de Fátima. Sozinha, com aquele frio na barriga, juntei as duas mãos numa prece e rezei com toda a minha fé: “Minha Nossa Senhora... Nem sei por onde começar. Eu tenho tanta coisa para realizar. E não tenho com quem contar. Eu queria contar com a senhora. Me ajuda a fazer essa minha passagem. Me ajuda a fazer a minha mãe entender a minha decisão”.

Aquela tarde, demorei para o almoço. Mamãe percebeu. Antes que aquele sentimento me corroesse ainda mais por dentro, fui direto ao assunto: “Mamãe, eu não vou voltar pro trabalho. Pedi demissão”. Mamãe se sentou. “Mas pensei que você fosse fazer isso só no ano que vem”, ela balbuciou. Tentei explicar que não podia mais esperar. Que não conseguia mais.

Depois, reuni a família inteira e anunciei minha decisão. Quis deixar claro que ia estudar teatro em São Paulo, ia tentar ser alguém: “Não estou indo para soltar a franga!”. E antes de qualquer contestação, completei: “Para soltar a franga, eu soltava aqui mesmo, inclusive para um amigo de vocês que me canta na cozinha quando vocês vêm tomar cerveja aqui em casa depois do futebol”.

Mamãe ficou tão transtornada com a notícia que, dias depois, virou o pé e teve que engessar. Eu estava fazendo animação numa empresa quando recebi o recado. Meu irmão tinha corrido com ela para o hospital. Mamãe ficou 40 dias sem conseguir colocar o pé no chão. Resultado: não pude ir para São Paulo com o Piffer quando acabaram as férias dele.

Mas não desisti. Pensei na Cinderela, que diz que o sonho é um desejo da alma, que mora dentro da gente. É como estar num barco e querer ir para uma ilha ou vice-versa. Tudo parece difícil. Mas complica ainda mais se você perder a vontade de chegar. “Não” a gente sempre vai ouvir ao longo de qualquer processo. É preciso ter coragem para transformar pelo menos um desses “não” em “sim”.

Alguns meses se passaram até que finalmente consegui me organizar para deixar Poços. O pedido de demissão aconteceu no dia 5 de agosto de 1985. E embarquei para São Paulo no dia 27 de outubro. Vim de “Cometão”, uma companhia famosa de transporte rodoviário. O Piffer, que vinha e voltava praticamente todo fim de semana, ia me acompanhar.

Tem uma música, lançada tempos depois, que me transporta direto para esse dia: “No dia em que saí de casa *Minha mãe me disse ‘Filho, vem cá’*”. Porque mamãe avisou que não ia se despedir de mim na rodoviária, que não era boa com

despedidas. Levantou-se naquela manhã, foi à feira de artesanato. Preparou o almoço, fez uma marmita para mim. E saiu para visitar uma amiga.

Ela havia comprado uma rosca recheada para eu comer quando chegasse em São Paulo. Coloquei minhas coisas num saco de viagem que havia sido da minha avó Maria. Mamãe fingia pouco caso, alegando que eu logo estaria de volta, em novembro, para votar. Meus irmãos estavam trabalhando. Eu saí de casa e desci a rua – sozinha – até a rodoviária.

Quando estava acabando de colocar meus poucos pertences no ônibus, senti uma mão no meu ombro. Era a mamãe! “Eu não podia deixar de te abraçar, meu filho”, me disse com lágrimas nos olhos. Todo mundo começou a chorar. Nós nos abraçamos fortemente, sem pressa. “Eu vou fazer de tudo para não decepcionar a senhora”, prometi. “Você nunca me decepcionou”, ela respondeu: “Não vai ser agora”.

Ali, de verdade, começou a história da Nany People.

Cidade mais que maravilhosa

Em São Paulo, o Piffer estava se formando, trabalhava num banco e ainda era professor. Ele morava com o irmão, Augusto, numa república, com mais três bofes, no bairro do Bom Retiro, num prédio que ficava em frente a uma sinagoga. O apartamento era grande e cada um tinha seu quarto. Para mim, sobrou o quartinho de empregada. Mas o Augusto me acomodou no quarto dele com o Piffer.

Estava deslumbrada. Tinha conseguido! Na primeira noite, deitei no meu canto, mas não dormi. Já tinham me contado tantas histórias dessa cidade. Enxergava tantas possibilidades, criei tantas fantasias. Minha cabeça ficou fomentando sem parar, tentando imaginar o que ia encontrar pela frente. Como numa aventura, sentia a adrenalina – e não só medo.

O ano estava para acabar e eu não ia achar nenhum curso de teatro imediatamente. Antes, tinha que me mexer para arrumar um jeito de pagar minhas despesas. Fui procurar emprego. Saía de manhã, junto com todo mundo. E, sem a chave do apartamento, só entrava de volta quando alguém chegasse. Comecei a descobrir São Paulo. Comecei a viver meu sonho.

Fiz ficha em muitos lugares. Para chegar, ia perguntando aqui e ali, sem vergonha nenhuma. Aproveitava também o passeio. Às vezes, escolhia um bairro e andava sozinha. Provavelmente dando muito mais voltas do que era necessário. Passava por regiões perigosas sem ter a menor ideia do risco. Queria desenhar um mapa detalhado das ruas dentro da minha cabeça.

Escrevia cartas para mamãe todas as segundas, quartas e sextas. Quinze dias depois, voltei a Poços só para votar. Mamãe já tinha alugado – ou estava para alugar – um quarto em casa para o namorado da moça da farmácia, que morava numa cidade vizinha. Descobri também que o Thié, meu amigo do teatro, estava desesperado atrás de mim. Havia uma oportunidade de trabalho em São Paulo!

O ator e diretor Ronaldo Ciambroni (que conheci rapidamente através do Thié, uma vez que ele esteve em Poços) ia estreiar uma peça – *As filhas da mãe* – e precisava de um camareiro para ontem. Topei na hora! Quando estava me

arrumando para voltar, tia Elvira também me entregou a xerox de um pedaço de jornal com um monte de endereços de escolas de teatro em São Paulo.

Ciambroni me contratou imediatamente. Cheguei de manhã no teatro e a peça já estreava naquela noite. Primeira incumbência: achar um salão de beleza nas redondezas para pentear todas as perucas da peça. Pouco tempo depois, fui chamada também para trabalhar no (extinto) banco Noroeste, durante o dia, no departamento de contratos. Saía de casa às 5 horas da manhã.

Fui ainda procurar as escolas de teatro. Li que a EAD – a Escola de Artes Dramáticas – ficava na USP. “O que é USP?”, perguntei. Me responderam que era a Universidade de São Paulo, um complexo de várias faculdades públicas. Também me explicaram como chegar lá – e que era um prédio bem grande. Peguei o ônibus elétrico “Cidade Universitária”, vi um prédio enorme e não tive dúvida. Saltei no ponto.

O portão estava fechado. Achei estranho. Os muros eram altos e não tinha ninguém por perto para pedir informação. Busquei outra entrada, espantada com a grandiosidade daquele lugar. Finalmente alguém cruzou comigo na calçada. “Onde é a EAD – Escola de Arte Dramática?”, perguntei. “É na USP!”, me responderam. “Aqui não é a USP?”, repliquei. “Não. Aqui é o Jockey Clube de São Paulo.”

Ri tanto! Sempre dei muita risada das minhas cagadas.

Minhas funções na companhia do Ciambroni se multiplicaram. Varria o palco, ajeitava os figurinos, fazia o café. Abria a cortina, cuidava da técnica, trocava os cenários. E na hora do intervalo ainda roubava a cena, distraindo a plateia com algumas piadas. Eu passava até as fraldas de pano (que não eram descartáveis) do Rodrigo, recém-nascido, filho do iluminador que era cunhado do Ciambroni.

Nos fins de semana, a campanha “Vá ao Teatro” reunia um monte de artistas em frente ao Teatro Municipal, para distribuir filipetas. Eu ia também. Conquistava o povo pela simpatia. Ganhava em cima do que vendia. Sem muito dinheiro, almoçava pipoca doce. Até o dia em que me convidaram para ir a um restaurante por causa da minha cara de fome. Comi tanto que fui parar no hospital, com uma baita congestão.

Fiz grandes amigos. Sempre fui muito adotada pelas pessoas. O próprio Ciambroni foi o pai que nunca tive. Às vezes, passava o final de semana todo na casa dele porque eu ainda morava muito longe. Dormia no chão, ao lado da cama dele. E a gente conversava bastante sobre tudo. Eu seguia encarando cada momento nessa cidade como uma chance de aprendizado.

Nessa época, já havíamos nos mudado do apartamento do Bom Retiro para uma casa que o Augusto, irmão do Piffer, tinha alugado perto do trólebus, no

ponto final do Mandaqui, bairro paulistano localizado na zona norte. Fomos os três. Só que era muito fora de mão pra mim, sem falar que demorava pra caramba. Aguentei até um dia em que perdi o último metrô e não tinha como voltar para casa.

Fiquei apavorada! Peguei um ônibus para o centro da cidade lembrando de um amigo – Paulo Castro – a quem Piffer havia me apresentado. Ele morava em frente ao teatro Cultura Artística. Lá tinha movimento. Mas eu não tinha intimidade para tocar a campainha. Fiquei sentadinha na escadaria do prédio, esperando o dia amanhecer. Quando deu 5 horas, tomei um café na padaria e fui trabalhar sem dormir.

Descobri que precisava morar no centro. Falei com o Piffer. Outro amigo, Claudinei, também queria alugar um apartamento nessa região. Só precisávamos de um fiador. Mas ninguém podia dizer que era veado. Um programa jornalístico respeitado ainda fez o favor de passar uma matéria sobre “a peste gay”: AIDS. E as pessoas ligavam para a polícia quando sabiam que tinha um homossexual no prédio! Acreditem!

Chegou a hora do espetáculo *As filhas da mãe* percorrer o país – e eu precisei tomar uma decisão difícil. Ainda não tinha desistido de cursar uma escola de teatro. Era para isso que eu tinha vindo para São Paulo. Também não queria largar o emprego estável no banco Noroeste, cuidando de cartões eletrônicos. Com muita dor no coração, tive que me despedir do Ciambroni.

Ele me entendeu. Me desejou toda a sorte do mundo. Mas a cereja do bolo foi que, nessa transição, um amigo dele, Hamilton, acabou me arrumando uma “bocada” incrível. O cara era amigo da bilheteira do teatro Paiol, de propriedade do casal Paulo Goulart e Nicette Bruno. E essa senhora, dona Linda Jordana, depois de anos, queria se aposentar. Aceitei o emprego sem pensar duas vezes.

Também conseguimos um fiador para alugar um apartamento. Mamãe tinha um “afilhado”, Runivam, que estava em São Paulo, trabalhando numa agência de publicidade. Fomos morar numa quitinete atrás da igreja Santa Cecília, a duas quadras do Paiol. Logo depois chegou um primo do Ronaldo para morar com a gente. Cada um tinha sua prateleira na geladeira. E a faxina era no fim de semana.

Mas enquanto eles limpavam, eu só fazia graça, dublagem!

Trabalhava no banco das 7h até as 13h. Almoçava no refeitório e saía correndo. Ficava no Paiol das 14h às 21h, de quarta a domingo. E tinha noite que era um caos. Em 1986, juntei meus trabalhos de teatro e procurei um curso na escola Macunaíma. Pulei o estágio “básico 1” e fui direto para o “básico 2”, ter aula com a Fátima Toledo. Montamos uma peça. Mas não gostei muito do curso.

O tempo voou e eu nem vi. Nas minhas primeiras férias do banco, conheci o Rio de Janeiro. Quando voltei, fui promovida para trabalhar em jornada de oito horas, na implantação de cartões magnéticos. Teria que deixar meu emprego no Paiol – o que muito provavelmente também deixaria meus sonhos para depois. Então, pedi demissão do banco.

Ainda em busca de um curso de teatro, em 1987, meu amigo Anderson, que morava em Campinas, interior de São Paulo, me levou para a UNICAMP, a Universidade de Campinas, para fazer extensão universitária em interpretação. Só que não podia morar lá. Ficava em Campinas de segunda a quarta e depois voltava para São Paulo. Fiz só um ano e meio. Senti falta do aprofundamento em algumas matérias.

Minha grande escola acabou sendo o Paiol. Comecei como bilheteira, mas acabei aprendendo a desempenhar uma série de funções técnicas, de contrarregra até diretor de cena. Foi uma verdadeira aula de como funcionava um teatro – desde as burocracias administrativas até a montagem de uma peça. Tive de novo mais uma chance de fazer grandes amigos.

Participei do “Concurso de Monólogos de Franca” – e ganhei com o texto *Porque os teatros estão vazios*, de Karl Valentim. Ele foi um grande dramaturgo alemão que escreveu textos curtos para apresentar em cabarés. Tinha bastante comédia, mas fazia também uma crítica social importante. Gostei dessa pegada. Guardei mais essa referência (que um dia influenciaria meu texto do *stand up*).

Trabalhar com teatro me dava um prazer enorme. Mas não era registrada. Ganhava pelo que fazia. Depois de sair do banco, me virava para ganhar um dinheiro a mais. Fazia de tudo para sobreviver. Datilografei muito texto. Passava camisas dos amigos que trabalhavam em escritório. Vendi cosmético. Fiz maquiagem em noiva. Só não me prostituí. Eu me adapto fácil. Sempre trabalhei bastante.

Se no trabalho eu evoluía, entre quatro paredes... Continuava virgem. Estava investigando e descobrindo meus desejos. Sexo ainda era meio sujo na minha cabeça. Mais falava do que fazia. Até hoje se fosse fazer tudo o que eu falo, nem andava. Estávamos descobrindo os efeitos colaterais da AIDS. Encanei. E não me contaminei porque não tinha atividade sexual – e nem uma identidade sexual definida.

Não ia para boate nem para sauna. No primeiro *dark room* que entrei, fiz tanta piada que acabei com a libido do povo, todo mundo saiu rindo. Quando Ronaldo Ortega me disse que tinha uma boate com música lenta e que um cara vinha te chamar para dançar, caí na gargalhada. Diziam que eu era diferente: a freira, pudica, chata, travada, moralista. Eu não gostava de quem bebia. Tive uma criação muito ortodoxa.

Trabalhei três meses como vendedora na rua São Caetano, a famosa “rua das noivas” de São Paulo. Meus amigos estilistas me chamaram para conhecer a boate Corintho. Fui pela farra. Mas fiquei hipnotizada com os shows! Eles usavam uma escadaria no cenário e tinha corpo de baile. As estrelas eram 12 travestis. Parecia até Paris. Encontrei uma geração homossexual diferente: criativa, culta, inteligente.

Lá, ser gay não era bagunça.

Prazer em me conhecer

Uma vez por mês, a Corintho, dirigida por dona Elisa Mascaro, promovia festas temáticas: mês das noivas, dias dos namorados. E tinha quem se vestisse de mulher. Não podia ficar de fora. Sem produção, eu parecia o Dunga (da Branca de Neve): cabelo raspado, orelhuda – praticamente um objeto sexual não identificado, um “OSNI”. Mas vestida de mulher, eu me transformava na Branca de Neve.

Descobríamos o tema da festa com antecedência para dar tempo de preparar um modelo especial. Ninguém tinha acesso a grifes, perfumes, produções e afins. Nem havia cobrança do público para que a gente estivesse impecável. Bastava um vestidinho de chita para estar linda. Era mais ingênuo. Ninguém fazia para ganhar dinheiro. Era só para se divertir na porta da boate.

As bichas produzidas zoavam na rua. Virava um curso de Carnaval. Os carros davam voltas no quarteirão. Vinha bofe de tudo o que é lado. Só para ver aquele bando de *drag queens* (artistas performáticos que se travestem de mulher, com o intuito profissional) fazendo show de graça, interagindo, falando texto. A gente sentava no capô, tirava o motorista do carro e gritava para a namorada dele: “É meu marido!”.

O bordão “Não, bem!” virou minha marca. Só os ambulantes faturavam e a boate às vezes chamava a polícia. Tinha quem entrasse só para usar o banheiro. Eu, por exemplo, queria ver bofe. Na boate só tinha veado. Quem eu queria estava lá fora. E foi assim que conheci meu primeiro jogador de futebol, do Corinthians. Passou de carro com uns amigos... e acabou parando. Eu nem sabia quem ele era.

Nos fins de semana, também animava festa de criança. Fazia três aniversários em uma tarde só. Virei até chefe de equipe – o que foi uma grande roubada. Tinha que levar todas as coisas antes numa perua velha e era a última a sair depois de fazer a contagem de tudo. Larguei esse trabalho porque uma amiga garçonzete no Café Piu Piu me avisou que eles estavam contratando. Fui registrada de novo.

Mamãe vinha muito a São Paulo. Foi acompanhando o bordado da minha vida. Conhecia as pessoas com quem trabalhei. Ficou amiga do Ciambroni, do Médici. Ela me ajudava bastante. Ficava o dia inteiro comigo na bilheteria do Paiol, depois ia pro Piu Piu. E quando cansava, pegava um táxi e voltava mais cedo. Ainda morava com o trio: Piffer, Claudinei e Renato. E todo mundo dormia no chão.

Chegou um momento em que festa para ser festa tinha que ter um telegrama animado de uma *drag*. Comecei fazendo aniversários de amigos. Depois, surgiu uma produtora que vendia os telegramas. O contratante preenchia um formulário à mão sobre a “vítima” e enviava por fax. Eu me encarregava do texto, da produção e tudo mais. Cheguei a fazer quatro telegramas numa mesma noite.

De uma festa para outra, decorava o texto – e, às vezes, acabava misturando alguns dados. Era a rainha dos taxistas. Fui musa inspiradora de muitos. Fiz telegrama animado em empresa, em quadra de futebol. Num churrasco com cinquenta homens, fui de enfermeira. Até em casamento distraí as pessoas durante o coquetel, enquanto os noivos tiravam fotos. Minha diversão estava começando a virar uma fonte de renda.

Num fim de noite, depois de uma festa temática da Corinthians, passei no Piu Piu ainda montada só para dar um “oi”. Adoraram minha produção e me pediram para fazer um número. Dublei três músicas. E foi um sucesso – uma grata surpresa para mim que aplaudia, mas até então não almejava fazer esses shows. A partir daí, toda vez que tinha festa na Corinthians, eu passava antes no Piu Piu para me apresentar.

Numa dessas festas, a Kaká di Polly, uma *drag* muito conceituada no meio, que estudou psicologia, me disse: “Querida, você vai longe. Porque não vai ser mais uma. Você tem formação. Vai ser ‘A’ *drag*!”. Já tinha usado peruca chanel preta e uma loira meio “Elke”. Mas apostei na ruiva porque os homens gostam das loiras, casam com as morenas e continuam saindo com as ruivas. E poucas *drags* eram ruivas!

Só precisava de um bom nome.

Sai lacrada de Poços. Sonhava com a minha primeira vez. Tinha cabeça de mulher. Meus amigos transavam atrás da igreja, na moita do jardim do Palace. Eu queria que fosse especial. Uma vez na passagem de ano, usando uma calça de algodão cru cheia de pregas e uma blusa de linho com decote canoa, me senti ultrajada quando me pediram uma chupetinha. Até chorei. Não ia dar essa intimidade!

Desencantei em Serrania, aos 22 anos! Aleluia! Estava passeando com meu amigo Arizinho (que já tinha desencantado – e muito), quando uma paixão

platônica de infância passou de carro. O bofe, que era de família tradicional, tinha crescido e ficado ainda mais lindo. “Eu ajeito ele pra você”, Arizinho me disse. Duvidei! Então meu amigo foi lá, falou alguma coisa e o bofe combinou de pegar a gente atrás da igreja.

“Cadê sua amiga?”, o bofe perguntou quando me viu de bichinha antes de a gente entrar no carro. O Arizinho havia dito que uma “amiga” queria “sair” com ele. “É ela, ué!”, foi a resposta que o cara ouviu como se fosse lógica. Pequena pausa dramática. “Entra logo pra ninguém ver”, o rapaz disse olhando para os lados. Tem homem que é assim mesmo. Tem buraco? Tá dentro...

Seguimos para o cafezal do seu Deúde. Chegando, Arizinho saltou do carro e eu me declarei. Avisei inclusive que era virgem. Rolou ali mesmo, no carrão espaçoso. A lua estava linda. Teve beijo na boca, mas faltou sexo oral. Meio na pressa, foi no cuspe. Gritei para o cafezal ouvir... Não foi do jeito que imaginava. Mas fiz acontecer. Nem entendi direito o que tinha rolado. Só sei que fiquei muito assada.

Foi minha única paixão platônica de Serrania que vingou (e, diga-se de passagem, continuou vingando por um bom tempo). Desse dia em diante, todo mundo que transou comigo levou para cama uma mulher. Nunca levaram o papai que fazia o serviço da mamãe. Nunca rolou o “Agora é minha vez!”. Sempre fui passiva. Deve ser algo no meu hipotálamo...

No teatro, também perdi outra virgindade: saiu meu DRT. Depois de ganhar de novo o “Concurso de Monólogos de Franca” (melhor trilha, atriz, direção e espetáculo), Bárbara Bruno – minha madrinha profissional – me convidou para o “Jovem Teatro Paiol”, um projeto que montava textos do vestibular para universitários: de Camões ao *Auto da compadecida*. Entrei numa peça atrás da outra e viajava bastante.

Enquanto, no palco, vivia vários papéis, na vida pessoal, ainda buscava pistas da minha identidade sexual. Roberta Close era uma realidade distante. Ninguém era capaz de me identificar também. Bastante andrógina, era muito “pintosa” para atrair um gay e insuficientemente feminina, pouco gostosa, para interessar um hétero. Era uma mistura de Monet com Picasso num dia de chuva!

Tomava hormônios femininos. Com eles, a voz, os traços mudam: as ancas dilatam, o peito cresce, a pele vira seda. O esperma e a libido somem. Ereção nem pensar. Tem dias que você só quer uma massagem no pé. Em outros, você fica extrassensorial e goza com o corpo inteiro. Seu humor vira uma montanha-russa. Acho que veio do hormônio a expressão “bicha louca”.

Decidi então que queria ser mulher. Sem contar para minha família, aos 25 anos procurei um médico para começar o tratamento de mudança de sexo. Fiz os exames, a medição dos hormônios. Descobri que fazia a burrice de tomá-los dia

“sim” e dia “não”. Porque além de dar uma facada no rim e no fígado, o corpo não absorvia tudo isso e acabava eliminando pela urina. Aguardei o retorno médico.

Segui viajando com o teatro, conhecendo novos grupos e fazendo amizades. Minha casa virou base para gente que vinha do interior visando fazer testes teatrais. Um desses amigos me indicou para a Escala Produções. Viajei com mais seis pessoas em um trailer para apresentar a peça *A Dama e o Vagabundo* de Blumenau à Brasília, passando por todo o Paraná. Foi uma verdadeira aula de aeróbica e disciplina!

Voltei a tempo de me despedir da Corinto, que ia fechar. Quem não viveu esse momento não sabe o que já foi a noite de São Paulo. Como me diverti... Já tinha assumido o nome “Nany” em homenagem a Nani Venâncio, um ícone da época por causa da abertura da novela “Pantanal”. O “People” surgiu ali, na porta da boate. A Rivo, outra *drag* que se montava, dizia que eu dava “oi” até para o hidrante.

“A Nany é do povo!”, dizia. Virei Nany People! Vrá!!!

Acessório indispensável

Três homens (pelo menos até agora) marcaram minha história. Para preservar as identidades deles, vou chamá-los de “Huguinho”, “Zezinho” e “Luisinho”. Cada um teve um impacto diferente na minha vida. Montada de mulher, conheci o “Huguinho”, em 1992, num baile de Carnaval do Olímpia, uma antiga casa de shows em São Paulo. Sem dúvida, ele foi – e ainda é – o grande amor da minha vida.

Mais jovem do que eu, fazia faculdade de economia e trabalhava na Bolsa de Valores. Loirinho, bocudo, ele estabeleceu um protótipo de homem que queria para mim. Tinha cara de bebê. Quis logo adotar. Sempre prestei atenção nos mais jovens. São mais desencanados, têm muita libido. Sem falar que a bochecha, o joelho, o cotovelo e a cabeça do bilau são a mesma coisa.

Já nos pegamos. Mas não transamos no primeiro momento. Com aqueles beijos nem foi preciso... Ficamos em contato. Começamos um romancezinho. Ele tinha namorada. Vivía me dando carona entre meus compromissos para a gente poder se pegar no carro dele. Vinha me visitar todo final de semana, de madrugada, e sempre me encontrava pronta para consumo, produzida, linda.

Uns seis meses depois, mamãe estava me visitando em São Paulo e eu tinha acabado de chegar do ensaio do teatro. Quando saí do banho, sem peruca nem produção, mamãe disse: “Tem visita pra você”. Dei de cara com o “Huguinho” sentado no sofá da sala. Gritei e voltei para o banheiro. Ele bateu na porta, disse que estava tudo bem. Conversamos na cozinha.

Combinamos que um dia eu ia sair sem produção com ele. Mesmo ressabiada, tempos depois, fomos jantar em um restaurante. Mal a gente entrou no lugar, ele viu uns amigos e disse que ia cumprimentá-los. Aleguei que precisava ir ao banheiro e não voltei mais. Fugi. Senti vergonha. Falamos tempos depois. Assumi que não consegui segurar a onda.

Tinha 27 anos quando fui considerada apta para fazer a cirurgia de mudança de sexo. Não estava muito certa dessa decisão. Tinha medo de me perder. Das amigas que tinham feito, uma se matou e, a outra, nunca foi feliz. Gente que era

220 plugou nos 50. Acharam que iam virar mulher porque conseguiram uma neovagina. Mas a emenda ficou pior do que o soneto.

Os homens nem chegavam perto porque achavam que a cirurgia era uma rejeição ao próprio falo. Diziam também que as pessoas saíam mutiladas, que as bichas saíam urinando por trás. Não dava para fazer a cirurgia achando que ela ia te dar o salvo-conduto para entrar na igreja de véu e grinalda. Resolvia-se uma questão fisiológica, mas os problemas só mudavam de nome e, às vezes, se multiplicavam.

Além disso, quando mamãe ficou sabendo, pegou um ônibus e baixou na porta de casa. Oprimida pelo universo masculino do meu pai, ela não queria que eu sofresse as catástrofes, injustiças que ela sofreu. Eu era homossexual, mas ainda era homem. “Não faça isso. Vagina não segura ninguém. Se vagina segurasse homem, seu pai não teria tido um filho com uma empregada.” Ela também tinha medo que eu morresse.

Ali, decidi que não faria a cirurgia. Jurei para mamãe! Bendita hora em que fiz isso. Porque essa é uma questão cheia de controvérsias até hoje. Ninguém fala muito do pós-operatório. Ninguém explica que a autoadequação continua até o último suspiro de vida. Avisei o “Huguinho”. E anos mais tarde, perguntei se isso contribuiu para o fim da nossa relação. “O que me prendeu a você foi a sua energia”, ele me garantiu.

Mas às vezes, você fala um “não” e a vida te dá um “sim”. Outra *drag*, chamada Kaká de Lima, me procurou na bilheteria do Paiol. Precisavam urgente de mim!

A boate Gent’s era famosa pelos seus shows. Já havia gravado minhas apresentações do Piu Piu e tentado entrar na noite. Mas diziam que eu não fazia o perfil da casa. Iam estreiar uma novelinha de fim de semana chamada *A sacada da mona*, baseada na novela *A próxima vítima*, da Rede Globo. Márcia Pantera era a estrela. Mas se pendurou fazendo show, caiu, quebrou as costelas e precisava ser substituída.

Era para ontem. Entregaram o texto no domingo de manhã e estreamos à noite. Felizmente deu tudo certo. O diretor do espetáculo, Beto Ribeiro, me perguntou depois onde é que eu estava esse tempo todo. “Na minha casa”, respondi. Disseram que eu ia longe. *A sacada da mona* durou um ano e meio. Finalmente – só em 1993 – ganhei dinheiro de verdade com a “Nany People”.

Além da novelinha, havia ali dois tipos de shows: dublagens ou texto (uma espécie de *stand up*). Ligaram para mim quando uma das estrelas que fazia texto teve de faltar. Criei uma personagem caricata: a Railda, uma faxineira que se casou com um gringo e virou vedete no exterior. Saía do balcão e terminava no

palco. Fazia texto e dublagem. Devido à minha formação teatral, meu leque de atuação se diversificou.

Fazia coisas como *drag* que as outras não faziam. Tinha o poder da fala. Como eram poucas que faziam, a pilha do microfone durava mais. Não precisava inovar sempre, o número podia ser mais simples – o que garantia vida mais longa na noite. Da Gent's fui fazer a Resumo da Ópera e não parei mais. Apesar de ser uma boate hétero, a Resumo me recebeu como estrela e me ajudou a ter um vocabulário diferente.

No meio disso tudo, mamãe descobriu que o meu pai tinha virado mendigo em São Luís do Maranhão. Procurado pela polícia, ele nunca teve trabalho fixo, não podia apresentar documentos. Então, ficava vagando. Passou até fome. Ao saber que ele estava doente, mamãe fez um empréstimo no banco para buscá-lo. Mais do que isso: ela queria que eu o recebesse em São Paulo para se tratar.

Eu morava numa quitenete. Tive de comprar de panela a colchão a fim de receber meu pai. Ele veio, bem humilde. Mas não tinha parado de beber. Continuou bebendo e aprontando lá em casa – até eu colocá-lo para fora, três meses depois. Não ia permitir que ele fizesse da minha vida o que fez da vida da mamãe. Meu pai foi ser caseiro no interior. E mamãe mandava dinheiro para ele.

Os shows passaram a ser praticamente diários. Às vezes eram vários números numa mesma noite. Depois dos telegramas animados, começava numa boate na rua Santo Antônio – onde conheci minha grande amiga Sylvette Montilla –, e só parava de manhã. Foi nessa época (há mais de 20 anos) que comecei na boate Túnnel. Lá era como se fosse a minha casa!

Fazia números elaborados. Entrava de freira e virava sadomasoquista, na dublagem “chicletão” (mexendo a boca como quem masca chiclete para parecer que estava cantado). Nos shows, supria a necessidade de me sentir mulher. Exercitei meu lado feminino. Numa clínica clandestina, coloquei metacrilato, uma substância injetável utilizada em preenchimentos, no glúteo e no quadril. Mas uma vez caí e amassei tudo.

Minha vida sexual já estava mais animada. Às vezes dava “uns pegas” nos *gogo boys* antes de entrar no palco. Sempre me divertia em uma boate onde não trabalhava. E terminava a noite comendo cachorro-quente na porta da balada. Comecei a fazer shows em outras cidades. Uma bicha indicava a outra. Era bate e volta. Não tinha carro para pegar artista, nem camarim. A gente ralava para caramba!

Já esperei muito em banco de rodoviária e já viajei o dia inteiro de ônibus – às vezes para descobrir só quando chegava à cidade que um infeliz pegou o dinheiro da produção do show e fugiu. Perdia o dinheiro da passagem. E perdia um sábado em São Paulo, que correspondia praticamente a um quarto do meu

salário. Começaram também a usar meu nome para encher boate, sem eu saber! Não tinha internet.

Depois, mentiam que eu tinha cancelado de última hora e o povo se revoltava. Alguns profissionais da noite começaram a se ofender com a nossa relevância. Diziam que *drag* não era tudo isso. Houve uma banalização do mercado *gay*. Qualquer um achou que podia ser *drag* ou abrir uma boate. Falavam que era GLS porque dava dinheiro. Mas não era todo mundo que pensava, de fato, no atendimento desse público.

Gay não é burro. Simplesmente para de ir.

Em Poços, a casa do meu irmão João sempre foi centralizadora. Se eu fosse para lá, era onde almoçávamos no domingo. Réveillon não tinha outro endereço. Mas em São Paulo, eu virei a referência. Eles vinham passear e me visitar pelo menos uma vez por ano. Chegavam de ônibus, ficavam em casa onde só tinha um fogão de duas bocas. Assistiram a todos os musicais infantis que participei.

Foi ficando complicado conciliar a noite com o teatro. Eu ainda fazia aulas de dança no clube Círculo Militar, com a Dina Perry, mulher do Paulinho Goulart. Tenho os braços firmes até hoje por causa do balé. Percebi que estava chegando o momento de deixar algumas coisas para trás e abrir espaço para outras. “Se você não muda com a vida, a vida muda com você”, mamãe sempre me dizia.

Primeiro, saí do Piu Piu. Depois, deixei o Paiol, finalizando uma parceria de dez anos. Não tinha como crescer nesses empregos. Estava chovendo no molhado. Queria desafios. Foi então que a noite veio com tudo! A alameda Itu, nos Jardins, fervilhava nos fins de semana. Era o metro quadrado mais *gay* da América Latina, com vários restaurantes, boates. Fui madrinha do Allegro, um bar muito popular.

Os anos 1990, sem dúvida, foram das *drags*. Chegava em um lugar e já te davam um *kir royal* (drinque feito com licor de cassis mais champanhe). Tomava quatro, ficava turva. Mas não caía do salto. Subia até em cima do balcão para dublar uma música. Depois, jantava – com direito a *petit gateau* de sobremesa – e voltava para casa a pé, sozinha, seguindo pela rua da Consolação até chegar ao bairro de Santa Cecília.

Criava minhas produções. Era tudo exagerado. Ninguém usava cílios postiços, era um “toldo”. Não era sapato plataforma, eram 20 centímetros acima do nível do mar. Não era cabelo, era uma instalação. Não era maquiagem, era uma argamassa. Era o feminino elevado ao cubo somado com o quadrado. Nunca tive permuta, sempre paguei tudo. E até hoje é assim. Porque se não gostar, eu grito.

Não se repetia roupa. O vestido de chapinha que o Celso Werner fez para mim foi um acontecimento, todo em plaquinhas de metal, o de pérola do Valério

Araujo também. Não adiantava revender porque ninguém ia dar o devido valor. Então, guardava esses figurinos, doava. Hoje, não quero saber. Repito roupa mesmo! Minhas bolsas bordadas por Mauro Mitiko viraram minha marca – e ele, o meu porto seguro.

Foi uma fase gostosa. Conheci mais gente que virou amigo para a vida toda. Pagava-se bem e o dinheiro vinha rápido. Ganhava mais do que um amigo médico que fazia plantão. A noite me deu poder aquisitivo para viabilizar sonhos, que só o teatro não dava. Teve um Natal que dei seis micro-ondas de presente. Sempre ajudei a criar meus sobrinhos. Paguei dos colégios até as botinhas ortopédicas.

Infelizmente, vi muita gente boa, talentosa, se perder nas curvas da noite, na possível euforia que as drogas proporcionavam. Não permitia que consumissem na minha frente. Você entra nessa porque quer. Ninguém enfia a droga goela abaixo de ninguém. Se não fossem os dogmas estreitos do “Jorge”, a “Nany” não teria sido salva dessa noite. Se a “Nany” salvou o “Jorge” da vida, o “Jorge” salvou a “Nany” da noite.

Como transitava em outras áreas, nunca me prendi ao universo pequenininho da noite. Não me perdi de mim mesma. Minha plataforma sempre foi o teatro. Nunca me envolvi nas picuinhas do meio. Quando começava um bochicho, ia tirar satisfação. Leva-se uma vida para fazer um nome e basta um “eu acho” para acabar com tudo. Pensam duas vezes antes de falar de você quando se é transparente nas equações.

“Não sou uma qualquer”, me inspirava em Alcione: “Nunca fui e nunca serei”. Não estudei em colégio pago à toa. Nunca dormi até as quatro da tarde. Não era esse tipo de *drag*. Quebrei paradigmas. Foi um escândalo quando depilei as penas para me apresentar na Gent’s sem meia. Foi um acontecimento a revista *Ok Magazine*, especializada no segmento, me colocar na capa com o título de “*Drag* multimídia”.

Enquanto as outras chegavam e saíam de bonezinho e camiseta, eu já vinha de casa maquiada e produzida. Não ia a camarim de boate perder tempo com fofoca. Aprendi desde cedo que bancada é lugar sagrado. Nem batom emprestava para colega mão de vaca que achava aquilo a festa do caqui. Meu avô sempre disse que “quem usa sem lei, morre sem honra”.

Ninguém se metia à besta comigo.

Um tal de Vanderlei

Em 1996, fui fazer o espetáculo infantil *A Dama e o Vagabundo* no teatro Imprensa. Descobri que a Nani Venâncio estava produzindo e atuando em uma peça lá também. Depois de um show na Gent's, fui ensaiar de madrugada e nos conhecemos. “Estou esperando um ator e veio uma mulher?”, ela disse. Falei que tinha um personagem inspirado nela. Passei a ser chamada de afilhada.

Meu irmão João soube que meu pai estava internado no hospital da Unicamp, precisando de cuidados especiais. Mamãe disse que ia buscá-lo porque, afinal, era o pai dos seus filhos. Foi com meu irmão Fafi. Chegando lá, descobriram que ele estava com uma safena na perna devido a uma trombose. Tinha fumado a vida inteira e desenvolvido diabetes. Fafi cuidou dele. Eu ajudava com mantimentos.

Um mês e meio depois, meu pai teve que amputar a perna. E foi para a casa da mamãe. Eles não viviam mais maritalmente (apesar dele querer história), dormiam até em quartos separados. Mas mamãe continuava dando satisfações para ele. Perdeu a liberdade, ficou presa dentro da própria casa. Dizia que as mulheres da sua geração eram de um homem só.

Pouco tempo depois, tocou meu BIP. Era da equipe do jornalista e apresentador Goulart de Andrade. Achei que era para fazer um telegrama animado. Não me deram uma data para o evento e pediram que eu fosse até um endereço. Achei um absurdo! Se tivesse que conhecer o espaço onde ia fazer meus telegramas, não daria conta. Afinal não era decoradora. Ainda assim, fui. Descobri que se tratava de uma produtora.

Mal cheguei, me colocaram um microfone de lapela e me jogaram em um estúdio com seis pessoas sentadas à frente. “Apresente-se”, disseram. Mandeí um texto. Morreram de rir. Até que um deles, o redator Antônio Albuquerque, vira para mim e pergunta: “Onde você estava esse tempo todo?”. Era a segunda vez que ouvia essa pergunta em um curto espaço de tempo.

— Você topa fazer? — perguntaram.

— Fazer o quê? — respondi, perdida.

— Você não está sabendo? Ninguém avisou nada para ela? — eles comentaram entre si.

— É para fazer um telegrama animado? — disse humildemente.

— Você vai fazer um “correio” aqui!

O próprio Goulart me levou até a sala dele. Embaixo de uma pirâmide no centro da mesa tinha um projeto: o “Novo Comando da Madrugada”, que ia estreiar na TV Manchete. Dentro do programa, havia um quadro, “Abafando no bafom”, que ia abordar as atividades da noite. Disseram que eu era a pessoa certa para aquilo. O encontro havia sido um teste. E eu tinha passado! Como falar “não”?

Minha primeira matéria foi no aniversário do irmão de uma famosa. Encontrei a equipe lá. Não tinha diretor. Ligavam a câmera e eu ia falando com o povo todo. Não conhecia quase ninguém – e ninguém sabia quem eu era. Antes da festa começar, no camarote, conversei horas com uma loira linda, que só depois descobri ser a modelo Shirley Mallmann. Foi o primeiro de muitos foras “naníticos” que dei.

Encontrei nesses eventos muita gente famosa. Como a turma do Fat Family, por exemplo. Já cheguei dizendo que os adorava e cantei uma música da Pepe e Neném. Nessas horas, mandava um “Vem com a Táta” e saía mais louca que o Batman! Deviam pensar que eu estava turva. O teatro me deu essa canja, essa rapidez. Aprendi televisão fazendo. Achava que *delay* [atraso do som] era um tal de “Vanderlei.”

Quando minha primeira matéria foi ao ar, coincidentemente foi meu último dia de trabalho no Resumo da Ópera. Fiz a segunda no quiosque Rainbow, no Rio de Janeiro. Numa boa! A terceira seria no quadrilátero dos Jardins, meu habitat natural. Já ficaram meio “assim” quando ligamos a câmera. Na hora em que a gente ligou a luz, saiu bicha correndo para tudo o que era lado. Foi um fiasco!

Percebi que não poderia ficar presa a nenhum universo. Estava lendo *Quem mexeu no meu queijo?* e aprendi que nosso meio de vida pode virar nosso meio de morte se só dependermos dele. Tinha de ser plural. Queria falar sobre tudo. Comecei a fazer estreias de teatro, camarins. Abri para vários segmentos. Do Instituto Butantã, ao Museu dos Transportes, passando pelos bastidores de filme pornô.

Minha proposta era associar informação com diversão. O dramaturgo Bertold Brecht dizia que no teatro “qualquer discurso para ser pertinente tem de ser bem-humorado”. Sempre pesquisei muito. Fazia associações de ideias para decorar as informações. A história tinha que ser divertida primeiro para mim, porque assim eu memorizava mais rápido e podia contá-la com prazer.

Fiz uma matéria sobre o pintor Monet (pintor francês do século XIX) no MASP e disse que ele e eu tínhamos tudo a ver. Enquanto ele era impressionista, eu também impressionava. Se de longe seus trabalhos tinham forma e de perto eram borrões, essa era também a minha condição. Que ele era Monet e eu era “mona”. A diretora do museu mandou até uma carta de agradecimento pela forma como a matéria foi feita.

Naquela época, para reforçar o orçamento, trabalhava nos finais de semana nas feiras de roupas do Mercado Mundo Mix e, com o calor nos galpões da Barra Funda, carregava um leque para cima e para baixo que acabou virando claquete para câmera. Quando eu o abanava, o barulho era engraçado. Dava um susto nas pessoas. Era também com o leque que eu dava um ponto final nas matérias.

Foi aí que criei mais um bordão: “Fui!” Vrá!!!

Numa dessas matérias, em um restaurante, fui apresentada a uma mulher muito bem-vestida, chamada Ana Fadigas, que estava em vias de lançar uma revista *gay*, a *Banana Louca*, que depois veio a ser a *G Magazine*. Ela disse que eu podia fazer o que quisesse na revista. Pedi uma coluna com crônicas comportamentais e liberdade para escrever sobre qualquer tema.

Dava um trabalhão. Criava um modelo, fazia as fotos. Escrevia na véspera da entrega, na pressão. Usava máquina de escrever e mandava o texto por fax. Depois, revisava e aprovava o *layout* de tudo. Tinha um cuidado muito grande. Se algo saía errado, “tia Nany” já quebrava o pau desde a recepção da redação. Como dizia Mae West: “Quando eu sou boa, eu sou ótima. Mas quando eu sou má, eu sou melhor ainda”.

Em 1998 havia um programa juvenil na Manchete, o *Guerra é guerra*, que reunia equipes de escolas para um show de talentos, em que os jurados eram trocados toda semana. Mas acabei indo direto, me tornando residente e ganhando até cachê. Pego vínculo fácil. Nesse mesmo ano também viajei com a peça *Um homem é um homem*, de Brecht, cujo centro da ação era uma mulher – no caso, interpretada por uma *drag*.

Trabalhei com o Goulart de Andrade até fechar a Manchete, em 1999. Milagrosamente, o Amaury Jr. me chamou para ser repórter do *Flash*, na Bandeirantes, meses depois. Não fizemos contrato. Seria avulso, esporádico, porque nem tudo me cabia. O Amaury dizia que, na minha boca, o duplo sentido não soava agressivo. “Amaury, querido!” foi a frase que marcou minha passagem pelo programa.

Ganhei outra envernizada, outro matiz. Outro público, outra facção da sociedade. Além de tudo o que já fazia, fui a grandes eventos beneficentes, festas

chiquérrimas. O *staff* foi melhorando. Tinha produtores agora. Seguia sem texto, improvisando em cima de tópicos. E isso durou quase um ano e pouco. A televisão e a revista foram me dando um novo *status* até no meio *gay*.

A *G Magazine* sofreu retaliações por minha causa. Depois de fazer show de graça para comprar a bandeira da Parada Gay e participar de três desfiles, larguei mão quando entrou dinheiro público nas ONGs que organizam o evento. A Parada virou uma micareta. Achei que o movimento não estava indo para a direção certa. E a revista foi retalhada em praça pública porque eu não subi no carro de som da revista.

Comecei a dar meus discursos. Cobrava mais do que levantava bandeira. Começaram a prestar atenção em mim e ver que eu tinha alguma razão. A minha “Parada” era todo dia. Era “a vida como ela é”. Respeito, para mim, você tem de conquistar primeiro em casa. E sem enfiar goela abaixo de ninguém. Que orgulho é esse de *gay* que apronta todas na Parada e depois volta para o armário no resto do ano?

Responde para mim! Que orgulho é esse?

Pouco tempo depois, em 2000, o Goulart ia alugar um horário na Gazeta. Ofereceu um contrato para mim. E eu vou “onde canta o sabiá”. A Gazeta era um desafio maior. O dinheiro, apenas consequência. Ele sempre me respeitou. Meus patrões, mesmo depois de desligar a câmera, sempre foram queridos comigo. O Goulart se empenhava para me dar credibilidade. Ele me endossava, me apresentava como se fosse uma filha dele.

Fiz uma matéria sobre a paixão de ser corinthiano, começando na rua José Paulino, onde o time surgiu. O Goulart esbravejou quando fui barrada no Parque São Jorge. Entrei no treino, vestida de Cruela, e a bola parou. A imprensa esportiva voltou-se para mim. E no dia seguinte, eu era manchete da *Gazeta Esportiva* (“*Drag queen* grava no Parque São Jorge”) ao *Notícias Populares* (“Traveco arrasa Timão”).

Nessa fase do Goulart, fiz grandes festas, grandes eventos. Entrei em todas as instituições conservadoras. Até em uma sala anexa à bolsa de valores, onde “mulher” não podia ir. O programa era diário, de segunda a sexta. Fazia três matérias por dia e, às vezes, tinha que tirar leite de pedra. Madrugava, trocava de roupa no carro. Fazia de tudo. Aprendi até a pautar. Tudo rendia assunto.

Aprendi muito sobre a linguagem da TV. Tinha paciência de aprender e perguntava, sem nenhuma vergonha, quando me deparava com algo que desconhecia. Descobri que o “Vanderlei” não existia. Aprendi a editar, focar os temas, não ficar tão solta, não ser prolixa. Na frente do microfone, você vai fazendo. Mas atrás você pensa! Saca que não pode falar tanta bobagem se não

tiver como mostrar.

A exposição da minha condição sexual veio naturalmente, por tabela. Já tinha me assumido *gay* em rede nacional no programa da Sílvia Popovic. Disse que, enquanto mamãe se orgulhava de mim, tinha minhas diferenças com o meu pai. Em um programa da Márcia e do Leão Lobo, fizeram uma surpresa. Meu pai me disse por telefone uma frase que me fez chorar muito: “A Nany foi a filha que eu nunca tive!”.

Teve um período em que o Goulart fez uma cirurgia e não podia gravar. Apresentei o programa por três semanas, chamando as matérias que eu mesma fazia. Me deu um “ziriguidum”. Não ganhei um centavo a mais. Mas conquistei outro tesouro. Foi uma experiência bastante rica, onde pude exercitar várias teorias na prática. Mais uma vez foi dando a cara a tapa que recebi as bofetadas e também os carinhos.

Depois de ser bem parida, na vida pela mamãe, no teatro pela tia Nicinha e pela Nicette Bruno, e na TV pelo Goulart e pelo Amaury, estreei na maior emissora de rádio do país, a Jovem Pan. O Dr. Jairo Bouer apresentava o *Zíper*, um programa sobre sexo onde pessoas ligavam para falar dos seus medos. Ele precisava de alguém como eu para quebrar o clima de consultório. Topei na hora!

Fui também entrevistada no *Pânico*, também da Jovem Pan, e coloquei aquela turma “no bolso”, como disse Tutinha, o dono da rádio. Passei a fazer o programa deles uma vez por semana. Sentava entre o Bola e o Ceará. Ninguém era homofóbico. Foi onde me destaquei com os bordões “siiiiiiim” e “entãaaao”. Era um “salve-se quem puder”. Rádio foi outra escola. Era tudo ao vivo. Falou estava falado.

Já no *Zíper*, tive muitas aulas de sexo. Soube o que é priapismo (ereção dolorosa independente de desejo sexual, durante um período superior a duas horas), que pode até quebrar o pênis. Ouvi falar da magia do clitóris. Mas quando percebia que era sacanagem do outro lado da linha, eu era pior do que madrastra. O Jairo dizia que eu era uma *drag* xiita, muito intempestiva. Para mim, menino era menino, menina era menina, macaco era macaco e veado era veado.

Por exemplo, o cara ligava e falava que saía com amigo:

— A gente fica só nós dois! — confessava.

Silêncio na linha.

— Mas tem envolvimento? — eu perguntava.

— Sim.

— Há fornecimento?

— Sim.

— E o que você quer saber?

— Se eu sou veado...

— Nãaaaaaaao! — eu ironizava. — Isso é coisa que puseram na sua cabeça.

Fiquei sabendo de gente que quase bateu o carro me ouvindo falar essas coisas. As pessoas paravam para dar risada. Pediam para tirar fotos quando me conheciam pessoalmente. Essa intimidade também foi criando uma empatia junto aos entrevistados famosos que passavam pelo programa. Quando o Jairo deixou a emissora, eu saí junto. Tinha conquistado agora um público adolescente.

Agora só faltava as avós!

Uma gracinha

Quando a revista *Marie Claire* fez sete anos, publicou um artigo sobre os sete pecados capitais. A luxúria foi representada por quatro *drags tops* que estavam na mídia da época: eu, Dimmy Kieer, Veronika e Salete Campari. Cada uma tinha um adjetivo-título. Eu era a multimídia. Falamos sobre as histórias da noite, demos dicas para seduzir um homem, entre outros assuntos.

Em função dessa matéria, a Hebe Camargo nos chamou para sentar em seu sofá em uma noite. O programa estava cheio de convidados. Acabei ficando em um pufe. Quando ela falou comigo, confessei que um dos meus sonhos era sentar no sofá da Hebe. “Mas você está no pufe”, ela riu. Disse que me adorava no Goulart e me pediu para entrevistar a plateia. Ficou encantada comigo. Sentei plebeia, levantei princesa.

O Goulart decidiu vender a produtora dele (que viria a se tornar a All TV – a primeira televisão por internet do país) e ele parou de me pagar. Meu contrato era lindo... se fosse cumprido. Meu pai estava doente. Ia precisar amputar a segunda perna. Eu estava devendo um bom dinheiro. Fiquei magoada por ele não estar acertando as contas comigo direito.

Foi um período muito triste, amigos estavam falecendo por doenças decorrentes da AIDS. Era uma realidade muito chocante que só quem viveu sabe o que foi. Mas não fiquei de braços cruzados. Eu tinha uma bonequinha que anunciava na *G Magazine*, com o slogan: “Leve a Nany para nanar”. Estava em busca de patrocínio para vender a boneca e ajudar crianças portadoras de HIV.

Numa quinta-feira, fui gravar o *Programa Livre*, no SBT, e levei a bonequinha. Iam falar sobre o mercado GLS, que dava dinheiro. No camarim, liguei para uma das produtoras da Hebe, Marcella Martins. Ela me pediu para mostrar a boneca – com exclusividade – no programa ao vivo, na segunda-feira seguinte. Não ia nem sentar no sofá, só ia passar pelo bar. Na sexta, pedi demissão do Goulart.

No dia, peguei um modelão bem chamativo – o tal vestido de chapinhas do Celso Werner –, e fui para o SBT. Levei duas bonecas diferentes. Conteí para a

Hebe que tinha saído do programa do Goulart. “Quem sabe você não vem fazer matérias aqui pra gente?”, disse ela espontaneamente. Se já tinha levantado naquele sofá como princesa, nesse dia virei rainha.

Terminado o programa voltei para casa levitando de felicidade. Uma e meia da manhã, Marcella Martins me liga:

— Deusa? — era assim que ela me chamava. — Está sentada? Então, senta. A Hebe quer você!

Meio atordoada, até me apoiei na poltrona.

— Eu de novo? — perguntei, confusa. — Arrumou patrocínio para a boneca?

— Ela quer você de REPÓRTER!

Eu ia ser contratada pelo SBT. Dei um pulo e um grito! Larguei o telefone e ajoelhei diante do oratório de Nossa Senhora de Fátima que tinha lá em casa. Agradei tanto. Tanto! Comemorei tanto! Foi uma das maiores alegrias da minha vida. Eu me lembro do gosto da felicidade, da pulsação que senti naquele instante. Só não podia contar para ninguém ainda.

Porque eles tinham um plano para mim.

Vinte dias depois, estava fazendo minha primeira matéria para o *Hebe*, na clínica da Yara Baumgart. Um *link* ao vivo de três minutos. Ali foi outro grande aprendizado. Tinha que levantar, desenvolver e assinar a matéria, interagindo com a apresentadora, exposta aos comentários dela. Tinha um *delay* – meu “amigo Vanderlei” – ainda me perseguindo. No fim, deu tudo certo!

Aprendi a ser ainda mais direta nos raciocínios, ter mais humildade. Mesmo as matérias gravadas duravam três minutos. Em televisão, você grava uma peruca para ir ao ar só um fio de cabelo. Revisitei algumas pautas. Fiz todo tipo de matéria, incluindo duas viagens para Portugal viabilizadas por Paulo Machado, vice-presidente da Casa de Portugal. Às vezes, demorava três dias para gravar uma única tomada. Consumia muito do meu tempo.

Diminui drasticamente minha participação na noite. Era difícil conciliar as duas agendas. Quando marcava um evento e aparecia matéria para fazer, tinha de pagar a passagem do meu bolso para conseguir chegar a tempo em todos os lugares. Não compensava. Usava um figurino por gravação. Desenvolvi ainda mais o meu lado produtora de mim mesma.

Tinha uma relação especial com essa produção, uma engrenagem que não falhava. O programa era dirigido e produzido basicamente por mulheres. Estava no meu nicho. Falávamos a mesma língua. Até palpite no meu modelo elas davam. Lapidaram uma diva. Marcella bolava a matéria junto comigo e depois a editava com perfeição. Havia um entrosamento, toda uma logística para me preservar. Era mágico.

Se o Goulart me endossou nos meios de comunicação, a Hebe me endossou para a sociedade brasileira. Ganhei novo invólucro, revestimento. Passei a ser mais respeitada até na noite. Não exigiu nada. Aconteceu naturalmente. Mudou meu *status* de trabalho. Se antes ia de ônibus, agora ia de avião. Tinha carro para me pegar, hotel para dormir se fosse preciso e um camarim só para mim.

Nessas horas, é preciso tomar bastante cuidado com a vaidade. Logo percebi que não podia corresponder às expectativas das pessoas. O porteiro do meu prédio foi o primeiro. Achou que, porque eu estava num programa de televisão como aquele, não podia mais morar no centro da cidade. Por ter uma vida pública, as pessoas projetam em você um *status* irreal do que elas acreditam como verdade.

Acham que você só anda de primeira classe, limusine. Quanto mais simples é a sua vida, menos acreditam que seja viável. Sempre peguei fila. Sempre paguei pelas minhas coisas, porque assim você conquista também o direito de reclamar se não estiver satisfeita. Sempre mantive meus pés no chão. Só fui comprar meu primeiro carro e aprender a dirigir aos 36 anos de idade.

Pobreza não é vergonha. Pobreza de espírito, sim, que é inadmissível.

De peito aberto

O Totó precisou ser sacrificado em Poços. Estava morrendo de velhice. Mamãe quase morreu junto por perder seu fiel escudeiro. Vendo o sofrimento dela, disse que não queria cachorro nenhum na minha vida. Um amigo que, às vezes, jantava em casa também tinha três cachorros e eu falava que ele era louco. Estou pagando a língua agora! Mal sabia eu a matilha que ia formar.

No Carnaval de 2002, estava trabalhando na Túnel, quando soube de uma cadela (de um dos amigos do dono da boate) que deu cria e estava rejeitando um dos filhotes. Fiquei com pena. Comentei com a mamãe. Ela me convenceu que um cachorro me faria companhia. Peguei o Raí, um poodle. Chegou em casa pequeno, com uma síndrome de desamparo muito grande. Logo, virou a estrela da casa.

Nesse mesmo ano, Jairo Bouer me levou para a Rádio 89, onde fizemos o programa *Sexo Oral*, nos moldes do que já havíamos feito na Jovem Pan. Apareci em um filme também – *Cama de Gato* – fazendo um travesti, com o Caio Blat e a direção de Alexandre Stockler. Continuava com as crônicas na revista *G Magazine*, as matérias no programa *Hebe*. Estava em todas as mídias!

Já pagava um preço pela fama. Havia um jovem, gerente de restaurante, por quem eu era encantada. Vou chamá-lo de “Zezinho”. Saía do meu padrão, era mais moreninho. Fiquei um ano tentando seduzi-lo. Sem sucesso. Sempre foi muito educado. Mas morria de medo de sair comigo. Porque eu era conhecida. Ele não sabia lidar com isso. Meu amigo Mauro Mitiko falava: “Ele te quer, querida!”.

Enquanto isso, “Luisinho”, um terceiro pretendente, cruzou meu caminho para revolucionar o rumo da minha história. Estava na Túnel, quando ele apareceu – com a noiva! Os amigos cabeleireiros dela tinham agitado a balada. Ele nunca tinha ido a uma boate *gay*. Estava desnorteado. Era loirinho, clarinho. Parecia uma versão mais jovem do Patrick Swayze. “Que mulher bonita!”, disse ao me conhecer.

Na semana seguinte, o casal voltou para se divertir. Na terceira vez, ele veio

sozinho. Recebi uma caixa de bombons e um bilhete: “Você vai ter uma surpresa hoje!”. Ele tinha vindo só para me ver. Fomos até o Fran’s Café da praça Benedito Calixto e conversamos até a manhã do dia seguinte. Não vi o tempo passar. Soube mais dele. Descobri que me seguia, me acompanhava nas últimas duas semanas.

Trocamos telefones sem sequer ter dado um beijo. Naquela mesma tarde, tinha um link para o *Hebe* que caiu. Estava toda produzida. Fomos tomar mais um café. E, pela primeira vez, aos 37 anos, fui saber o que era motel. Uma vez, já tinham me convidado para ir ao motel em Poços. Mas o cara queria que eu pagasse. Não rolou. Fiquei ultrajada. A mulher era eu!

Quando cheguei com o “Luisinho” no motel... nada aconteceu! Vi aquele monte de piscinas e fiquei louca. “Transar eu transo em casa”, falei. E fui nadar. Ele começou a rir, disse que eu era uma criança grande. Fomos transar lá em casa depois. Na hora de tirar a roupa e do sexo, tinha toda uma coreografia, o peitinho de hormônio, a peruca, que fazia os mais desavisados nem suspeitar da minha condição.

Pouco tempo depois era Natal, eu estava visitando a família em Poços. O “Luisinho” apareceu de surpresa. Eu estava com uma tiarinha no cabelo. Dei um truque porque ele ainda achava que eu me vestia de mulher o tempo todo. Mas ele desconfiou. Porque nem todo mundo me chamava de “Nany”. Sem saber como me explicar para ele naquele momento, nem saímos muito de casa. E ficou por isso mesmo.

Na véspera da passagem para 2003, “Huguinho”, meu primeiro grande amor, me liga do nada e diz que quer passar a virada do ano comigo. A gente ainda se encontrava casualmente. Ficamos juntos. Mas no primeiro dia de janeiro, dei um ultimato: “Veja o que você quer da sua vida!”. Tinha a impressão de que a gente estava brincando de namorar. Não queria mais só no fim de semana.

Da menina que fugiu na primeira noite em que saí desmontada com ele, o tempo passou e agora eu já bancava minha condição muito bem. Infelizmente, ele não me acompanhou nessa trajetória. Não queria mais ficar à disposição. Por isso o aviso. Precisava dar um rumo no meu coração. Por bem ou por mal. Foi a vez do “Huguinho” não segurar a onda e nos separamos. De vez! Não era o que eu queria. Mas foi assim.

“Luisinho”, o terceiro pretendente, voltou com força total. Ele tinha desistido de casar, deixado o apartamento e os móveis para trás. Também havia abandonado a faculdade de engenharia para fazer arquitetura, que era o seu sonho. Ficava muito em casa. Fez da minha vida uma zona porque tinha uma dificuldade enorme para focar. Mas gostava muito da companhia dele.

Só precisava agora explicar que eu não era uma mulher completa!

Atenda ao telefone nem que seja a última coisa que você faça. Pode mudar sua vida. Marcelo Médici me ligou. Sempre foi mensageiro de boas notícias. Tinha enveredado para o humor. Num concurso de humoristas, disputou a final com o Diogo Portugal. Ficaram amigos. Diogo fazia shows humorísticos em vários bares de Curitiba, onde acontecia um dos maiores festivais de teatro do mundo.

Em 2003, eles tiveram a ideia de fazer um evento paralelo, dentro do Festival de Teatro de Curitiba, voltado para o humor. A cidade tinha estrutura para receber um evento desse porte. O humor nunca foi muito levado a sério. É raro ver comédia ganhando Oscar, por exemplo. Tem um ranço intelectual que encara o humorista só como palhaço. Há uma mania de olhar esse gênero com rabo de olho.

“Vamos fazer *stand up*?”, Médici me convidou. “O que é *stand up*?”, perguntei ingenuamente. Era o que eu já fazia nas boates: um espetáculo de humor, apoiado em um bom texto e muita improvisação. Além dele e do Diogo, também iam se apresentar Gorete Milagres, Bruno Mazzeo e Graziella Moretto. Aceitei o desafio! O festival seria chamado de *Risorama*.

Nossa primeira apresentação foi num clube de danças típicas, no bairro Batel, em Curitiba. O lugar não tinha muita estrutura. Uma parte do palco afundava. O público não passou de 100 pessoas. Eu, particularmente, interagia muito com a plateia. Só andava de mulher, de peruca rosa. Foi um choque para o povo curitibano – reservado por natureza –, mas que acabou me recebendo de braços abertos.

Ficamos num hotel em frente a um bar “duvidoso”, no centro, que quando eu chegava já me perguntavam: “Quanto é o programa?”. Justo para mim que sempre dei de graça! Nós nos apresentamos dois anos seguidos nesse lugar. Foi meu mestrado. Conheci novos humoristas, novas formas de fazer rir. Aprendi a disputar a atenção do público com outros estímulos.

Não era um teatro. Era uma espécie de bar improvisado. Você disputa a atenção com o cara que vai pedir mais um chope, que veio para paquerar a gostosa. E a piada tem que acontecer mesmo assim. Descobri que a plateia também precisa ter talento. Não basta o show ser bom, e o artista, criativo. Tem dia que a plateia não está a fim de rir. Aí, você não dá pérolas aos porcos. Faz o básico e pronto.

Meu raciocínio teve que acelerar mais para identificar que tipo de piada funcionava melhor. Não adiantava piadinha pronta! Ainda mais com a internet já circulando uma boa parte delas. Não podia fazer piada nojenta porque algumas pessoas estavam comendo. Não podia ser preconceituosa. Mas o politicamente correto também não funcionava. Era errando e acertando que se aprendia essa medida.

Percebi que a minha liberdade ia até onde começava a privacidade do outro.

Foram quase dez anos como *drag*. Chegou uma hora em que me montava de manhã, de tarde e de noite. Passava mais tempo de perucas e saltos, cercada mais pelo feminino, do que desmontada. Para fazer *lobby* da minha imagem, ia de “Nany” em todos os lugares. Quase não tinha mais uma vida desvinculada dela. Minhas roupas de homem se resumiam em uma calça jeans, uma bermuda e duas camisetas.

Numa tarde de maio de 2003, desmontada, com a bermuda e uma das camisetas, distraidamente abri a porta de casa para o “Luisinho”, meu terceiro pretendente, sem saber que era ele. “A Nany está?”, perguntou sem me reconhecer. Respirei fundo e disse que era eu. Pausa dramática... Ele me mediu de cima a baixo. E deu um soco na parede! Quebrou o azulejo. “Eu não acredito nisso!”, repetia sem parar.

Ele me conheceu – e sempre me viu – montada. Não sabia que eu não era mulher em tempo integral e a chance de me explicar já tinha passado há algum tempo. O choque com a realidade fez ele se sentir enganado. Brigamos. “Vamos sair assim, do jeito que você está!”, me pediu. “Quero ver como é...” Fomos a um shopping. E a prova de fogo aconteceu na hora de ir ao banheiro.

Ele entrou primeiro. Fui depois. Ficava desconfortável no banheiro masculino, nem olhava para os lados com medo de acharem que estava querendo alguma coisa. Saí logo. Ele ouviu os outros caras comentando que eu devia ser sapatão. Voltamos para casa e tivemos uma conversa muito sincera. Ele me disse verdades que por muitos anos eu mesma não tive coragem de dizer para o espelho.

“Você está se enganando!”, afirmou com veemência. “Você precisa se adequar!” Aquilo não era nenhuma novidade para mim. Não pensava nesse assunto porque imaginava a briga que ia comprar com o mundo se eu terminasse de me construir. Eu me sentia inacabada. Sempre me senti. Mas precisei desse empurrão para reunir forças e tomar a decisão que ia virar minha vida de ponta-cabeça de uma vez por todas.

Comecei a considerar a ideia de colocar peito. Nosso namoro não durou muito mais. Mas foi avassalador. Logo depois viajei para Portugal com a equipe da Hebe. Dividi minhas aflições com minha produtora e amiga Marcella Martins. Ela me incentivou a fazer. Voltei de viagem. Matei as saudades do Raí, meu cachorro. E decidi fazer a cirurgia das próteses!

Mamãe sempre me ensinou que a gente não deve fazer nada que depois vá ter vergonha de contar para alguém. Falava com ela de manhã, tarde e noite. Contei da minha decisão. “Você tem certeza?”, ela perguntou. Respondi que tinha

construído um império com a Nany, mas ainda brincava de ser ela. “Você vai saber se defender sozinha”, ela me abençoou. “Você é forte!”

Avisei também meu irmão João. Coloquei a primeira prótese, de 280 ml, em julho daquele ano. Vinte dias depois, achei que tinha ficado pequeno. Insatisfeita, voltei à mesa de cirurgia para colocar 300 ml em cada seio, com anestesia local. Jairo Bouer, quando ficou sabendo, me deu uma bronca porque era perigoso. Mas eu estava realizada.

De nada adiantava me adequar externamente, se o interior já não estivesse bem-acabado. O peito veio como uma parte de mim que estava faltando, literalmente! As feministas queimaram os sutiãs, enquanto eu procurei um com renda, bojo, entretela ou meia taça – para brindar a vida. Queimei a camiseta! Virou meu troféu. Estava disposta a enfrentar a vida “de peito aberto”. Eu me equacionei quando virei trans.

Para o mundo, não assumi o peito logo de cara. Meu guarda-roupa mudou gradativamente. Tinha medo de colocar vestidos durante o dia. Só usava calça capri. Parecia uma tiazinha. Os saltos não saíram mais dos meus pés. Passei a usá-los até para lavar a cozinha. Troquei fotos dos documentos. Larguei os patins, não pulei mais cerca. Deixei de fazer uma série de coisas com medo de cair e machucar o peito.

Passei a ter muito mais receios...

Sobreviva às pessoas

Porque coloquei peito duas vezes em um curto espaço de tempo fiquei muitos dias sem poder dirigir. Mas as saudades falaram mais alto e peguei o carro para encontrar mamãe que estava dando as boas-vindas à primavera em uma excursão na cidade de Holambra, interior de São Paulo. Ela participava de um grupo de aposentados que fazia vários passeios. Fui de calça capri, blusa buclê e tiarinha na cabeça.

Quando nos encontramos, ela estava sentadinha em um banco na entrada do orquidário. Olhou para mim e disse: “Pô, mesmo? A gente quer tirar e você quer pôr...”. Rimos. Nós nos abraçamos fortemente. “Dói, meu filho?”, ela perguntou. Não demorou nada para mamãe aceitar minha identidade como trans. Entretanto, sempre que se dirigia a mim falava “meu filho”. Nunca falou “minha filha”.

Fomos almoçar. Fiquei assustada com a pouca quantidade de comida que mamãe colocou no prato. Nunca foi de jantar, só almoçava. Mas quando comia, comia mesmo. Gostava de uma boa mesa. Era a primeira a se sentar e a última a sair – depois de repetir. Comia devagar, conversava, saboreava a refeição. “Me deixa comer”, dizia. “Vou comer até quando eu puder. Igual a minha mãe...”

Nós crescemos ouvindo que minha avó Maria, quando parou de comer, foi de uma vez só! Perguntei se estava tudo bem. Ela disse que andava comendo pouco. Levei um susto. “Desde quando, mamãe?”, perguntei. Há uns dois meses, ela vinha se sentindo cheia. Gelei. Eram os mesmos sintomas das histórias da minha avó. Ali, tive a intuição de que algo muito ruim estava por vir.

Decidi marcar um médico para ela, um gastroenterologista, em Poços. Consegui consulta para 7 de outubro, dia do aniversário dela. Combinamos de almoçar no Pampa, um restaurante que ela adorava, para comemorar seus 77 anos. Mamãe sempre foi ligada em datas e não deixava nada passar em branco. “A vida é para ser comemorada!”, nos dizia. Até hoje acho um absurdo quem não gosta de cantar parabéns.

Liguei para combinar com meus irmãos e eles se fizeram de difícil. Sambei na

cara deles: “Como assim, não dá? É mãe de vocês também! É pra fazer ela mais feliz. Eu que vou pagar. Pode ser ou tá difícil?”. Eles foram. No final do almoço, mamãe pediu aos dois que voltassem a se falar. Só aí fiquei sabendo que eles haviam brigado por uma besteira. Cada um foi para um lado e mamãe ficou muito triste.

Naquela mesma tarde, levei mamãe ao médico, Dr. Eduardo Norberto, que foi um pai para mim. Falamos que ela estava comendo menos. Talvez fosse vesícula preguiçosa. No ultrassom feito ali não deu para perceber nada de anormal. Podia-se marcar uma endoscopia para o dia seguinte, na parte da tarde. Era muito tempo de jejum. Mas mamãe não se incomodou. Porque estava comendo pouco.

Avisei meus irmãos e levei mamãe para o exame. Ela confiava muito em mim, o que eu falasse era lei. Chegamos ao consultório, que estava cheio. Ela foi sedada e dormiu. Quando a câmera já estava dentro dela, o médico me chamou. Dava para ver uma pequena úlcera. Colheu o material para fazer biopsia. Pareciam três pedacinhos de farelo de pão.

Mamãe ficou deitadinha, para se recuperar. E eu ali, do lado dela. Notei que, através de um vitrô, dava para ver o morro de Nossa Senhora de Fátima. Aproveitei para rezar. Pedi para Nossa Senhora que me ajudasse, que não fosse nada grave, que nós passássemos por isso juntas e que passássemos bem. Marcella Martins, minha produtora da Hebe, me ligou justo nessa hora porque estava pensando demais em mim!

O médico me avisou que o laboratório já havia passado naquele dia para pegar todas as amostras. Mas que, se não me incomodasse, podia levar eu mesma a coleta da mamãe até lá para agilizar os resultados. Assim fizemos. O laboratório ficava em frente a Santa Casa. Na saída, ainda paramos na sorveteria Mimi para tomar sorvete de abacaxi, que mamãe adorava. Tomou com gosto. Disse que descia fácil.

No dia seguinte, 8 de outubro, comemoramos o aniversário da minha sobrinha. E levei mamãe para Serrania porque ia ter a festa de aniversário da cidade, dia 12. Acabei tendo que voltar a São Paulo porque surgiu um evento importante para eu apresentar. Contratei um táxi para levar mamãe de volta a Poços depois. Pedi para os meus irmãos ficarem de olho nela. Mas o coração ficou apertado.

Passadas algumas semanas, recebo um recado dela na minha secretária eletrônica. Dizia que estava tudo bem e que o Dr. Norberto queria falar comigo, porque meus irmãos estavam sem tempo. Nem dormi direito. Sete e meia da manhã já estava ligando para o médico. Ele queria saber quando eu ia para Poços, porque queria repetir o exame na mamãe...

— Deu algo errado, doutor? — perguntei. — Perdeu a amostra?

— Quando você vier aqui, nós conversamos...

— Pode falar, doutor!

Houve uma breve hesitação.

— Eu não gostei do resultado, não! — ele finalmente assumiu. — Quando você vier aqui...

— Eu estou pronta para ouvir o que for preciso! — interrompi. — Sou muito prática nesse sentido!

— É adenocarcinoma, Nany.

— E o que é isso, Dr. Norberto?

— É câncer. E dos bravos!

Senti o chão se abrir. Sentei na cama.

— Como é que é?

— Precisamos ver como está infiltrado. Até que ponto está no estômago — ele me explicou. — Mas com exame não dá. Só por cirurgia.

Comecei a chorar. Sabia que ia passar pela pior tempestade da minha vida.

Nem sei de onde tirei forças. Mas liguei para mamãe e disse que seria preciso fazer o exame de novo, porque tinha dado errado. “Eu sabia”, ela comemorou. Mamãe achou que a gente tinha balançado demais a amostra antes de chegar ao laboratório. Desconversei, falei que tinha sido colhido pouco material. Marcamos um novo exame para dali a dois dias. Fiz bate e volta. Dessa vez, meus irmãos foram junto.

Uma semana depois, voltei a Poços e fomos ao médico. João estava comigo. Quando mamãe foi ao banheiro, Dr. Norberto confirmou o resultado do exame: era câncer mesmo. Não dava para saber o quanto estava expandido. Ele nos deixou à vontade para procurar uma segunda opinião. Mas nos aconselhou a fazer isso rápido, porque já podíamos estar correndo contra o relógio.

Mamãe ficou sabendo depois pelo próprio médico que era câncer. Mas tinha medo da cirurgia porque já era cardíaca. Fomos a mais dois especialistas. Dr. Ronaldo – outro gastro – recomendou cirurgia imediatamente. Consultamos também o neto dos donos da primeira casa que alugamos em Poços, Dr. Carlos Newton, que agora era o cardiologista da mamãe e ele se ofereceu para acompanhar a cirurgia.

Meu amigo Arizinho estava morando no Rio de Janeiro e nós havíamos combinado de passar o Réveillon em Copacabana – era um dos sonhos da mamãe. Dr. Carlos Newton nos aconselhou a “primeiro operar e depois festar” porque, se esperássemos muito, talvez não houvesse nada para fazer depois. O hospital da Unimed estava sendo reformado. Marcamos na Santa Casa para o

fim de novembro.

Mamãe contou para todo mundo que ia operar de câncer e pedia para rezarem por ela. Sumiu da rua. Achou que ia morrer na cirurgia. Deixou uma carta para cada um dos filhos, datilografada na máquina de escrever porque tinha a grafia muito torta. Guardou em uma pasta preta onde mantinha todos os seus documentos. Só fomos encontrá-las dois meses depois...

No dia da cirurgia, peguei mamãe em jejum e a levei para a Santa Casa. Eram 7 horas da manhã. O procedimento estava marcado para o meio-dia. Coincidentemente, o chefe do laboratório era o Aloisio, um rapaz que tinha alugado um quarto em casa depois que eu vim para São Paulo e virou meio filho da mamãe. Ele fez questão de acompanhá-la durante todo o processo.

Mamãe vestiu o avental, tirou as joias. Aí é que dá aquele nó na garganta, porque está chegando a hora. Mamãe tirou os brincos, as pulseiras, a aliança, o anel de água-marinha que foi da minha avó. Tirou o batom, passou um creminho nas mãos para não ressecar. E tirou a dentadura... Olhando nos meus olhos, segurou minhas mãos, fazendo um esforço enorme para conter as lágrimas, e disse: “Você está fazendo por mim o que eu não pude fazer pela minha mãe. Porque eu estava trabalhando nos Correios. Você está fazendo por mim o que um filho faz para uma mãe. E aconteça o que acontecer, eu quero que você saiba que eu nunca tive tanto orgulho na minha vida como o que eu tenho por ter os filhos que eu tive. O que salvou a minha vida no meu casamento foram os meus filhos. Foram vocês!”.

Não aguentei. Chorei muito...

Sabia que ela estava muito bem acompanhada. A cirurgia ia durar três horas. Falaram para eu esperar em casa. Saí tão desnorteada que quase bati o carro. Era uma e meia da tarde quando o meu nível de impaciência atingiu o limite. Voltei para Santa Casa em busca de conseguir qualquer tipo de informação, mesmo que fosse para saber do andamento do procedimento.

Chegando lá, em frente ao Sagrado Coração, tinha uma rampa onde ficava o café dos médicos. Avistei o Dr. Norberto de longe. “Já acabou a cirurgia?”, perguntei sem nem dizer “boa-tarde”. Ele quis saber se haviam me ligado. Respondi que tinha ido por vontade própria. Dr. Norberto perguntou se eu estava sozinha. Disse que ele podia me falar o que quisesse porque eu estava à frente de tudo mesmo.

— Sua mãe não foi operada... — ele explicou, depois de me puxar para um canto.

— Ela teve algum problema cardíaco? — perguntei, confusa.

— Sua mãe foi operada... Mas não foi feito o que poderia ser feito. Em quase

trinta anos de vida clínica, eu nunca vi caso igual ao dela.

— Por que, doutor? Não era câncer?

Ele me encarou por alguns instantes.

— Eu estou impressionado em ver, pelo adiantamento da doença, que a sua mãe não tenha manifestado nenhum sintoma. Não há muito que a gente possa fazer por ela.

Olhei para o Sagrado Coração e pedi forças a Deus. Foi a única vez na minha vida que eu não sabia o que fazer, o que falar. Tocou meu telefone. Era meu irmão João. Eu não conseguia completar uma frase. O João achou que a mamãe tinha morrido. Pedi para ele e o Fafi virem para o hospital. Dei um show quando eles chegaram. Avisei que estava complicado e que o médico queria falar com os três.

Nós fomos ao consultório do Dr. Norberto no dia seguinte. Mamãe estava com três tumores do tamanho de carochos de abacate do lado de fora do estômago, que pressionavam o órgão – por isso, a sensação de saciedade. E a doença estava tão evoluída que não dava para saber onde tinha começado: ovários, rim, intestino. Estava tudo tomado. O médico fez um desenho do corpo e mostrou a localização de outros carochos. Tudo generalizado.

Disse que ela não ia sentir dor. Que se fosse para sentir, já teria sentido. Deu um ano de vida para ela. Proibi que essa notícia saísse daquela sala. Não queria que mamãe soubesse. Meus irmãos acabaram contando para as esposas e logo toda família já estava comentando. Mas ela mesmo – eu acho – nunca soube de nada. Teve uma sobrevida, acreditando que foi operada do estômago.

Infelizmente não durou um ano...

Tem uma coisa que não suporto em Minas Gerais. O povo nem sempre vai direto ao assunto e fica cutucando pelas bordas. Algumas amigas de mamãe diziam não ter coragem de vê-la “naquele estado”. Como é que elas sabiam o seu estado real se ninguém vinha vê-la? Só ligavam para saber “como é que as coisas estavam”. Um dia, explodi com uma senhora: “O tempo que eu estou falando com a senhora, estou deixando de cuidar dela. Se quiser vir visitá-la, venha!”.

Mamãe teve alta do hospital. Continuava comendo pouquinho. Toda tarde, dona Linda, uma vizinha querida, mandava uma sopinha para ela jantar. Mamãe estava mais lenta, mais morosa. Para piorar, meu pai, que ainda morava com ela, fazia mamãe de boba, exigia que ela cuidasse dele. Mamãe fazia tudo. Dizia que as mulheres são para servir. É um tipo de mulher que não existe mais.

Entre uma gravação e outra do *Hebe*, ia para Poços. Dezembro, tirei férias. Mamãe foi ficando cada vez mais fraquinha. Passava boa parte do tempo deitada na cama. Fazia um calorão... A casa ficava em frente a um bar que estava

bombando. Reclamei do volume da música um dia. “Deixa o povo viver. O povo tem direito!”, ela me disse. “Eu já vivi tanto...”

No dia 13 de dezembro, aniversário do João, ela chamou meu irmão no quarto e disse para ele pegar um dinheiro na sacolinha de São José (que ela nunca deixava faltar) para comprar um presente. Que era importante se lembrar do aniversário, comemorar. O João, com cara de perdido, pegou uns trocados. Ela disse para ele pegar mais, porque “não ia precisar mais de dinheiro”. A gente só se olhou...

No programa especial de Natal, a Hebe nos mandou um recado no ar. Disse que a gente ia passar por “isso” juntas, que Deus nos coloca numas situações difíceis e que é preciso ter fé para passar por essas ondas. Mamãe ficou superfeliz com a mensagem. Como a Hebe não entrou em detalhes, o meio *gay* já achou que eu estava com problemas porque tinha colocado o peito. Disseram até que eu estava soropositiva.

Meus irmãos não passavam o Natal conosco. Mamãe e eu sempre íamos para Serrania, na casa da minha tia Elvira. Mas naquele ano, não pudemos ir. Tia Elvira também não veio porque não queria faltar na igreja. Vieram meus irmãos com as famílias. Mamãe quis fazer uma oração. Agradeceu por não ter morrido na cirurgia e se recuperado da doença... Ledo engano!

Levei mamãe à Igreja da Mãe Rainha, fora de Poços, onde se escreviam cartas para eles queimarem na fogueira santa, fazendo uma oração. Mamãe pediu uma carta de agradecimento. Mas escrevi pedindo a Deus que tivesse misericórdia dela, que ela não sofresse o que meus avós sofreram. Mamãe não era boba e falou para eu ler a carta. Pedi desculpas a Nossa Senhora e menti. Li outra coisa.

Não se cozinhava mais em casa porque o olfato e a audição dela ficaram muito apurados e o cheiro da comida a incomodava. Então tomamos lanche na casa da Dona Linda. Depois fomos à sorveteria. Mamãe comeu bem como antigamente e ninguém acreditou. Eu fiquei assustada. Perguntei se estava bem. Ela me disse que o apetite tinha voltado. Era dia 25 de dezembro. Foi a última vez que ela comeu.

Parti no dia seguinte porque tinha compromisso de trabalho em Florianópolis. Mamãe amanheceu o dia vomitando. E não parou mais. Só tomava água gelada e picolé de abacaxi. No Réveillon, liguei para desejar a ela “feliz ano-novo”, mas eu chorava tanto que não consegui falar. Ia esticar a estadia para descansar. Mas desisti. Cheguei em Poços dia primeiro, de noite.

Meu irmão Fafi tinha corrido com a mamãe para o hospital.

Nessa época do ano, os médicos viajam. No hospital, deram uma injeção para ela parar de vomitar, o que fez a situação ficar ainda pior. No dia 2, usei a cadeira de

rodas do meu pai para levar mamãe no Dr. Norberto. Ela estava abatidíssima! Lembro da fisionomia de espanto dele: “Nossa! Está muito rápido!”. Pediu um exame de sangue urgente.

Colheram o material em casa. Mamãe estava com poucas plaquetas e precisava fazer transfusão. Contudo, não conseguíamos leito em hospital. Tia Elvira estava com um problema na vista e precisava consultar-se com um médico em Belo Horizonte. Fiz um bate e volta com ela no meio de tudo isso. Conseguimos vaga para mamãe no hospital da Unimed. Dia 6 de janeiro, ela foi internada.

No caminho para o hospital, mamãe pediu para dar uma volta de carro pelo centro – e para ir devagar. “Quero apreciar a paisagem, meu filho”, explicou. Foi o último passeio dela. Fez a transfusão e ficou internada. Continuava vomitando. Tomava sangue e soro. Mas não fazia efeito. Sentia cheiro de comida, perfume, cândida ou de mulher menstruada e ficava incomodada. Vomitava de tarde e de noite.

Tinha contratado uma pessoa para revezar comigo os cuidados com ela e acabamos trocando de turno. Se eu ficasse lá durante o dia, toda hora aparecia gente no quarto querendo visitar a “mãe da Nany People” só para me ver. Comecei a ir no período da noite, entrava pela porta dos fundos para não fazer alarde. Minhas cunhadas ajudavam.

Sabia quando a mamãe ia vomitar. Eu a levantava com o braço, apoiava a sua cabeça na minha (porque ela tinha a sensação de que a testa ia cair) e segurava um baldinho de alumínio no meio da gente. Fechava os olhos e aquilo respingava em mim. Parecia uma borra preta de café. Ficava rezando para ela não ter dor. Depois, limpava a sua boca e a ajudava a fazer gargarejo. Mamãe sempre foi muito asseada.

Depois de cada crise, ela tirava uma sonequinha. Quando acordava, me contava uma história. Foi passando a vida a limpo para mim. Desde as experiências boas até as promessas que ela fez para salvar meus irmãos e os momentos difíceis com o meu pai. “Estou te contando isso, meu filho, porque eu não quero que isso morra comigo”, dizia.

Um dia, depois de vomitar, ela olhou para mim e reparou que eu tinha emagrecido. “Está difícil, né, meu filho?” – disse – “Mas vai passar. Você vai superar. A gente para de viver quando deixa de superar as ondas que a vida coloca na frente. Eu já superei. Você ainda vai ter que pular muitas ondas. Você vai ter o teatro e precisará sobreviver às intempéries que a vida manda. Tem de sobreviver às pessoas.”

Entrei no banheiro do quarto do hospital, deixei a torneira da pia aberta e chorei muito. Peguei o papel para enxugar o rosto e fui tomada por uma grande

inspiração. Mamãe estava dormindo. Deixei a luz do abajur ligada, sentei na varanda e escrevi um poema que desde então virou meu lema de vida. Hoje, sempre o recito no final de todos os meus espetáculos. O nome dele é “Sobreviva às Pessoas”:

*Sobreviver às pessoas é sempre uma coisa boa.
Eu tenho dito isso há anos e com tanta convicção.
Que por mais que o tempo passe será sempre uma oração.
Entre amigos e namoros, cada coisa a seu tempo.
Falei tanto pra vocês. Tomem agora o meu exemplo.
Amei corações levianos com tanta convicção.
Que por estar apaixonada, vivia na contramão.
Mas o tempo é caprichoso. Leva tudo e também traz.
Uma hora te enaltece. Outra hora se desfaz.
Toda equação começa com a proposta de somar.
E, se a conta for perfeita, tende a se multiplicar.
Mas às vezes... Às vezes acontece dela se subtrair.
Força nessa tabuada para ela não se dividir.
O negócio é ter paciência e tentar não se apavorar.
E ver se o lance é casamento ou até mesmo se separar.
E na escola dessa vida... Repito. Todos os dias.
Mas reflitam com vigor.
Sobrevivam! Sobrevivam às pessoas.
Mas nunca esqueçam o bom humor.*

Mamãe ficou duas semanas no hospital, sempre bem assistida por todos os médicos que cuidavam dela. Fiquei meio anestesiada. Tentei levar a vida normalmente mesmo sabendo que nada estava normal. Fazia as coisas por fazer. Nem sabia direito o que estava acontecendo ao meu redor. Meus irmãos, minhas cunhadas e sobrinhas me ajudaram muito. Mas os meus momentos passei sozinha.

Dia 15 de janeiro, mamãe amanheceu em coma. Fui acordá-la e ela não respondeu. Comecei a ouvir um barulho esquisito vindo de sua boca, parecia um ronco. No banho – dado na cama com ela em coma –, conversei com ela. Nenhuma resposta. A enfermeira achou melhor tirar a aliança dela porque as mãos estavam inchando. Passei talco, troquei fralda, coloquei camisola. E minha cunhada chegou para me render.

Fui para casa, mas não consegui dormir. Voltei para o hospital e descobri que iam fazer punção, retirar a água acumulada no pulmão da mamãe. Fiquei

incomodada com a ideia de um cano na garganta dela e não deixei. Falaram de levá-la para entubar na UTI, para ter uma sobrevida. Também neguei: “Ela não sentiu dor até agora. Não tomou uma gota de morfina. Nem quimioterapia fez! Então, deixem como está!”.

Saí no corredor do hospital. Dei uma volta. Voltei para o quarto. Fiquei só eu e ela. Eram 11 horas da noite. Aquele calor de janeiro! Comecei a rezar. Pedi uma última coisa a Deus: que ele não deixasse a minha mãe sofrer. Que ela tinha sido uma pessoa muito boa. Que com ela eu aprendi que “quem não vive para servir, não serve para viver”.

O Arizinho me ligou nessa hora, perguntando como é que estava a situação. Na frente dela, disse que estava tudo bem. Depois, saí do quarto e pedi para ele rezar. Contei que a mamãe estava em coma e já não respondia a nenhum estímulo. Voltei para o quarto junto com um enfermeiro que entrou para aplicar uma injeção. Ele saiu e eu voltei a rezar. Mamãe mexeu o braço.

Dei um pulo. “Mamãe... Quer falar alguma coisa? A senhora acordou?” – repetia, enquanto arrebentava o cordão da campainha para chamar alguém. Saí do quarto aos berros: “Minha mãe está se mexendo! Minha mãe está se mexendo!”. Quando entrei de novo pela porta, vi o corpo estrebuchando e uma baba preta escorrendo pelo canto da boca. Ali, eu sabia que ela estava morrendo...

Ajoelhei e rezei mais uma vez. Pedi que ela fosse de encontro a um caminho de luz. Disse que havia sido uma honra ter sido gerada e criada por ela. Que eu era muito agradecida por tudo o que fez por mim, pelo amor que dedicou a mim e aos meus irmãos. E que eu ia tentar fazer o mesmo na minha vida. Que eu ia fazer de tudo para repassar o bem que ela passou para mim.

Ligue para o Arizinho, para meus irmãos. Avisei todo mundo para ir para a casa da mamãe. Nós tínhamos um seguro que ia cuidar do enterro. Eu me lembrei que ela foi levada sem batom. Fui ao necrotério e pedi para eles colocarem um batonzinho dentro do caixão porque ela adorava. Quando juntei as coisas da mamãe para levar embora, desabei. Você leva uma pessoa para o hospital e sai com uma sacola.

Foi a pessoa que eu mais amei na vida.

O espelho do meu camarim

Não me lembro como cheguei à residência dela para trocar de roupa. Quando dei por mim, estava no caminho para Serrania. Tinha ido de um extremo a outro da cidade. Parei o carro e me perguntei o que estava fazendo. O corpo só foi liberado às duas horas da manhã. Quando chegou ao antigo velório de Poços, já havia umas 15 pessoas esperando para prestar sua última homenagem.

Ficou combinado que mamãe seria velada até o fim da manhã seguinte, quando seguiria para Serrania para ser também velada e sepultada no fim da tarde. Fafi ficou no velório. Fui para casa avisar algumas pessoas e descansar. Dormi com o Raí, meu cachorro, na cama dela. Ele, que dormia ao lado da cama dela rosnando quando alguém se aproximava, me fez companhia nessa noite. E sempre.

Eram 7 horas da manhã quando o João me ligou. O corpo não estava aguentando. Precisamos antecipar tudo. O cortejo partiria de Poços às 9h para o enterro acontecer ao meio-dia em Serrania. Cheguei com o meu pai no velório às 8h. Todos os meus amigos de infância estavam lá. A notícia foi se espalhando e não parava de chegar gente. Do lado do caixão, Valéria, Mirian, Piffer... O corpo saindo para Serrania e gente chegando.

Fizemos uma carreata. Segui num veículo logo atrás do carro fúnebre, e no trajeto fui avisando todo mundo por telefone – inclusive a minha tia Elvira. Quando chegamos na igreja, calhou de três padres estarem lá (dois estavam de visita). Foi uma missa de uma hora, de corpo presente. O coral cantou *Ave Maria*, de Gounod, que mamãe adorava. Não sei direito em que momento comecei a chorar. Mas não tinha parado ainda.

Não existe mais o costume de se carregar a urna funerária, é um carro que leva o caixão. O Fafi quis que tudo fosse à maneira antiga. Juntou um monte de gente para ajudar – dos filhos dos amigos de mamãe até a mulher do Sr. Alvino, Dona Sebastiana, que tinha problema de varizes. Parecia cena de filme. O sol estava a pino. E o cortejo passou, enquanto o sino batia. PÉEEEM. PÉEEEM. PÉEEEM.

Chegando ao cemitério, o cortejo adentrou. Qual não foi a minha surpresa ao

me deparar com a banda marcial de Serrania, uniformizada, regida pelo Sr. Amir Miguel, um dos filhos do ex-prefeito, que tocou no enterro do meu avô João. Tocaram a *Ave Maria*, de Gounod. Foi a maior demonstração de carinho, respeito e amizade pela nossa família. Assim nos despedimos da mamãe...

Almoçamos na casa do tio João Rezende, um primo da mamãe. Depois de muito tempo, eu me sentava para comer um prato de comida de verdade. Saboreei o alho que havia no tempero. E pensei: “Vou chegar em casa e contar para mamãe como o funeral foi emocionante”. Depois caí na real. Levaria um tempo para me acostumar com a ideia. Quando se perde uma pessoa assim, você aprende que...

...O resto do mundo vira agregado!

Sempre preservei meu amor-próprio. Não precisava de alguém dizendo que estava linda para me sentir bonita. Você pode até estar linda e não se sentir bonita. Quando enterrei a mamãe, estava linda. Mas me sentia a pior pessoa do mundo. Como diz a música do Ivan Lins: “Quem mais sabe de mim/ é o espelho do meu camarim”. Quando me falam que estou “linda”, respondo que estou bem.

Mamãe deixou um brinco para cada nora, um anel para cada neta e uma pulseira para cada filho. Meu pai já tinha me dado a aliança da mamãe (e a dele que, junto com um pingente de ouro que eu tinha, fiz um único anel que virou meu amuleto). Peguei a pulseira mais fininha porque o anel já me bastava. Deixei meus irmãos escolherem. No fim, descobri que a minha era de ouro e a deles, chapeada. Nem mamãe sabia!

Recebi apoio de todos os lados. A equipe da Hebe foi fundamental nesse momento. Meu primeiro grande amor, “Huguinho”, também foi me visitar. Porque sabia que eu estava sofrendo muito. Nós saímos mais umas duas vezes depois que eu coloquei o peito. Mas nunca nos conectamos de novo. Ele acabou se casando e nem me contou. Com o tempo, perdemos totalmente o contato.

Fui levar o Raí para dar banho no *pet shop* e me deparei com outro poodle abandonado. Ninguém sabia o que fazer com ele. O coitado apanhava até de um beagle. Paguei o banho dele. Na semana seguinte, ainda estava abandonado. Peguei para mim. Meu pai sugeriu o nome: Sócrates. Chegou pentelho, escandaloso. Mas se apegou muito a mim e acalmou. Agora, mesmo cego, faz até xixi no jornal.

A doença da mamãe foi uma locomotiva. Depois que passou por cima de mim, esvaziei. Fiquei de “ressaca”. Depois da cacetada, você se pergunta: “O que eu faço agora?”. Fiquei dois meses assim. Até que sonhei com a mamãe. Ela me disse onde estava uma mantilha (que ela usava para interpretar Verônica na Sexta-feira da Paixão) que ninguém achava. Acordei, achei a mantilha e saí da

depressão.

Durante a doença de mamãe, tomei menos hormônios femininos. O Dr. Carlos Newton alertou que, pela genética, tinha propensão a desenvolver tumor maligno como ela. Depois que ela faleceu, liguei o foda-se. Se a mamãe, que nunca tomou nada, teve câncer, por que eu ia ser comedida? Estava mais do que na hora de continuar o processo que havia começado. Continuei a me readequar. Fiz cirurgias no glúteo e no quadril.

O costureiro Celso Werner, muito meu amigo, me convenceu que eu tinha que usar vestidos durante o dia. Um ano depois da minha cirurgia, ainda não “peitava” 100% meu visual. Coloquei um vestido. E pedi logo para ele fazer mais dez. Mais uma vez, transformei meu guarda-roupa. Acho que hoje só sobrou uma calça, que até o porteiro do prédio estranha quando uso.

Celso Werner e Marcos Lelles, que morava com ele, também me deram outro presente: Clinger trabalhava na casa deles e era um amor sempre que ia provar alguma roupa. Com a morte da mamãe, Clinger veio ficar um mês comigo. Não deixei mais ele voltar. Por anos, foi meu secretário pessoal. Hoje é um grande amigo. Ainda mora em casa. E sabe mais da minha vida do que eu. É um guardião!

Fui me cuidar! O shopping se transformou na minha caminhada. Meu cartão ficava gritando: “Me tira daqui!”. Queria me ver feliz, era só me levar para ver vitrine! Nunca gostei de coisa cara. Dinheiro não aceita desaforo. Nunca paguei 3 mil reais numa bolsa. Adoro roupa de cama, mesa e banho (é de família). Tenho mania de sapatos. E não me mato por uma joia. Mas fez barulho, balangou e brilhou, comprei!

Se já era mariquinha, fiquei ainda mais. Quem mandou tomar tanto hormônio? Mergulhei de vez no universo feminino. Nunca mais deixei de fazer as unhas – mãos e pés. Massagens e drenagens entraram na rotina. Aumentei consideravelmente a quantidade de cremes. Não conseguia mais ir dormir sem cuidar da pele. Fiquei apaixonada pelos hidratantes.

A postura também mudou. Passei a não ir sozinha em festa, nem sair bêbada por aí. Se antes pegava táxi na rua, agora só rodava com taxista conhecido. Até numa briga, eu virava a mesa de um jeito diferente. Resumindo: parei de abrir a porta e o mundo começou a abri-la para mim. Às vezes esqueço. Querem levar minha mala e eu não deixo. Outro dia fui ajudar a montar o cenário do teatro e ninguém acreditou.

Fui execrada do meio *gay*. Já os héteros me abriram os braços. De *drag* virei travesti. A própria comunidade me virou as costas. Veado não suporta travesti, que não suporta sapatão, que não suporta “pintosa”. Na verdade, ninguém se suporta. O mercado *gay*, cada vez mais decadente com gente pouco criativa e

colocada, não me absorvia mais. Se tivesse me segregado, estava perdida.

Ao externar minha transexualidade, vesti uma nova armadura para responder aos desaforos da vida.

Segundo ato

O hospital Emílio Ribas, em São Paulo, é um dos maiores institutos de infectologia do mundo. Inaugurado em 1880, tornou-se referência no tratamento de doenças infectocontagiosas, de meningite a tuberculose e HIV. Hoje é também um dos hospitais-escola mais conceituados do país. Pessoalmente só soube desse hospital nos anos 1990, quando perdi muitos amigos. Não existia medicação então.

Depois que surgiram os coquetéis, morria-se menos. Tinha os filhos do HIV, portadores verticais, que já nasciam com o vírus. Tinham de fazer o tratamento desde cedo. Essas crianças viraram adolescentes. Foi necessário desenvolver um trabalho para ampará-los. Do mesmo jeito que vai haver uma geração de filhos do crack. A sociedade vai ter que lidar com isso em algum momento.

Surgiu um grupo de voluntariado no hospital, que pensava em ações para melhorar a qualidade de vida dos pacientes e seus familiares. Chegou ao meu conhecimento que um dos funcionários do hospital perguntou se eu faria um “auê” com os pacientes em um evento de Natal deles. Até então, só tinha feito filantropia na Casa de Apoio Brenda Lee.

Foi assim que conheci esse trabalho do voluntariado no Emílio Ribas. A festa de Natal aconteceu em um dia da semana. Puseram os pacientes no corredor. E foi me dada a instrução que eu poderia me aproximar das pessoas que estavam com certa cor de avental. Era um risco para eles. Porque a pessoa que está doente tem a imunidade baixa. Mas nunca vou me esquecer do olhar de encantamento das crianças quando me viram ao vivo.

Foi um dos primeiros aplausos genuínos que recebi na minha nova condição!

Depois que se separou, meu irmão João foi morar com o meu pai. Não sei como mamãe aguentou tanto tempo. Meu pai continuava a ser sinônimo de confusão. Não parava empregada na casa. Começaram a brigar pelas maiores bobagens. Tinha acabado de renovar o contrato da casa alugada em que eles moravam, quando meu pai pediu para trazê-lo para São Paulo antes que ele “matasse” meu

irmão.

Quando meu pai veio morar comigo, eu já possuía dois apartamentos. Morava em um. O outro estava ocupado. A cadeira de rodas do meu pai – que estava com as duas pernas amputadas – não entrava no apartamento em que eu morava. Pois aluguei outro apartamento ainda maior, investindo os tubos para ter meu pai perto de mim. Ninguém quis acreditar!

Logo em seguida, vendi meus apartamentos e, com parte do dinheiro, comprei um carro. Houve uma época que o preço de um apartamento equivalia ao preço de um carro. Acreditem! Meu pai fazia fisioterapia três vezes por semana. Também precisava ir dia “sim” dia “não” no sacolão, porque ele gostava de tudo fresquinho.

Nessa fase, o “Zezinho”, o segundo pretendente, aquele moço do restaurante que fiquei um tempão tentando seduzir, me reencontrou readequada. Aceitou tomar um vinho em casa num domingo à noite, depois do expediente... E por lá ficou. Morava longe e tinha folga no dia seguinte. Segunda, saí cedo e ele dormiu o dia inteiro lá em casa. Disse que teve uma paz de espírito que não sentia em lugar nenhum.

O apartamento era grande, media 150 m² e meu pai levava a situação numa boa. Não ficava de beijos e abraços na frente dele com meu namorado. Conversávamos muito. Aprendi no programa de sexo que fiz na rádio: procure se casar com quem você tem assunto, porque o sexo tem ciclos. Todavia, como diz a biografia da Bette Davis, percebi também que quem se casa com a carreira não pode se dedicar a um marido.

Ele trabalhava de terça a domingo, no período da noite. No restaurante, eu fingia que era só mais uma cliente. Esperava ele a dois quarteirões para a gente ir pra casa. Ele não ia aos meus eventos. Mas eu ia e voltava logo para casa. Tentávamos conciliar nossas agendas. Íamos ao shopping, cinema. Mas a imprensa vinha para cima. Ele me deixava caminhar na frente e depois a gente se encontrava lá dentro.

É uma relação complicada. A pessoa vira uma frasqueira de vedete. Em público, não sou dele, sou de todo mundo. Sempre tinha alguém querendo tirar uma foto, comentando. Nunca gostei de exibir meu carinho, para não expor a pessoa que estivesse comigo. Fazia escondido, debaixo da mesa. Sempre fui muito discreta nesse sentido. Tinha que mediar isso – e não era todo mundo que entendia.

O “Zezinho” foi um dos primeiros a diferenciar: tem a “Nany People” e tem a “Nany”. Ele era casado com a segunda. Enquanto a “Nany People” era um furacão, a “Nany” era caseira, levava café na cama, acendia vela no oratório para Nossa Senhora de Fátima. A “Nany” não usava algemas e chicote

sadomasoquista. Não que eu fosse santa. Mas tinha hora para tirar o hábito.

Foi um dos poucos que me viu sem salto alto. Levou até um susto quando me viu tomando banho por me achar baixinha. Brigávamos bem pouco, apesar de sermos opostos. Enquanto eu era acelerada, ele era mais calmo, centrado. Eu me dediquei bastante. Estava muito apaixonada. Quando chovia, levantava da cama, já de camisola, para ir buscá-lo no restaurante. Eu só não ia se estivesse trabalhando.

Em Curitiba, participei outra vez do *Risorama*. O “palco” mudou para o Clube Concórdia e aumentamos o número de apresentações: duas sessões por noite, durante cinco dias. Virei mestre de cerimônias, a única humorista que ia do começo ao fim do show apresentando os outros comediantes. Começaram a me chamar de Diva, porque sempre estava impecável. Mas eu era a mais proletária de todos.

Quando fiz 40 anos, em 2005, aprendi uma coisa com Chanel: desci todas as saias para baixo dos joelhos.

Com a maturidade, você passa a se policiar mais, dentro do seu próprio universo. Depois dessa grande mudança de guarda-roupa que aconteceu na minha vida, achei que estava mais do que na hora de voltar ao teatro. Foi onde sempre me realizei profissionalmente, era minha casa. Mamãe sempre soube que era através dele que eu ia sobreviver. Estava preparada – e animada com essa ideia!

Achei que, se não me produzisse, ninguém ia me chamar para trabalhar. Encomendei um texto a um “afilhado”, Bruno Motta, que tinha conhecido no *Risorama*. Meu irmão Fafi tinha acabado de se separar. Depois de ouvir a versão dele (e também a versão da separação do meu irmão João) e as das minhas cunhadas, encontrei um tema que poderia resultar em uma grande peça de teatro.

“Não quero fazer *drag*”, frisei para o Bruno. “Quero fazer como trans!” Ele disse que eu tinha credibilidade, que as pessoas gostavam de ouvir meus conselhos. “Você faz a gente olhar a gente de fora, de forma divertida”, me explicou. Assim, nasceu *Nany People salvou meu casamento*. Interpretava cinco mulheres, desde quando o casal se conhece até os 50 anos de casada.

Levei a peça a um grande produtor teatral, Cássio Reis, que já havia produzido *Os monólogos da vagina*. Fizemos uma leitura em casa e ele se apaixonou pelo texto. Comprou a briga comigo, com uma ressalva: “Para ser verossímil, no espetáculo você terá de ser a Nany-atriz, a Nany-mulher”. Aquilo fez meu coração bater mais rápido. “Você não vai mais sair de casa sem delineador”, completou.

E era verdade! Eu me despi da “Nany People”. Anderson Bueno fez meu visagismo. Troquei o cabelo cor de beterraba por perucas e apliques parecidos

com cabelo natural. Do toldo de cílios fui para a pestaninha mais light. Tirei a argamassa toda. Abandonei de vez as calças capri e as sapatilhas. Decidi mostrar a vida como ela é, como pessoa e não mais como uma personagem de mim mesma. Foi um choque!

Tive a sorte de ser muito bem dirigida pela Imara Reis, que me reposicionou não só no palco, mas também na vida e na carreira, no meu ofício. Tem uma música da Elba Ramalho que diz que “toda pessoa é sempre a marca das diversas marcas de outras tantas pessoas”. As pessoas vão passando por você e deixando coisas. E nada se limita, tudo se agrega. Nada é fim, tudo é meio.

Só que ninguém ainda me dava crédito como atriz. O Cássio ligava para todo mundo e as pessoas achavam que eu ia sair do Kinder Ovo dublando *I will survive*. Achavam que era um show segmentado. Nem todo mundo sabia da minha formação. Pensavam que eu era uma doida da TV pegando carona no teatro. Isso durou dois anos. Restou peitar com dinheiro do próprio bolso. E assim fizemos.

Foi pelo teatro que nasci mulher de uma vez por todas.

Precisa ser homem

Quando o Jairo Bouer saiu da Rádio 89, eu saí junto. Sou fiel a quem é fiel comigo. Meu casamento com o “Zezinho” estava em crise. Mudou de fase. Mais me doava do que recebia. Nunca dependi dele (nem de ninguém). Nunca quis me sentir dependente financeiramente e – muito menos – emocionalmente, porque já vi muita gente perdendo o fio do novelo por causa de homem. Peço a Deus que não me dê um destino desses.

Ajudei “Zezinho” a fazer aviação. Ele virou comissário de bordo. Conseguiu um emprego. Quando começou a voar, voou de vez. Sonhava em ser pai. Acabamos nos desencontrando. Mas ficamos amigos. Porque dinheiro muda de mão, tesão de direção, amor de intensidade e a coisa mais importante da vida é a amizade. Ele morou comigo mais três anos. Acabei virando uma secretária dele.

Casada, engordei 20 quilos. Tive até fibrose em um peito. Para me renovar, fiz uma lipoescultura de cinco horas e já aproveitei aumentar as próteses de seio para 500 ml. Minha pele havia cedido. Quando coloquei as de 850 ml, parei. O plano de saúde sempre liga lá em casa. Não entende como alguém faz mamografia e exame de próstata ao mesmo tempo. Falo que sou a Nany People e brinco que sou de *Saramandaia*, e fica tudo certo.

No meio dessas cirurgias, perdi minha tia Elvira. Fui até Serrania segurando os peitos com um travesseiro para não chacoalharem na estrada. Quando fui apresentada, os velhinhos amigos da minha tia não entenderam nada: “A Yvone teve uma menina quando saiu daqui?”. Tia Elvira tinha um porta-retrato na sala com uma foto minha de mulher. Mas ninguém ligava nome à pessoa. Saí do velório.

Quem sobrou de todas as mulheres fortes da minha família foi minha prima Teresinha, a filha da tia Elvira, sempre muito adulta. Foi uma excelente professora. Fazia um trabalho lindo até se aposentar. Sempre que posso, almoço com ela. Aliás, meu avô João teve muitos irmãos e tenho muitos primos por tabela. Sempre me encontro com eles quando consigo. Um café, pelo menos, tem de rolar.

Solteira, era hora de recomeçar. Quando me tornei fisicamente adequada e economicamente estável, aprendi a escolher melhor, a dizer “sim” e – principalmente, a dizer “não”. Queria alguém que me desse mais atenção, que não se aproximasse só para uso fortuito. Colocar os peitos perto dos 40 anos também me ajudou bastante. Fiquei mais segura para sair metralhando, devoradora.

Passei a arriscar quando queria alguém. Não tinha mais medo de “peitar” uma paquera. Escolhia, dava a deixa e o bote. Muitos achavam que eu estava brincando. Mas nunca dei vexame. O olhar é mágico. Se o cara nem olha direito na sua cara é porque não vai rolar. Não adianta insistir. Mesmo quando alguém fala “não” tem de saber perder porque faz parte desse jogo que a gente se propõe a jogar.

Homem, para mim, tem que saber falar, ser inteligente. Gosto muito de conversar, sou uma mulher movida a texto – falo até de boca cheia. Até na transa, preciso de texto. Se ficar quieto, não falar o que eu quero ouvir, acaba o tesão. Se a criança nasce e não chora, está morta. Confesso que já peguei muito homem feio, desengonçado, esquisito só porque era inteligente!

Parei na fase oral. Gosto muito de beijar. E adoro chupar sovaco. Mas não é qualquer sovaco! Vou mais pelo paladar do que pelo visual. Tenho uma coisa com cheiro também. Tenho tesão em dorso, tórax. Não penso em pinto logo de cara. Mas se calçar 36 – se é que vocês me entendem – também não rola. Ninguém vive só de informação, senão acaba virando apenas amigo.

Eu gosto de homem HOMEM! O mundo está meio louco nesse sentido, ninguém mais sabe quem é quem. Tem passiva querendo bancar a ativa e muito homem casado pedindo para levar um tiro na coruja. Não existem mais veados – basta tomar duas doses de vodca com energético que todo mundo quer brincar de Avatar.

Saí com muito homem casado. Nunca me senti culpada porque quem estava enganando a esposa era ele! Eu estava solteira. Aí você pensa que homem casado te dá um salvo-conduto, que não vai te exigir nada, que o que pintar na vida dele é lucro. Já casou mesmo! Só que não. Num primeiro momento, tudo o que ele fizer será suficiente. Mas depois, se for bom, você vai querer mais e ele não vai poder te dar.

Chega um momento também em que você não quer mais se esconder. Ninguém vai beijar em praça pública. Mas você quer andar de cabeça erguida. Sem precisar esconder o bofe no porta-malas e fingir que foi dormir no motel sozinha porque a cidade é pequena e todo mundo se conhece. Dá muito trabalho. É muito complicado. Você tem, mas não possui. Para que serve então?

Há quem diga que muitos desses homens só me procuram porque hoje sou

famosa. Antes assim! É a lei da vida. Da minha parte, continuo me interessando por pessoas e não pelo que elas podem me oferecer. Se alguém entrou numa comigo para ter algum lucro só perdeu tempo. Nunca parei para pensar num sentimento tão mesquinho. Se fosse ficar pensando nisso, teria me privado de muitas aventuras.

E muitas dessas aventuras estavam por vir...

Teve uma paixão platônica do meu passado que havia ido embora para estudar no exterior quando eu ainda morava em Poços. Ele me mandou um cartão-postal com a imagem de uma *drag* se montando em um camarim, ainda sem peruca. “Não sei por que me lembrei de você nessa foto!”, escreveu. Foi meio premonitório porque, nessa época, eu nem podia imaginar que ia fazer shows na vida.

Muitos anos se passaram e fomos nos reencontrar de novo em um concurso Miss Gay em Poços de Caldas. E agora o rapaz já me encontrou de “Nany People”, toda readequada, pronta para consumo, com uma turbina daquelas! No dia seguinte, marcou almoço comigo. Era Carnaval. Naquela noite, nos vimos de novo num baile. Tomamos uma, duas... E fomos dar uma volta porque a temperatura já estava subindo bastante.

O andar de cima do CENACON – Centro Nacional de Convenção – estava meio desativado. Das janelas, dava para ver as colunas do jardim do Palace Hotel, onde tinha dado meu primeiro beijo. Imediatamente me lembrei que, ao dar o primeiro beijo, olhei para as janelas do CENACON e imaginei que ali seria um bom lugar para beijar também. Beije o cara e chorei de emoção porque estava realizando um sonho!

As aventuras desse Carnaval não pararam por aí. O rapaz que eu beijei foi embora na segunda. Fiquei arrasada. Era casado. Fui burra em achar que seria diferente. Ia ficar em casa, mas decidi sair. Voltei ao CENACON, tomei todas e fiquei alegrinha. Recordo de um cara conversando comigo. E não me lembro de muito mais. Só que o cara me beijou. E foi um beijo cinematográfico.

O salão parou. A banda parou. A luz acendeu. Os amigos dele ficaram putos. Queriam pegar o cara de garfo, faca e canudinho. “Não é nada contra você, Nany!”, me diziam. “Você não está vendo?”, berravam para ele, “É a Nany People! É veado!”. O coitado comprou a briga, disse que queria ficar comigo e que estava beijando a mulher mais gostosa do baile. Tirou até a camisa para brigar e eu me coloquei entre eles.

Voltei à consciência quando estavam tentando tirar o cara do salão. Ele era muito conhecido em Poços e se deixou levar pela folia do Carnaval. Saiu escoltado, comigo na frente. Não rolou nada entre nós. No dia seguinte, fui até o

trabalho dele e avisei: “Você se prepara porque a cidade vai te esmerilhar!”. Foi o comentário daquele ano: “Nany People parou o CENACON por causa de um beijo no Carnaval”.

De volta a São Paulo, fui convidada para ser mestre de cerimônia na segunda formatura do voluntariado do Emílio Ribas. Foi uma honra. Mas não queria ajudar esporadicamente. Conheci mais o trabalho deles para saber onde me encaixar. Soube como era feito o treinamento da equipe e das áreas onde eles atuavam. Fiquei encantada. Às vezes, o mínimo que se faz – com amor – é tudo o que o outro mais precisa.

Em casa, a situação estava tumultuada. Meu pai reclamava que vivia numa gaiola de ouro comigo. Um dia, com a desculpa de ir pescar, fez as pazes com o Fafi, em Poços, e não voltou para São Paulo. Aprontou, claro! Gastou o que tinha. Acabou tendo isquemia cerebral. Foi para uma clínica. Meu irmão João pegou a tutela dele. E eu só ia visitar às vezes.

Mamãe estava certa: “As pessoas fazem com a gente aquilo que a gente deixa”.

Estrela cadente

Em 2006, mudou a direção do programa *Hebe*. E me fizeram a proposta indecente de acabar com meu contrato, recebendo apenas cachê por matéria que eu fizesse. Perguntei se estava escrita a palavra “burra” na minha testa. Fui ameaçada: eu ia perder o *status* de “star da Hebe”. “Eu pago minhas contas com dinheiro!”, respondi. “Não pago falando que eu sou estrela da Hebe.” O que pegou foi COMO as palavras foram ditas.

Apreendi que uma pessoa mostra o que é assim que você a conhece. Ninguém foge à sua natureza. É a chamada síndrome do escorpião. A gente é que se engana achando que vai ser diferente. Por isso, sempre confiei demais na minha intuição. Saí na hora certa. Nunca soube o que foi dito para a própria Hebe. Recebi flores dela e deixei por isso mesmo. Não ia expô-la a esse tipo de coisa.

No dia da demissão, nos corredores do SBT, a Paulinha Krausche, produtora da Adriane Galisteu, ficou tão passada que me deu um copo d’água que tinha na mão para tentar me acalmar. Estava em uma fase complicada. Havia gasto dinheiro demais com meu pai. Paulo Castro, que tinha virado um grande amigo, e estava em Londres, voltou ao Brasil doente e foi internado. Não tinha mais clima com o “Zezinho” que ainda morava comigo.

Estava preocupada em comprar um imóvel de novo. Tinha um bom dinheiro aplicado da venda do meu antigo apartamento, mas não queria mexer nessa aplicação com medo de perder tudo, como aconteceu com o nosso dinheiro da venda da casa de Serrania. Precisava tomar as rédeas das mudanças na minha vida. “Se a gente não muda com a vida, a vida muda com a gente”, mamãe dizia.

Em meio a esse monte de problemas, meu telefone tocou. O SBT me ofereceu uma vaga no programa do Celso Portiolli ou da Galisteu. Mas depois da Hebe, não quis ser repórter de mais ninguém. Disse “muito obrigada” e recusei o convite. Esse meu “não” repercutiu pelos bastidores.

Duas semanas depois, estava em casa jogada no sofá, pensando no que fazer da vida. Tinha poucos shows agendados, não valia a pena voltar para a noite. Tocou o telefone. Era a Adela de *A praça é nossa*, também do SBT. Tinha feito

participações no programa, enquanto estive no *Hebe*, assim como participado do júri do *Programa do Ratinho*. Sempre fui muito bem tratada por todos.

O próprio Carlos Alberto de Nóbrega queria conversar comigo. A “Praça” ia passar por algumas reformulações, como sempre acontecia periodicamente, e havia espaço para o meu humor. Fui conversar. “Gosto muito de você. Sempre admirei seu talento. Quero que você trabalhe aqui!”, Carlos Alberto me disse. O que seria só um teste acabou virando uma parceria de quatro anos. Ele me transformou em humorista.

Tinha até contrato, mas desta vez eu que não quis. Estava tentando produzir a peça *Nany People salvou meu casamento* e queria estar livre para divulgá-la em outros canais. Não haveria problemas desde que eu não fosse a outros programas de humor. Foi muito tranquilo. Chegava, gravava e ia embora. Meu bordão que pegou na época foi: “Onde a notícia acontece, Nany People aparece.”.

Saí da “Praça” só quando fui convidada a fazer um filme de terror: *A Fazenda 3*”.

Neste meio tempo, Paulo Castro, meu grande amigo chegado de Londres faleceu. Senti muito a morte dele. Foi o Paulo que me ensinou a maquiagem, que me agregou quando cheguei em São Paulo. Quinze dias depois, outro grande amigo começou a passar mal e vomitar depois de tomar o coquetel de remédios para controle do HIV. Naquela época, até o organismo se acostumar, havia muitos efeitos colaterais.

Coloquei esse amigo no carro e baixei no hospital. Porque sou dessas. Assim que embiquei o carro para levá-lo ao pronto-socorro, veio um segurança me dizer que não poderia estacionar ali. Ah, soltei os cachorros! “Não venha falar merda para mim!”, gritei. “Acabei de perder um amigo aqui. Preciso que você pegue uma cadeira de rodas e me ajude. Não de alguém para me dar bronca!”

Fui descobrir que não havia cadeiras de rodas no pronto-socorro. Aquilo soou como desaforo para mim. E essas situações nos inspiram. Sugeri aos donos da boate Túnnel fazer uma festa beneficente para o voluntariado do Emílio Ribas e eles concordaram. A festa foi chamada de “Ação Entre Amigos”. Convidei umas *drags* para fazer um show especial nessa noite e fui divulgar o evento nos bares.

Meu objetivo era comprar seis cadeiras de rodas. Fui atrás dos fornecedores porque tinha intimidade com o assunto: meu pai era cadeirante. Fiz três orçamentos, levantei os preços. Como já não circulava tanto pela noite, as pessoas tomavam um susto quando me viam abraçada à essa causa. Contavam suas histórias. Queriam saber quanto custava uma cadeira. E acabei encontrando padrinhos.

Uma pessoa comprou uma. Outra pessoa comprou outra. Na primeira noite, já

consegui oito cadeiras. Divulguei em várias boates. Fui muito bem recebida pelos proprietários – e pelo público! Antes mesmo de a festa acontecer, já tinha conseguido dezenove cadeiras de rodas e uma especial, de banho. Teve gente que doou cadeira nova que tinha comprado para um parente, mas nunca precisou usar.

A festa na Túnnel aconteceu no início de novembro. A renda ficou aplicada em uma poupança e deu para mobiliar a sala que o voluntariado tinha como base no hospital, além de comprar um computador – com impressora – para eles. Quisera eu que a doação das cadeiras de rodas também fosse simples. Não podia simplesmente doá-las. Tinha de dizer o motivo de estar doando.

Precisei fazer um inventário de cada cadeira, reconhecer firma em cartório e colocar uma plaquinha em cada uma, dizendo: essa cadeira foi doada graças a uma ação promovida por Nany People. Aprendi, a duras penas, que de boas intenções o inferno está mesmo cheio. Você quer amenizar o sofrimento alheio e, às vezes, esbarra na engrenagem burocrática. Aí, a porca torce o rabo!

A convite da Dra. Glória Brunetti, virei madrinha do voluntariado do Emílio Ribas com muito orgulho. Todos os anos, paro o que estiver fazendo para apresentar a formatura das turmas que passam pelo treinamento. Sou madrinha também do *Guia LGBT*, publicação que reúne uma série de prestadores de serviços que respeitam a causa *gay*. Endosso projetos que têm a iniciativa de melhorar a vida das pessoas.

Sempre trabalhei muito tempo em todos os lugares que me contrataram. Depois de dez anos, era a colunista mais antiga da *G Magazine*. Várias revistas apareceram, morreram (todo mundo acha que pode ter uma revista). Mas nunca fui para outra. Não servi a dois senhores. Fui mulher de um “homem” só, como mamãe me ensinou. Também não queria ser concorrente de mim mesma.

Tinha um grande prazer nesse trabalho de escrever mensalmente um texto. Mas o vento já tinha mudado de direção. Estava fazendo mais entrevistas com artistas – e eles as concediam porque era comigo. Aproveitei que a revista foi vendida e pulei fora. Às vezes, você faz algo por tanto tempo que tem que tomar cuidado para não confundir aquilo que você “faz” com aquilo que você “é”. Essa distinção é fundamental.

Na vida, tem que saber até a hora de parar. Separar-se de algo também é importante, até para rever seus conceitos e dar valor para o que tinha. E, quando algo acaba, tem que desapegar, para abrir espaço para a novidade. Essa máxima vale para qualquer situação. A vida é feita desses movimentos. E é devagar que ela vai dando certo. Tem de saber a hora de mudar. Não podia ser a Nany da *G*, da *Hebe*.

Nunca aceitei esses rótulos. Sou a Nany. Ponto. Do povo!

Uma nova identidade

Quis estrear *Nany People* salvou meu casamento em Poços de Caldas, no teatro que me viu crescer. No cartaz, estava de noiva ao lado do ator que fazia meu marido, Pierre Bitencourt. Foi uma grande surpresa para as pessoas que ainda não me enxergavam como atriz. Meus irmãos sacaram na hora que o texto era inspirado neles. Aprendi muito como atriz, produtora e pessoa. Começamos a viajar.

Depois da estreia, em um posto de gasolina, a diretora Imara Reis viu uma bolinha de pelo preta perto da lanchonete sendo enxotada pela atendente. Era uma vira-lata, cheia de carrapato. Dei água, leite. De tão faminta, a coitadinha quase se afogou. Decidi trazê-la para São Paulo e levei-a ao *pet shop* que tosou, tirou carrapato, deu vacina. E depois, claro, ela acabou lá em casa!

Foi batizada de Naomi. Aprontou de tudo: fazia buraco no sofá, tirava areia dos vasos. Achava que a casa era dela. Tive que colocar porta na despensa, eliminar os tapetes. Virou a rainha do pedaço. Quando ela entrou no cio, descobri o verdadeiro poder da vulva. Raí e Sócrates ficaram doidos! Castrei o Sócrates, que era mais ligado a ela. Depois o Raí. E ela logo em seguida. Virou a santíssima trindade.

Estava descobrindo também o poder das minhas novas turbinas. Outra paixão platônica dos meus tempos de infância e adolescência mandou um e-mail. Fomos comer uma pizza, em São Paulo, para matar as saudades. No meio do jantar, ele declarou à queima-roupa: “Eu te conheço desde criança. Mas parece que agora estou conhecendo outra mulher. E uma mulher linda!”. Abstraí...

De lá, fomos ver enfeites de Natal. Ele insistiu no flerte. Expliquei que: “A beleza dos 20 vem de graça. A dos 30, a gente corre atrás e, a dos 40, a gente compra. Eu paguei por tudo”. Ele disse que não interessava, que minha beleza estava ali comigo. E me beijou! Depois de 30 anos... Não saiu disso. Nunca mais nos vimos. Ele agora está com uma menina. Mas valeu a pena esperar tanto para ganhar esse beijo!

Segui compromissada com a minha carreira. Depois de apresentarmos o

Risorama no shopping Barigui, em Curitiba, (um lugar que nem tinha ar condicionado), mudamos, em 2008, para o Palácio das Indústrias. Participar desse festival mudou minha vida. Comecei a fazer meus espetáculos solo e viajar o Brasil inteiro. Meu primeiro texto foi o *Uma aula de muito amor e muito humor*.

Ainda queria trazer o *Nany People salvou meu casamento* para São Paulo. Tinha feito cadastro na lei de incentivo, mas não conseguia arrecadar. Não tinha um tostão. Falei isso numa entrevista na rádio para o *Pânico*, e o teatro Brigadeiro decidiu nos acolher. Era para ficar só dois meses em cartaz – mas ficamos seis! Quando finalmente a peça deu lucro, levei a produção para jantar em um restaurante chique.

Depois da entrevista no Jô Soares, viajamos para 14 capitais e quase 20 cidades no interior. Ouvi a Fernanda Montenegro dizer que teatro é movido à paixão. Que se você parar para pensar se uma peça vai ser viável, rentável, possível, você não faz. Que você acerta hoje, erra amanhã. E vai fazendo. Uma coisa vai pagando a outra. O que não pode é parar de fazer. Não me enxergava mais fora dos palcos.

Consegui até ajudar o voluntariado do Emílio Ribas. Em algumas sessões, cobrei três latas de leite em pó como ingresso de *Nany People salvou meu casamento*. Segui organizando festas em boates para angariar aquilo que eles estivessem precisando. Até roupa para quem não tinha o que vestir quando recebia alta ajudei a comprar. Minha imagem alcançava distâncias cada vez maiores.

O teatro, que sempre foi minha armadura, tinha virado minha respiração.

Encontrei um menino em uma balada em Poços que disse: “Cresci ouvindo falar da senhora. Meu pai a adora, fala muito bem da senhora”. Era filho de outra paixão platônica que tive na infância. Passei meu e-mail (nem foi o número do telefone) e, quando cheguei a São Paulo, o pai dele já tinha me enviado oito mensagens. Ficamos nos correspondendo virtualmente.

Quando voltei a Poços, um tempo depois, marcamos de nos ver. Minha expectativa era encontrar crescido o menino por quem fui apaixonada. Ele não imaginou que ia encontrar uma mulher. Ficou nítido quando abri a porta. Vi o semblante dele se iluminar: “Como você está linda!”, disse, hipnotizado. Tentamos conversar sobre a vida. Mas, no segundo seguinte, nos engalfinhamos.

Ele nem imaginava que eu arrastava um bonde por ele. Depois descobri que ele sempre teve uma queda por mim. Equalizou outra equação de 30 anos. E a conta foi perfeita. Por mais amores que tenha vivido, mais romances que tenha saboreado, foi um gosto diferente. Conversamos muito e tivemos a certeza de

que se fosse continuar seria nitroglicerina pura. Decidimos nunca mais nos encontrar.

A vida seguia seus rumos... O “Zezinho” finalmente foi embora lá de casa e me deixou mais comigo mesma. Era a hora de me reinventar. Não me encaixava mais na noite, onde a estrela tinha virado o DJ e não mais as *drags*.

Eu não era nem a estrela de Belém nem a vaca do presépio. Havia resistência para minha entrada em alguns teatros. Relutavam para me chamar para eventos empresariais. Muitos achavam que eu ainda era uma personagem, uma figura ligada à noite *gay*. Isso me incomodava. Muito! Porque nunca baseei o meu trabalho só nesse gueto. Precisava mostrar que estava além da peruca e do texto pronto.

Então, tive uma ideia: participar de um *reality show*. Dos que existiam, em *A Fazenda* os artistas conviviam em uma rotina mais próxima da nossa realidade. Naquele contexto, era possível interagir com outros artistas mostrando para o telespectador de fora um pouco de como as coisas aconteciam na nossa vida real. Dava para mostrar o seu caráter, o seu lado “comum”, quem você era “fora das câmeras”.

Não tinha nada contra esse gênero de programa. Hipocrisia é trabalhar em um ramo e criticar aquilo que se faz. Acho engraçado o ranço intelectual dessa nova geração que sai da faculdade para postar vídeo de arte em rede social. Um dia, quem sabe, virem gênios. Até lá, vão ter que trabalhar na TV aberta com toda fauna e flora dessa arca de Noé. Um trabalho benfeito sempre será aplaudido pelo público!

Descobri que um amigo trabalhava na produção de *A Fazenda* e liguei para ele. A segunda temporada estrearia naqueles dias e o elenco já estava fechado. Não rolou daquela vez. Contudo, em março de 2010, estava em Curitiba, me preparando para o *Risorama*, quando recebi uma ligação: “Por enquanto, é só uma sondagem, Nany. Você tem interesse de participar de *A Fazenda 3*?”. “Siiiiiiiiim”, topei na hora!

Já de volta a São Paulo, recebi uma visita oficial em casa, tudo muito secreto (negava tanto por aí que chegou uma hora que nem eu acreditava que estava indo). Queriam saber por que eu merecia estar no *reality* e se eu ia entrar como homem ou mulher. Respondi que ia como mulher – e bonita: B-U-C-E-T-A! Bonita! Deixei claro que não estava muito preocupada com o prêmio em dinheiro.

Mais importante para mim era mostrar que estava além de um personagem.

Todo mundo sabe que fui criada em Poços de Caldas, mas não nasci lá. Em toda entrevista, falo que sou de Machado, fui criada em Serrania, mas me considero

de Poços. Mamãe gostava muito de Machado. As lembranças de Serrania ficaram na infância. Mas minha história como pessoa começou para valer em Poços. Aquelas memórias ainda estão muito vivas dentro de mim.

Por ter feito parte de um grupo de escoteiros, meu irmão do meio, Fafi, sempre foi muito popular em Poços. Viajaram pelo Brasil inteiro divulgando o nome da cidade. Uma vereadora decidiu dar a ele o título de cidadão poço-caldense. Essas condecorações de cidadania são um dos atos cívicos mais naturais. E, como uma medalha, é uma grande honra receber um título desses.

Ao mesmo tempo, outro vereador sugeriu que eu também fosse laureada com o título. A Câmara aprovou por unanimidade. A notícia se espalhou e logo estampou as manchetes dos jornais locais. Só que, naquele ano, os vereadores já haviam atingido a cota de distribuição de títulos. Houve a cerimônia, mas não nos chamaram. Ficou uma sensação de “ganhou, mas não levou”.

Depois de todo o auê que tinham feito com o meu nome, meu produtor, Fabio Junio, não se conformou. Organizou a documentação e mandou a papelada. Marcaram uma condecoração especial – para mim e para o Fafi. Como sempre, a Câmara fez convites em papel timbrado (que tenho guardado até hoje ao lado da escritura do apartamento). Escolhi um figurino a dedo: um casaco discreto, bordadinho na gola.

A cerimônia foi linda! A entrada já é emocionante, imponente. Fui de braços dados com meu padrinho (meu irmão João) e vi, no plenário lotado, minha vida passar – das senhorinhas amigas da mamãe até o Thié, que não costumava mais sair de casa nem por decreto. Os vereadores abriram a cerimônia, leram uma ata e começaram chamando pelo meu irmão, precedido da leitura de um resumo de seus feitos. Aplausos.

Quando fui chamada, foi uma louvação. Enquanto liam uma espécie de currículo da minha vida, um filme passava na minha cabeça. Lembrei o dia em que saí de casa, quando prometi para mamãe: “Eu vou fazer de tudo para não decepcionar a senhora”. Ali estava eu, sendo “aprovada” pela Câmara de Vereadores de Poços de Caldas. Ao receber o título, o presidente da mesa me disse que era mais do que merecido.

Meu mundo desabou! Em lágrimas de felicidade, claro. O diploma era lindo. Parecia uma nova certidão de nascimento. Pensei na alegria da mamãe em ver dois filhos sendo condecorados (o João mais tarde também ganhou o título). Ali estava a prova de que eu não havia naufragado, de que não tinha nadado em vão. Tanta gente saía de Poços, tentava outra vida e voltava depois. Eu tinha conseguido! E com louvor!

Foi uma das homenagens que jamais esquecerei. Fui acolhida pela minha terra. Fui escolhida para ser cidadã dali. Tomei por gratidão tatuar nas minhas

costas “*made in* Poços de Caldas”. Aí, me esparramei. A mineirada teve que me aguentar. Agora sou cidadã poço-caldense! Hoje, quando falo de Poços, falo de mim, da minha história, da minha identidade.

Quando a vida trepida é em Poços que me fortaleço.

Eu é que sou louca?

Saindo do contador em um dia de chuva, vi uma coisa passando, mancando. Era um poodle vira-lata. Mostrou os dentes para mim. Olhei a cachorra e comecei a chorar. Estava em petição de miséria. Com uma das patas amarradas, andava com três. Muito fedida, judiada e completamente desnorreada. Coloquei no porta-malas do carro e levei para o *pet shop*. Ela desmaiou na hora de tosar.

Ninguém queria a cachorra. Não pensei duas vezes. Ela veio morar comigo. Tive que castrá-la também. A partir daí, os quatro – Raí, Sócrates, Naomi e Graça – passaram a disputar espaço, querendo minha atenção. São a razão da minha vida, meus filhos. Depois da Graça, não peguei mais nenhum.

Tive de me afastar deles quando fui para *A Fazenda*. Encarei o *reality* como mais um papel, que ia fazer pela primeira vez. Li as regras do jogo como parte de um *script*. Decidi me entregar ao personagem de mim mesma sem me julgar antes. Porque quando você analisa demais e precisa se convencer de algo, acaba não convencendo mais ninguém. Quem tem medo do ridículo nunca se revela de verdade.

Sempre fui tratada por todos – produção e participantes – como uma pessoa normal. De pura prevenção, entrei armada até os dentes. E levei uma chapuletada quando percebi que ninguém ia me atacar gratuitamente. Já na troca de pilhas do microfone, perguntaram se eu ia no grupo dos homens ou das mulheres. “Vou no do jacaré!”, gritei para encerrar o assunto.

O fato de eu ser uma transexual e prestar muita atenção na minha forma também sempre me fez dedicar bastante atenção ao meu conteúdo. E quando você não se coloca bem, a sua “forma” pode deturpar esse “conteúdo”. Não vou a uma missa ou no mercado com um decotão! Essas novas gerações não prezam mais os rituais. E se esquecem que “na vida, tudo é produção”!

Era 2010 e eu, já ingressando na meia-idade, com 40 e poucos. A metade da minha ampulheta já tinha caído. Virei mocinha na menopausa. Aprendi em um espetáculo sobre a Chanel que, se já se esconde os joelhos porque eles têm cara de recém-nascido, na meia-idade eles ficam com cara de feto que não vingou. Já

usei muita minissaia, tenho pernas bonitas. Mas não precisava mais dessa exposição.

Dentro do programa, competindo com jovens gostosas, originais de fábrica (não genéricas como eu), comecei a me resguardar de algumas situações. Preferia tomar banho sozinha. O banho das meninas sempre virava o “clipe da beleza”. Era hora de pagar peitinho, bundinha. Era hora da sensualidade. Não precisava de uma “Nany People” para fazer o contraponto com tanta juventude.

Mesmo porque, o meu desafio ali era outro: queria desmistificar essa minha produção. Até aquela época, o Jorge não existia para o público. Jamais me exibí não produzida, de jeito algum. Ninguém me via desmontada. Só aparecia pronta para entrega. Nunca quis revelar a mágica. Mas havia chegado o momento das pessoas me enxergarem além. Foi um divisor de águas.

Não que eu ande de calça jeans rasgada e chinelo de dedo. Comigo nunca teve essa de andar largada. Cresci ouvindo que “quem não se enfeita por si, se enjeita”! Sempre me obrigo a colocar cílios, sapatinho, vestidinho, brinquinho básico. Gosto de tirar a roupa e estar cheirosinha. Mas tem dia que quero simplificar. Fico em casa de turbante e parece que vou vender acarajé.

Era essa Nany que esse jogo iria revelar!

No segundo dia de confinamento, já tinha me esquecido que estava dentro de um *reality show*, rodeada por câmeras. Quando alguém se preocupava demais para trocar de roupa, a gente lembrava que estavam gravando tudo. O ser humano se adapta fácil. Uma semana depois, já me sentia em casa. Cresci no campo. Por isso me sentia tão à vontade naquele cenário.

Assumi a cozinha. Mas sempre ajudei no trato dos animais. No segundo dia em que a gente estava mexendo com os bichos, morreu um cisne. Eu me lembro perfeitamente, embaixo de chuva, da reação de pânico da Carol (a atriz carioca Ana Carolina Dias), porque ela era a responsável pelas aves naquela semana. Acharmos que tinha sido nossa culpa. Mas não foi. O cisne já estava muito doente.

Fui cortar lenha sem nunca ter feito academia. Resultado: me fudi. Não conseguia levantar sequer uma xícara no dia seguinte de tanta dor no braço. A cozinha se tornou meu porto seguro. Não dormia depois do almoço. Ia fazer bolo de fubá, doce de banana. Voltei ao meu passado, preparando pratos que cresci vendo as mulheres da minha família fazer. Tinha rodízio para o povo lavar a louça depois.

A gente se divertia muito também. Meu grupo, na competição, tomava na tarraqueta, mas na hora de cozinhar ficava dançando *funk*, se divertindo. As pessoas iam para a cozinha para se divertir junto com a gente. Era difícil deixar

todo mundo satisfeito. Tinha artista que nem tinha o que comer em casa mas, na frente das câmeras, para fazer a “linha boa forma”, reclamava de tudo.

Briguei com o Sérgio Abreu (outro participante e ator). No dia anterior, haviam acabado com a mistura antes de todos se sentarem à mesa. A partir desse incidente, combinamos que comeríamos juntos, que eu tocava o sino quando a refeição estivesse pronta. Ele queria comer antes e eu falei que não estava pronto! Ele insistiu. Aí, perdi a paciência. E se me enchessem demais, oferecia meu lugar para alguém cozinhar.

Prometi que não ia bancar a biscate lá dentro. Por isso, não bebia tanto nas festas. Porque, quando bebo, fico “facinha”. Mas quis muito pegar o Daniel Bueno (modelo gaúcho que acabou sendo o vencedor do *reality*). Quando ele entrava na cozinha, carregando um facho de lenha, sem camisa... eu olhava com os olhos e lambia com a testa. Sem falar quando ele acordava de cueca branca!

Dentro de *A Fazenda 3*, falei abertamente das minhas relações com jogadores de futebol. Sem anunciar nomes, claro. Teve um segundo jogador do Corinthians que me seguiu até a porta do prédio depois de uma festa de um camarote de Carnaval. Voltou no outro dia e pediu para o porteiro me chamar. Conversamos no *hall*. Ele achou que eu fazia programa. Eu nem sabia quem ele era.

Trocamos telefones e marcamos de sair. No motel, a recepcionista fez aquela festa quando me viu e queria tirar foto. “Não! Ele é casado!”, respondi. O povo é muito sem noção. Tive uma história com um jogador do Palmeiras também. Ele puxou papo comigo no aeroporto. Sentamos um ao lado do outro num voo noturno. Nosso “pega pega” começou dentro do avião e continuou pela vida por um tempo.

Em um programa de variedades, tempos depois, me ofereceram uma boa grana para dizer o nome dos jogadores. Mas não disse. No dia seguinte, esse jogador do Corinthians me mandou uma caixa de bombons, com um bilhete: “Você continua sendo a minha garota”. Todos eram casados. Era sexo casual, uma transa garantida. Sempre me levaram para cama como mulher.

Contabilizo os créditos. Um deles me ensinou a comer chocolate Godiva. Outro conseguiu uma camisa do Corinthians toda autografada para meus sobrinhos. Foram legais comigo. Eram relações saudáveis, sem cobranças nem promessas. Nunca fui a um jogo deles. Nunca vislumbrei um relacionamento. As pessoas de fora acabam vendo muito mais coisas onde não tem.

Eram esses mitos que pretendia desmistificar no *reality show*.

Em *A Fazenda 3*, os competidores se dividiam em grupos. Dancei conforme a música. Todo mundo sabe que tem voto. Mas chega lá e levam para o lado pessoal. Tem também aqueles que votam se sentindo “Deus”, só para escorraçar

o outro. Uma grande bobagem. É a tal lei da sobrevivência, que faz muitos humanos serem piores do que os animais.

A provocação faz parte do jogo e às vezes ela vem camuflada. Exemplo: em um grupo, duas mulheres queriam disputar a liderança, mas o líder delas não deixava. A menina veio me ajudar na cozinha e o fulano tirou sarro dela. Já coloquei os pingos nos “is”, dizendo que eles tinham questões mais importantes do próprio grupo para resolver do que ficar discutindo se estar na cozinha era algo digno ou não.

Comigo não tinha meio expediente. Quando percebia uma segunda intenção, já rasgava o verbo em três. Um monte de gente lá se achava esperta, muitos arquitetaram estratégias mesmo antes de entrar no programa. Outros faziam uma coisa para conseguir outra. Mas qualquer um era capaz de perceber quando falavam só o que os outros queriam ouvir. Uma hora a máscara cai. O próprio jogo foi se mostrando depois...

Embora não tenha optado por nenhum papel (nem da gata, da sonsa, da submissa, da louca), descobri que sou muito previsível. As pessoas sabiam como eu iria reagir. Tanto que decidi não explodir mais com qualquer insulto. Lendo a biografia do Dener aprendi que, quando você responde a um ataque, você coloca o foco na outra pessoa. E eu não estava a fim de dar luz para alma penada. Fazia a linha egípcia.

Aprendi também a não falar daquilo que não sei. Muita gente tem preguiça de entender o porquê de uma situação, inclusive por não ter acesso a esse “porquê”. Quando você começa a contar como foi, as pessoas veem que não era bem assim. *A Fazenda* é gravada durante 24 horas – mas mostram apenas uma hora. A TV exhibe o leite derramando, mas nem sempre como o leite ferveu.

Mostraram quando eu entrei no quarto e dei um baile por causa do desperdício de uma lata de leite condensado, e todo mundo aqui fora achou um exagero da minha parte. Mas ninguém viu que nós ficamos sem água por quatro horas no dia anterior por causa de desperdício. Trancaram até a geladeira com energéticos. Tudo tinha punição. Você ficava privada de coisas essenciais. Virava um *stress* generalizado.

Tinha a sensação de ter sido sequestrada de mim mesma. Parecia um universo paralelo. Enquanto na vida real você decide o que fazer com esse *stress* (desaparece, desliga o celular, pega o carro e sai), ali você tinha um baita quebra pau na cozinha e, dez minutos depois, começava uma prova na varanda – de interação com os coleguinhas! Você tem vontade de pegar a bola da queimada e enfiar no toba do infeliz!

Quem mais sofre com tudo isso é quem fica aqui fora. As pessoas que conviviam comigo não podiam mais sair de casa porque sempre tinha alguém

para dizer algum “achismo”. Todo mundo quer dar um palpite. Aham que nossos parentes vão telefonar para gente para dar algumas dicas e se esquecem que nós lá dentro, inteiramente confinados, não temos como saber nem que dia da semana é direito.

Depois que saí, me disseram que esqueci do meu bom humor. Mas não dava para fazer graça naquele circo dos horrores. Citei Monteiro Lobato em uma conversa e teve participante que não sabia de quem se tratava. Desisti. Não ia ficar falando da Lady Gaga. Entrei nesse programa justamente para tirar esse estigma. É não é porque você é humorista que tem a obrigação de sempre ter uma piada na ponta da língua.

Tem que saber também até que ponto a crítica não é recalque.

No olho do furacão, muitas vezes a gente toma uma atitude por instinto, por sobrevivência ou pela oportunidade. Depois pode até se arrepender. Mas já está feito. Há quem se inflame mais facilmente e – pelo menos no *reality show* em que participei – há aqueles que tomam calmantes. Se tivesse tomado um relaxante por dia, minha história dentro do confinamento teria sido outra.

Fiquei com fama de barraqueira. Não suporto presunção nem injustiça. Meus quatro cachorros foram frutos de injustiça. Os doentes do Emílio Ribas enfrentam injustiças. Vou morrer lutando por essas causas. No *reality*, pensavam duas vezes antes de vir para cima de mim. Depois de tudo o que já enfrentei, falo a verdade doa a quem doer – até para mim mesma. E isso assusta!

Já me disseram que tem gente que fica com medo de falar comigo. Mas quem fala a verdade não merece castigo. Nem tudo precisa ser do meu jeito – a menos que eu tenha que limpar a merda que alguém fizer. Isso a vida me ensinou. Fui verdadeira comigo. Achei que não ficaria mais de uma semana. Não pela minha condição. Mas porque essa coisa de falar a verdade incomoda muito.

Ninguém quer ser cobrado. Houve uma inversão de valores. Quem fala a verdade é idiota. Quem é carinhoso é carente. E por aí vai. Essa hipocrisia de ver um circo pegando fogo e não fazer nada não entrava na minha cabeça. Não tinha paciência para gente se fazendo de sonsa. Tanto que o meu bordão da época – o “Então!” – pontuava esses absurdos e cobrava uma postura das outras pessoas.

Nas minhas cinco semanas de confinamento, fiz amizades sinceras, gente com quem falo até hoje. Não achei que ia ficar tanto tempo no programa. Achei que ia ser discriminada e não fui. Nunca fui votada, apesar de todos acharem que eu era forte candidata ao prêmio final – o que não passava de uma grande bobagem. Perdi uma prova de força e selei meu destino. Foi simples assim.

É mentira que tive um grau de rejeição muito grande. Existem muitos mais mistérios na eliminação de um *reality show* do que pode supor o simples voto

das pessoas que assistem. É uma matemática bem complexa. Mas me diga: de que adianta ganhar um milhão, comprar a casa dos seus sonhos e não receber nenhuma visita porque ninguém te suporta?

A gente nasce para ser amada. Não só para ganhar dinheiro.

Outro capítulo

Na noite em que fui eliminada e observei o local onde estávamos confinados, me senti um hamster de laboratório preso em um labirinto. Quando me jogaram no Viaduto do Chá, em São Paulo, logo no dia seguinte para fazer uma matéria, me senti invadida. O povo veio para cima com tudo, baseado numa intimidade que eu não tinha com eles. Ali percebi que a minha imagem tinha mudado.

Demorei uns cinco dias até voltar para casa. E descobri que o mundo estava atrás da gente. Saí para fazer as unhas, mas tive de desistir, tamanho era o assédio. Não podia sucumbir e virar mais uma ex-participante de *reality show*. Comecei a me impor para lidar com essa invasão. Fora dos meus compromissos profissionais fiz questão de voltar à minha vida normal.

Não me arrependo de ter me exposto do jeito que me expus. Entrei nesse jogo para isso. Tinha um objetivo. Mas não tinha uma expectativa. Só queria mostrar quem eu era e não fazia ideia de como seria recebida. As pessoas perceberam que, apesar de cada um ter seu jeito, temos muito mais em comum do que se imagina. Compartilhamos nossa humanidade. E isso ninguém me tira mais.

Acredito que saí do programa na hora certa. O jogo depois foi ficando hipócrita demais e eu ia acabar me queimando. Ia matar alguém esganado! Mas foi curioso assistir aos mascarados se dando mal. Pela tela, a edição mostra os outros lados da conversa que você nem sempre tem acesso lá dentro. Aí é que o caráter de cada um vai se delineando mais claramente.

Não me arrependo de nada do que fiz. Pelo contrário, quando entrei (meio turva) dentro da sede na festa final, fui direto à cozinha, beije o espremedor de alho e chorei de gratidão. Faria tudo do mesmo jeito se tivesse outra chance. Sinto um baita orgulho de ter participado do programa, por mais que falem isso ou aquilo. Depois de sobreviver às pessoas, passei também a confiar ainda mais na minha intuição.

Tinha quatro celulares. Passei a ter apenas um. *A Fazenda 3* me ensinou que tecnologia não é minha prioridade. Refiz o guarda-roupa de novo. Não precisava de um figurino novo toda semana. Aprendi a comer menos, a tomar banho

gelado (se necessário), a ficar mais frígida (se necessário). Voltei a fazer coisas da adolescência, como arrumar a minha própria cama. Reinventei minha vida, meu dia a dia.

Contava muito com os outros. Passei a contar mais comigo – o que assustou muita gente que convivia comigo. Delegava muito. Passei a fazer eu mesma. Tomei mais as rédeas das minhas situações. Fiquei mais objetiva. Cansei do “jogo de sedução”. Mais do que nunca, passei a ir direto ao assunto. Fui para me mostrar. E acabei me conhecendo ainda mais.

Obrigado, *Fazenda 3*, por me fazer nascer de novo...

Depois que saí do programa, o “Huguinho”, aquele grande amor da minha vida, me ligou. Mas não quis vê-lo. Como bem disse Chico Buarque: “É desconcertante rever o grande amor...”. Colhi outros frutos. Ganhei um público mais jovem. Pessoas das mais diferentes classes sociais me paravam na rua para dizer: “Admiro muito a sua postura, ética, coragem e força de viver”. Ganhei mais respeito, validação.

Parei em um posto de gasolina para abastecer o carro e o frentista chamou o dono, que chamou todo mundo. Em outro, um motorista de caminhão disse que torcia por mim e que assistia ao programa só para ver o que eu ia aprontar. Teve outro motorista que me disse: “Parabéns pela sua atitude. Você é uma pessoa muito ética, muito íntegra”. Toda vez que ouço isso, meu prêmio está aí!

Entrei em um avião para fazer um *stand up* em Curitiba e fui aplaudida – de pé! Fiquei muito emocionada. Entrei em teatros que não me abriam as portas antes. Fiz eventos empresariais. Não parei de ser chamada para trabalhar, graças a Deus. Pelo contrário, abriu-se uma comporta de trabalhos novos. Passaram a me conceber e me “consumir” de um jeito muito diferente.

Não tinha mais aquele mal-estar quando entrava em um lugar público. Acabou-se o bloqueio social. As pessoas passaram a me admirar, a me aceitar, a me entender. Ninguém mais ficava me classificando sexualmente. Desmistifiquei a *drag*. O mundo conheceu a “Nany” da “Nany People”. Agora, era uma pessoa. Virei uma página da minha vida e comecei a escrever outro capítulo.

Criei coragem para montar um espetáculo solo: *Deu no que deu*, que falava do universo homem & mulher – mas metia o pau nos homens. Ainda tinha gente que achava se tratar de um show segmentado. Mas não era! Contava um pouco da minha história, com bastante humor, enquanto interagia com a plateia. Ia improvisando em cima de tópicos. Mas essa interação sempre acaba trazendo o efeito surpresa.

O *stand up* teve seu auge e, agora, está na ressaca. Ficou tão popular que virou “gremlin” – jogou água, todo mundo fazia. Acharam que era só falar um monte

de palhaçada e desaforo. Dizem que quanto mais desaforo se fala, mais inteligente fica. É mentira! Tem de ter carisma. E isso ninguém dá, você nasce! Teve quem usasse o microfone como revólver contra sua própria índole.

Teatro também é um tricô, um trabalho artesanal que não para nunca. O produtor Fernando Padilha me abriu as portas do Rio de Janeiro. O músico e também produtor Caio Bucker, que já conhecia da mostra de *stand up* do Teatro Leblon, me apresentou a um autor talentosíssimo chamado Yuri Goffman. Surgiu uma promessa de trabalharmos juntos no futuro.

E no meio disso tudo, no domingo de Carnaval de 2011, recebo a notícia que meu pai tinha falecido em Poços de Caldas. Morreu por causa de gripe. Enfrentou um câncer, teve isquemia cerebral, amputou as duas pernas e morreu de resfriado. A lembrança mais forte que me ficou dele é de olhar para o caixão e pensar: “E tudo se resume a isso... Num domingo de Carnaval...”.

E outro ciclo se fechou na minha vida.

Case, se puder

Não dei frutos, mas dei sombra. Tive quatro sobrinhos que ajudei a formar. Mas só a primogênita, Loreana, minha afilhada, é apegada e ligada a mim. Mora em Poços. Fiz o casamento dela. Com ajuda da mãe do noivo, paguei do curso de noiva a decoração. O vestido nem quis ver porque senão ia dar muito palpíte. “Tia, o casamento é meu!”, me dizia. Não queria nem ser madrinha para não chamar a atenção.

A cerimônia foi marcada para as 9 da noite, quando brinco de pérola vira lustre, saia curta vira longa, violino vira coral e veuzinho vira grinalda. Preparamos vinhos, docinhos e um bolo de três andares com bonequinho para uma pequena recepção. Quando vi o vestido tomara que caia, perguntei pela alça. Mas minha única exigência mesmo foi incluir a *Ave Maria* de Gounod na lista de músicas.

Meu vestido era cor *nude* com renda preta e uma sobressaia que poderia tirar na festa. Tinha um decotão que cobriria com uma mantilha durante a missa. Vinha de um costureiro de Marília, Fábio Ferreira. Mas os Correios entraram em greve. Em plena sexta-feira, às 7 da noite, implorei para o moço da agência, explicando minha situação, pedindo para ele abrir só essa exceção. Consegui o vestido!

Pegamos a Loreana no salão. Meu amigo Piffer era o motorista. Fui no carro de trás com minha ex-cunhada (mãe da noiva). Na igreja de Nossa Senhora Aparecida de Poços de Caldas, no dia 15 de outubro, nove em ponto, entraram os padrinhos, avós, pais. E eu entrei sozinha. O casamento foi lindo. Quinze músicas no total – e todo mundo chorou na *Ave Maria*. Foi outra grande emoção.

Na hora do brinde, minha sobrinha fez uma homenagem linda: “Se eu estou aqui hoje é porque você me ajudou a ser quem eu sou”. Desabou na hora de se despedir de mim, antes de seguir para a lua de mel. Demorou para o álbum de fotos ficar pronto. Quando chegou, vieram dois – e um ficou para mim. Está ao lado da minha cabeceira. Vejo todas as noites.

O ano de 2011 ainda me reservou mais uma surpresa antes de acabar. O SBT

me convidou para participar como jurada do programa *Cante se puder*. A proposta do formato era chamar pessoas para cantar enquanto faziam provas. Mandaram um *link* como referência, mas nem assisti. Cheguei para o teste e encontrei a arca de Noé do *show business*: de Fafá de Belém até a mulher fruta. Fui contratada.

Estreamos em janeiro do ano seguinte. Foram acordados 13 episódios, mas ficamos mais de um ano e meio no ar. A bancada do júri era composta pelo cantor Nahim (o serelepe), a dançarina Lola Melnick (a *pin-up*) e eu (a exótica). Eles eram mais políticos. Eu metia o ferro quando não gostava. Com minhas tiradas, ganhei o apelido de “filósofa de Poços de Caldas” do Márcio Ballas.

O programa primava pelo surpreendente. Não era “Cante Melhor”, era *Cante se puder*. Valia quem dava o melhor show. Queria ver as veias pulando! Só sabia o que ia rolar na hora. Às vezes eu dava foras, trocava o nome das pessoas, e a edição mandava para o ar do jeito como foi. Era muito divertido. Ainda mais tendo o Rica Mantoanelli como diretor. Quando você faz aquilo que gosta nem sente que está trabalhando.

A produção era muito esmerada. Mila Godoy e Mariana Carbone são minhas amigas até hoje. Eram elas que resolviam nossas agendas. Também não tinha esse *lobby* de chegar e ficar desfilando pelos corredores. Chegava de periquita pronta e perfumada para fazer o programa. Continuei sendo muito bem tratada nos bastidores do SBT. É como se fosse uma grande família.

O público gostava muito do *Cante*... Meu bordão que pegou nessa época foi o “*Hola, que tal?*”. Ganhei um público mais *teen*. As crianças também riam com as coisas que eu falava. Senti quando o programa acabou. Acabou um contrato fixo e uma atmosfera que eu amava. Em contrapartida, ganhei liberdade para divulgar meus trabalhos em outras emissoras.

Tudo o que começa, uma hora termina. Já me acostumei.

Tem de questionar

Em 2012, no baile de Carnaval do “Vermelho e Preto”, fiquei sabendo que uma escola de samba da comunidade estava sem graça de me chamar para desfilar. Eles iam homenagear os blocos dos velhos Carnavais, onde tinha me vestido de mulher pela primeira vez, há 29 anos. É claro que aceitei. Fui de espanhola e botei fogo na avenida, me sentindo a Luma de Oliveira na frente da bateria. Quase morri!

Nesse mesmo ano, participei de um documentário do Pedro Abrantes, *O riso dos outros*. E recebi uma ligação do meu produtor no Rio de Janeiro, dizendo que o Yuri Goffman tinha adaptado um texto para mim. Fiquei animada. *Meninas crescidas não choram* era um roteiro brilhante, muito bem escrito, inteligente e culto. Mexia com uma bagagem cultural que a maior parte do público não tinha acesso.

O texto abordava desde a primeira mulher de Adão (que não foi Eva) a história anterior da Cleópatra (que foi exilada três vezes). Usava o Novo e o Velho Testamento, bem menos publicados do que a Bíblia, e portanto com informações que pouca gente conhece. O produtor Waldir Terence comprou a ideia imediatamente e a viabilizou de forma genial.

Achei a primeira versão do texto presunçosa, com muitas afirmações. Para se afirmar algo no teatro, é preciso muita certeza do que está falando, caso contrário não convence. Mesmo assim, ao afirmar, você se distancia. Quando questiona, agrega, abrindo espaço para reflexão. “Tem de questionar!”, recomendei ao Yuri. Ele reescreveu algumas passagens e ficou incrível.

A segunda versão do texto me transformou tanto, que mudei grande parte das minhas atitudes na vida pessoal. Dra. Lilit Éden, a protagonista, mexeu comigo. Percebi que a mulher se emancipou, mas abandona tudo para parir. É um desejo hormonal. Não queria essa sina para mim. Coloquei para correr todo mundo que estava “mamando na minha teta” indevidamente. Queria garantir minha liberdade!

Montamos *Meninas crescidas não choram* em um mês. No meio dos ensaios,

no Rio de Janeiro, recebi uma mensagem do Luis Eduardo de Andrade, dono de um bar em Poços, onde eu já havia me apresentado. Dizia que era meu admirador e gostaria de me sugerir como tema para uma escola de samba, a Vivaldinos. Seria uma homenagem, contando minha trajetória no teatro. Autorizei na hora.

Depois nos encontramos e ele me mostrou as pesquisas que já tinha feito. Comentei que o sonho da mamãe era desfilar na avenida. “Pois ela vai!”, ele me garantiu. Veio a eleição do samba-enredo – e todos falavam da minha ligação com a mamãe. A maior surpresa foi reservada para o carro alegórico em que eu iria desfilar: havia uma foto da mamãe. Ela ia mesmo realizar seu grande sonho!

Depois de o *Deu no que deu* e antes de começar o *Meninas crescidas...*, estreei o *Tsunany*, meu *stand up* solo que falava mais do universo tecnológico que nos avassala. Desde que escrevi na *G Magazine*, fui utilizando o meio digital cada vez mais em meu benefício. Na revista, era um assunto por mês. Tive um *fotolog*, onde podia postar um texto uma vez por dia.

O Orkut não me encantou. Mas, quando chegou o Twitter, gamei. Tinha de pensar e desenvolver um raciocínio completo em até 140 caracteres. Tinha de levantar e cortar de uma vez, sem chance de segundo tempo. Estava na minha praia. O Facebook me dava preguiça. Para fugir dos perfis falsos, criei uma comunidade oficial para os fãs. Então, inventaram o Instagram.

Uso a internet agora como veículo para fazer o povo pensar – e para divulgar meus trabalhos. Tenho prazer, necessidade em falar. Não quero guardar os pensamentos só para mim. A palavra é energia transformada em ação. Posso dar *feedback* para o público, posso me defender. E quando não tenho nada de interessante para dizer, não posto nada. Para mim, internet não é vício. É uma distração.

Já vi muita gente se ferrar com um comentário malfeito. Mas não aguento quem usa a internet para falar bobagens, tipo: “Vou comer macarrão”. Tá. E daí? Quando fico em casa, descansando (o que tem acontecido cada vez menos), no meu “camisola’s day”, sempre acabo registrando um momento lindo dos meus cachorros. Esse tipo de “memória” vale a pena!

E já vou avisando: na minha página pessoal, só adiciono quem eu quero. Amigo de amigo não é amigo – é conhecido! Em 2013, a Vivaldinos foi a segunda escola de samba a desfilar no domingo de Carnaval, em Poços de Caldas. A primeira escola que passou pela avenida não teve nenhum incidente. Já no nosso desfile, deu problema no som. Curioso... Esperamos uma hora para entrar. E como não conseguiram consertá-lo, fomos com o som ruim mesmo. Desfilamos e fizemos bem bonito.

A avenida gritava: “Nany People... Cadê você? Eu vim aqui só pra te ver...”.

O carro abre-alas mostrava um palco onde um menino – que me representava – via o teatro pela primeira vez. Havia atores vestidos como pierrôs e colombinas fazendo encenações, e uma atriz representava tia Nicinha. A parte de trás reproduzia um camarim. Era “o” carro!

O foco era a minha vida artística teatral. Cada ala representava uma peça que fiz. A bateria veio de Chacrinha e as passistas eram chacretes. A ala das borboletas falava de transformação, com *drags* e um ator como Lucrécia Borgia (primeira fantasia de mulher que usei). Havia o carro da celebridade, o da mídia. E o último – aquele em que desfilei – era da Cinderela, com direito a fada madrinha.

Distribuíram uns leques de papelão, com o samba-enredo no verso: “Nany People – a mulher que se aut fez”. No verso *Nany People, esse samba é pra você*, a escola inteira virava-se para mim. No *Bate palmas para a nossa Cinderela*, todos me aplaudiam. Isso era de matar. Quando vi a avenida toda cantando junto, perdi a voz de tanto chorar. De alegria, gratidão.

O desfile acabou e a arquibancada ficou gritando: “Nany, eu te amo”. E a bateria acompanhando. Acho que essa, sim, foi “A” maior emoção da minha vida (até agora). Não me lembro de nenhuma outra emoção que tenha gostado tanto de sentir. Foram 50 minutos de estado de graça. Ser homenageada em vida, na sua terra, tem um sabor inigualável.

A apuração foi no dia seguinte. Acompanhei pela TV Poços porque não tinha mais voz. A rixa entre as comunidades era grande. Gente que me adorava parou de falar comigo porque era da escola adversária. São quatro escolas. Mas a Vivaldinos não ganhava há 23 anos. Nunca se organizavam direito para competir de verdade. Cada voto era um grito. E nós ganhamos por dois pontos. Foi uma histeria!

A Vivaldinos é uma comunidade antiga, o berço do samba. Fiquei lisonjeada de ser a inspiração para essa tão sonhada vitória. Fui para quadra sambar depois da apuração e ferrei minha voz ainda mais. Terça-feira, desfilamos como escola-campeã. O mais curioso é que, bem na hora de a gente desfilar, o som deu problema – de novo. Estava funcionando e parou. Mas nada disso diminuiu a alegria da nossa conquista.

Assim como nada disso diminuiu minha alegria de olhar para minha vida também como uma grande vitória!

De volta para o passado

Conheci o Luiz França no *Risorama*. É um dos meus afilhados no *stand up*. Alegre, divertido, histriônico. Sempre me chama para trabalhar. Era 2013, estávamos indo fazer um show no Guarujá, passando por um túnel, quando ele me perguntou: “Quer ir para o Japão, tia?”. Eu quase caí do carro. Nunca imaginei fazer humor do outro lado do mundo. Nem sabia se era conhecida lá. Mas o Luiz sempre ia. E eu topei o desafio.

A viagem de ida foi uma aventura. Perde-se um dia para chegar. Fomos eu, Luiz França, Rodrigo Caceres e Gus Fernandes. Em nove dias, fizemos 16 shows em bares, restaurante e casas noturnas. Dormíamos onde nos ofereciam teto. Sempre na correria. Sempre nos divertindo. Em 2014, quando voltamos, nosso produtor local já havia conseguido uma cobertura para nos receber.

O Japão me abalou. Eu tinha uma imagem do país dos anos 1990, quando uma amiga do Teatro Paiol, Vitória Mangini, foi dançar lá e me escrevia cartas. Quando chegamos lá, tudo estava diferente. A comunidade brasileira que trabalha no Japão é gigantesca. Tem supermercado brasileiro, transportadora, agência de viagem. Comi picanha todos os dias. Você acha produtos brasileiros que já nem existem no Brasil.

É uma comunidade antenada por causa da internet. Conheci uma mulher, Janini, que tinha um filho autista e estava revoltada com o mundo. Ela assistiu a um pedaço da *Fazenda*, onde eu falava que Deus não manda desafios que a gente não possa superar. A Janini me revelou que foi tão bom ouvir aquilo, que hoje ela é presidente da Associação de Mães de Autistas de Toyota.

As pessoas foram muito carinhosas comigo. Trouxe uma mala de presentes que ganhei. Não me encantei tanto pela tecnologia. Fiquei mesmo admirada com a sensatez das pessoas, a maneira como cada um se molda a essa maneira oriental de levar a vida. Vendo de fora, como turista, percebi a importância do Estado que toma conta dos seus indivíduos e desperta a retidão moral em todo mundo.

Cada quarteirão tem uma máquina de água e suco. Ninguém quebra. O metrô

não tem catraca. Ninguém passa sem pagar. Achou uma carteira, é preciso devolver. Bateu no carro de alguém, tem de dar um carro novo para a pessoa e sustentá-la, caso ela tenha que faltar ao trabalho. Não existe gorjeta. Não tem jeitinho. Ninguém quer sacanear. As pessoas no Japão sabem qual é o seu limite.

Claro que tem aquelas pessoas que não fazem o que gostam e vão ficando mais brutas. Mas isso existe em qualquer lugar do mundo. Quem acha que tem que ter para ser nunca é feliz. No Japão, a maioria pratica um exercício de humanidade. Conheci um rapaz que é dono de academia e campeão de cinturão. Às cinco da manhã, ele vai descarregar caminhão de pescado no porto para se exercitar – e ajudar os outros!

Você vai comprar uma mala e acaba querendo levar todo o estoque, tamanha é a educação da vendedora. Tem loja que tem de tudo: de cotonete a *jet sky*. Eu moraria em um *kombini*, que é um tipo de loja de conveniência de posto na estrada. Se tivesse um filho, ia chamá-lo de *kombini*. Aliás, japonês fica lindo com alemão, tailandês, negro. Se cruzar um japonês com um cactus, vira um porco espinho maravilhoso.

Fiz massagem em uma cadeira que aperta da nuca ao tornozelo. Mas depois de ir ao banheiro no Japão revi alguns conceitos. A tampa da privada parece que foi projetada pelo Spielberg e o Niemeyer juntos. Aperta-se um botão e ela esquenta, porque japonês faz xixi sentado. No segundo botão toca uma música, para o colega do lado não te ouvir. Com o terceiro botão, vem um caninho, um jato d'água e uma sensação indescritível.

Enfrentamos um tufão! A gente tinha que entregar o teatro até certo horário senão pagava multa. Lá, até a tomada é usada por tempo determinado. Saímos do teatro e o Taifu estava passando: um fenômeno que acontece quando os ventos dos oceanos Índico e Pacífico se encontram no sul do Japão, fazem um redemoinho e vão “subindo” para as geleiras do Polo Norte. Achei que minha cabeça ia voar!

Minha segunda visita ao Japão não teve a emoção da primeira. Estava muito quente também, 36º na sombra! Mas se me chamarem de novo, eu vou, nem que seja como camareira. Gostei tanto daquele país que não me impressionei quando cheguei a Nova York, na nossa conexão. Achei tudo caro. E quando vi a *Times Square*, que eu tinha o sonho de conhecer, perguntei: “É isso mesmo, produção?”.

O Japão me ensinou que somos só um grão de areia nesse mar que é a vida. Na viagem de volta, passando pelo Polo Norte, olhei pela janela e conclui que, não importa quão moderno, tecnológico e confortável seja o mundo, nunca se deve perder o vínculo com nossos antepassados, com a nossa identidade. Se o Brasil tivesse sido catequizado pelos japoneses, a nossa história teria sido bem

diferente.

Arigatô gozaimasu, Japão!

Década de 40

Teve quem achou que *Meninas crescidas não choram* era minha estreia no teatro. Quem foi esperando mais um *stand up* se deparou com um texto sobre a teoria da libertação. Sem patrocínio nem projeto de lei – e sem mídia – fiquei em cartaz em São Paulo, Campinas e Poços. E não fiz feio. Em 2013, também completei dez anos de *Risorama*. E decidi não fazer mais.

Continuei angariando fundos para as necessidades do voluntariado do Emílio Ribas. É impressionante como a palavra “AIDS” ainda segrega. É importante frisar que ser soropositivo não é o fim. Conheço gente que ficou mais fiel com a vida, foi correr atrás dos seus sonhos. É possível sim!

Nem falava muito desses assuntos. Mas percebi que, quando você fala, agrega a sua história. Pessoas públicas são capazes de angariar mais apoiadores. Quando você usa a sua imagem, consegue unir forças, e cada vez mais pessoas vão se apaixonando pela causa. Quem diria lá atrás que eu fosse construir uma imagem que tivesse esse poder?

O sucesso é uma besta que galopa no campo da vida. Tem que pegar na crina e ter fundilho para sentar nessa besta. Nem todo mundo nasceu para ser peão. Tem gente que veio só para assistir ou ficar nos bastidores. Ganha quem ficar mais tempo no galope. E, quando você está montada nele, não consegue pensar em mais nada a não ser em como se manter ali. Você sabe o preço que paga.

Por outro lado, quanto mais força você faz, maior é a sensação de que você vai cair a qualquer momento. Por isso tem que curtir o galope, enquanto ele durar. Se o cavalo der um pinote e você cair, tem de se levantar, limpar a poeira, respirar fundo e ver o que sobrou daquele galope todo, o saldo do tempo em que você ficou na arena. Quem nasceu para BBB nunca chega a Fazendeira.

Sou viciada na adrenalina do *show business*. Todo artista é. Sempre quis muito tudo isso. E por isso não reclamo. Eu me arrumo para trabalhar como se fosse para uma festa. Mas coloco um preço no meu trabalho. Nós vivemos de algo perecível. Arte é uma combustão: depois que ela acontece, por mais que contem como foi, não vai ser a mesma emoção. E isso tem um preço!

O mundo está cheio de artistas que não souberam se valorizar. Não tem nada a ver com humildade. Misturam humildade com mediocridade. Mediocridade é fazer o que o outro quer. A humanidade está repleta de gênios escravizados, que morreram na mímica, porque não conseguiram sobreviver do que faziam. Dou graças a Deus por rodar o Brasil inteiro fazendo o que eu mais amo: o teatro.

Tenho uma vida modesta. Nunca almejei luxo. Se estivesse preocupada com *glamour*, teria me projetado para o exterior em uma época em que ganhar em dólar era negócio. Ainda lido muito com a expectativa dos outros. Falam que eu deveria ter um programa de TV. Tudo bem. Mas não chegou a hora ainda. Dizem que sou talentosa. Tudo bem. Conheço gente talentosíssima que não chegou nem aqui.

Tudo consiste no tempo de chegar ao ponto. Você não pode chegar atrasada. Se perder um ônibus, pode ter até um outro depois. Mas ele pode demorar um pouco mais do que o previsto. Tudo tem o seu tempo. A sabedoria está em saber exatamente o tempo de cada coisa. O tempo de plantar, de atacar. De recuar, de esperar. De saborear. O tempo de limpar, de se refazer.

Tempo de se autoavaliar.

Vou sentir saudades dos meus 40 anos, a melhor década da minha vida. Tudo aconteceu nessa época. Depois que metade da ampulheta já caiu, você já ganhou e já perdeu. Já apanhou e já revidou. Mas também é quando você passa a saborear cada pedaço que aparece. Você sabe o que quer, mas aprende a esperar, aprende a se adaptar. Descobre que até para perder tem que ter dignidade. Não adianta se descabelar.

Não me cobro mais. Estou livre de mim. Os 40 me serviram para isso. Fiquei livre das minhas falsas expectativas, das falsas ilusões. Só eu sei o quanto lutei e luto para chegar nessa forma. Cada choque de eletrólise para depilação que me deram, cada anestesia que levei, cada prótese que troquei. Não é presunção. É reconhecimento. Você passa a saber o quanto vale depois que sabe o quanto pesa.

Minha família continua sendo minha base. Sempre vou almoçar, tomar café na casa dos meus irmãos. Levo o João até para fazer exame. Tem quem tire sarro. Mas já encaro desaforo de um jeito que as pessoas riem comigo e não de mim. Fala a verdade... Não deve ser muito confortável mesmo ser o irmão da Nany People – uma mulher que não saiu na *Playboy* mas está no imaginário de todo mundo.

Estou menos caseira. Talvez, um dia, “me case” de novo. Digo que sexo é química, amor é matemática e nem sempre a gente está a fim de fazer a conta. Tudo tem de ser gostoso, divertido e tem de estar lubrificado, como a vida. Pode

até machucar um pouquinho. Mas tem que escorregar. Tem que vir para somar. Porque para dividir e subtrair já veio tanto. E, se não vai somar, some!

No último dia de temporada do *Meninas...*, em Campinas, fui surpreendida pela presença de outra grande paixão platônica da infância. Depois da peça, nos falamos e disparei nome e sobrenome. “Você se lembra de mim?” – ele perguntou. “Gonçalves... Nunca te esqueci” – respondi. E, assim, 33 anos depois, revisei com alegria mais um sentimento marcante da minha história. E isso me bastou.

O melhor amor é o que está por vir. O grande amor da minha vida está por chegar. Passo *gloss* nos lábios até para ir à padaria. Nunca se sabe como é a cara do padeiro. Tenho a síndrome de Scarlett O’Hara. Acho que amanhã será sempre outro dia. Não posso perder as esperanças de encontrar um grande amor. Você morre por dentro quando desiste de viver um grande amor. Vou amar muitas vezes ainda.

Não sou uma pessoa que pensa em metas específicas. “O futuro é uma astronave que tentamos pilotar. Não tem tempo nem piedade, nem tem hora de chegar. Sem pedir licença, muda nossa vida e depois convida a rir ou chorar.” Traço meus planos. Mas até lá vou fazendo outras coisas pelo caminho. Sou movida a paixão. O meu combustível é a paixão pelas coisas que faço, que acredito, que me tocam.

Se não fosse meio louca, não seria artista. O artista pensa na possibilidade de algo que ainda não foi pensado. Você para de viver quando para de se reciclar. É isso que busco todos os dias. Que venha uma nova brisa. Basta estar aberta e dizer “sim” para vida. Estava em casa quando me ligaram e sugeriram de escrever essa biografia para registrar e dividir com as pessoas o que aprendi e ainda estou aprendendo.

Quando você diz “sim”, você faz a sua parte.

Minha eterna Cinderela

Voltando um pouco no tempo, em 2009 eu vivia um momento complicado. Não tinha contrato fixo. Pagava juros do cheque especial para cobrir os gastos de *Nany people salvou meu casamento*. Até que meu afilhado Bruno Motta, humorista do *Risorama*, me ligou com uma bomba: “Tia Nany, o dólar teve uma queda muito grande e tem um pacote para Disney bem baratinho. Você precisa ir!”.

Eram seis dias de viagem, com passagem aérea, hotel dentro da Disney, direito a três refeições diárias e translados. O Bruno já tinha trabalhado lá e costumava trocar pontos do cartão de crédito por milhas. Ele que montou esse pacote cheio de vantagens. Disse que dava até para agendar lugar na fila dos brinquedos mais procurados. Mas o principal detalhe ele deixou para o final.

— Tem a chance de tomar café da manhã com a Cinderela, tia Nany!

— O quê!?

Estava tomando banho. Desliguei o chuveiro.

— O que você falou, Bruno? — insisti paralisada. — Ela existe mesmo?

Fui imediatamente transportada para a infância, quando varria o quintal da vizinha e brincava com a Suzy da filha dela, achando que era a Cinderela. Mamãe tinha me explicado que ela era a princesa mais humana da Disney porque tinha uma condição: voltar antes da meia-noite. Tal qual acontece com a vida da gente, tudo o que é bom uma hora acaba.

A Cinderela buscava no resto da história o sapato que já era dela, que é exatamente o que nós fazemos com a nossa felicidade, colocando-a nas mãos de quem a gente mal conhece. E ela tinha uma música que falava dos sonhos, que é o combustível da vida. Foi assim que aquele menino que levou um bofete do pai porque precisava falar “como homem” sobreviveu às intempéries da vida: sonhando!

Ninguém tem direito de dizer que um sonho é irreal, inatingível. É nossa obrigação batalhar por ele. Saí de Minas com um colchão nas costas, num ônibus da viação Cometa. O “não” eu sempre tive como resposta. Vim para viver os

meus sonhos, porque este é o único jeito que existe para ser feliz. As pessoas têm de fazer aquilo que gostam, sonham. Senão se transformam em operários daquilo que não gostam.

Fiquei louca com a proposta do Bruno. Fomos à agência de viagens no mesmo dia. Passei meu cartão de crédito morrendo de medo, nem sabia como ia pagar aquilo. Faltava um mês para embarcar. Tirar o visto foi outro suplício. “Estou indo tomar café da manhã com a Cinderela”, disse sorrindo para a mulher que me atendeu. “Ok, ok...” –, ela respondeu, fria. Ou seja, me mandou tomar no cu com educação.

Chegou o visto. Uma semana antes da viagem, não tinha dinheiro para levar. Sempre ajudei os outros. Mas não fazia ideia de quem podia me socorrer. Se ligasse para os meus irmãos pedindo dinheiro para viajar para o exterior, iam dizer que eu estava surtada. Foi uma época em que todo mundo estava meio apertado. Foi a primeira vez que senti isso. Fui falar com a Andreia Dutra, um das donas da boate Túnnel:

— Andreia, vou perguntar e você pode me responder como quiser.

— Claro, Nany! Pode falar.

— Eu estou muito apertada. Mas me fizeram uma proposta... E eu acabei de sair da agência. É uma viagem. Para a Disney. Eu vou conhecer a Cinderela...

Deve ter pensado: “Acho que a Nany surtou!”. Mas, ao contrário, ela me olhou perguntando:

— Jura, Nany?

— Andreia, eu vou tomar café da manhã com a Cinderela! — insisti já sem conter o sorriso.

Aí, ela deve ter tido a certeza: “Melhor não contrariar”.

Pedi um mês de adiantamento de shows. Prometi que pagava quando voltasse. Ela me deu. Saí da boate numa felicidade sem tamanho! Pra completar, Paulo Piolli me ajudou, emprestando algum dinheiro. Senti que a mamãe não tinha me enganado, que eu ia de fato conhecer a Cinderela. Estava de namorico com um menino lindo, mas terminei tudo. Queria me sentir livre, solteira.

Chegou o dia da viagem. Muito caipira, levei duas malas: uma só com sapatos – e fui zoada pelos amigos do Bruno que foram de mochila! Iam comprar tudo lá. Não fui para fazer compras. Ao chegar aos Estados Unidos, já no metrô que a gente pegou dentro do aeroporto, fui fotografando tudo. Logo começou a zoeira número 2: acharam que eu era mãe do Bruno. Até explicar...

Nós fomos às compras, me jogaram no *Wallmart*. Quando vi aquele pote gigante de *Häagen Dazs* por menos de um dólar, quis levar. Tirei até foto. Disseram que o hotel não tinha geladeira para aquilo. “Foda-se! Eu bebo!”, respondi. Comprei maquiagem, lembrancinha, souvenir. Tudo muito baratinho.

Em seguida, a gente foi a uma loja de eletrônicos, mas fiquei só olhando.

Chegamos ao hotel dentro da Disney. O Bruno tinha um amigo que adiantou nosso *check-in*. Você recebe uma identidade que vai usar para andar na Disney. É um cartão magnético que diz que você existe como pessoa lá dentro. Onde você passa, apresenta essa identificação. Estava largada em uma poltrona, exausta de tanto bater perna, quando chegou o meu cartão – que veio com o nome “Nany People”. Morri!

Ficamos em um *flat* para quatro pessoas, onde havia um quarto com cama de casal e três bicamas na sala. Os meninos gentilmente deixaram o quarto só pra mim. O café da manhã com a Cinderela era no dia seguinte. Estavam todos cansados. Mas não dormi naquela noite. Seis horas da manhã, levantei, tomei banho, passei um risco nos olhos. Queria ser a primeira a girar a catraca do parque às oito em ponto!

Não usei nada da mala de sapatos que havia levado. Só calcei sandalinha. Você anda o dia inteiro feito pagador de promessa. Pegamos o transporte para ir até o parque. Chegamos um pouco antes das portas abrirem. Você percebe que o mundo vai chegando ali. Vem gente de tudo o que é lado. Todo mundo sorrindo. Todo mundo com uma baita expectativa.

De repente, toca uma música. Toca uma sirene. E abre o parque. Quando você passa o seu cartão na catraca e coloca o pé lá dentro, parece que jogam Prozac no ar. Eu estava num estado de graça. Você passa por uma pracinha onde estão todos os personagens da Disney. Seguindo por essa alameda, tem a prefeitura do parque, a rua do faroeste... E o castelo da Cinderela! Comecei a chorar ali.

Ao invés de correr para os brinquedos, fomos para o café da manhã, que tinha horário marcado. Esperamos perto da lojinha do castelo. Toca uma corneta. Entra turma por turma. Abrem uma cortina. E quem fica ali em pé nos esperando? A Cinderela! Ela fez: “Hi!” Eu nem respondi. Parecia que tinha tido um derrame. Não andava, não conseguia falar. O Bruno que me empurrou.

Ele falou que nós éramos do Brasil, que eu trabalhava em TV e era muito fã dela. Eu me lembro do cheiro dela. As meninas ganham uma varinha e os meninos, uma espadinha – ganhei a varinha, claro. Tirei uma foto. Estava com um sorriso que não cabia em mim. Então nos conduziram para a sala onde é servido o café da manhã. É tudo muito americano, com muita gordura e colesterol.

Ali você percebe que a Cinderela é quem manda. Todas as outras princesas são vassalas. Branca de Neve serve chazinho, Aurora – da Bela Adormecida – leva biscoitinhos... A mais saidinha é a Yasmin – do Aladdin – toda pelada. O sol entra pelas janelas do castelo e se reflete no ambiente de um jeito mágico. É outra aura. Vem uma pessoa entregar a foto oficial que foi tirada. Mas não se vê

mais a Cinderela.

De lá, fomos aproveitar os brinquedos do parque. Até de carrossel andei. Ao meio-dia, tem um show na porta do castelo da Cinderela. É maravilhoso. Todos os personagens fazem uma dublagem. E aí vem uma grande parada, às 15h. Cada ano tem um slogan. Daquele ano era “*Celebrate Today*” (Celebre hoje). Dá para ver sua infância passar por ali, junto com uns personagens mais novos.

E quem é que aparece fechando o desfile? A Cinderela, claro! A madrasta e as irmãs vêm na frente, fazendo uma coreografia, e ela vem no último carro alegórico. Faz um calor absurdo, aquele povo amontado. Ainda assim, você ri sem querer. Quando a Cinderela passou por mim, dei um “tchau”. Ela me viu, lembrou-se de mim do café da manhã, me aplaudiu e fez um coração para mim com as mãos.

Eu chorava de um jeito que nem consigo explicar. Chorava de felicidade, de gratidão. Abracei o Bruno. E aí começa a música: “O sonho é um desejo d’alma...”. Eu tinha conseguido. Tinha vencido. Tinha sobrevivido às pessoas, às intempéries da vida. Tinha aprendido que era possível ser feliz sendo eu mesma, que minha força sempre esteve lá comigo. E o mais importante: sem decepcionar a mamãe.

Nos outros dias, conheci o resto dos parques. *Animal Kingdom* foi o que menos gostei – parecia o interior de Minas. Adorei o *Hollywood Studios*. E teve mais um dia de compras, que não fui para não gastar. Enchi a banheira do hotel com sais de banho e fiquei a tarde inteira cantando a música da Cinderela. Tinha encontrado a pessoa em quem mais me refugiei, a quem mais recorri quando a barra pesava para mim.

No último dia, podíamos repetir um parque. Os meninos foram direto para o *Hollywood Studios*. Eu voltei sozinha para o *Magic Kingdom*. Não tinha o café da manhã dessa vez. Mas fiz questão de assistir ao show do meio-dia e a parada. Quando a Cinderela passou por mim, gritei de novo feito uma louca, chorando. ACHO que ela acenou para mim de volta. Ali, eu compreendi por que consegui chegar até aqui.

Por mais difícil que a barra pese na minha vida, eu sempre vou achar que a Cinderela estará acenando para mim.



Fonte: Arquivo pessoal

Casa em Serrania, aurora da minha vida...



Fonte: Arquivo pessoal

Meu avô, o pilar de nossas vidas. – João Batista (avô e padrinho) Yvone (*mãe*)
Nany Elvira (*tia*) Fafi (irmão) José Gregório (*pai*) João (irmão)



Fonte: Arquivo pessoal

Avó Carola, uma mulher de verdade e Loreana, minha sobrinha querida.



Fonte: Arquivo pessoal

Jorge Demétrio Cunha Santos.



Fonte: Arquivo pessoal

Alegria de viver, meu sorriso sempre me denunciou. – João (irmão) / Nany
Yvone (*mãe*) Fafi (irmão)



Fonte: Arquivo pessoal

Mamãe, uma mulher a frente do seu tempo.



Fonte: Arquivo pessoal

As mulheres fortes da minha vida. – Clara (tia) / Fafi (irmão) *José Gregório* (pai) Yone (mãe) / Maria José (tia avó) *Nany Teresinha* (prima) *João* (irmão) Elvira (tia)



Fonte: Arquivo pessoal

Aurora da minha vida. – José Gregório (pai) *Yvone* (mãe) João (irmão) *Nany Fafi* (irmão)



Fonte: Arquivo pessoal

Meus irmãos: meu braço direito e meu braço esquerdo – João & Fafi.



Fonte: Arquivo pessoal

Primeira vez no palco, cantando *A Última Canção*.



Fonte: Arquivo pessoal

“Alô, alô, Teresinha!”



Fonte: Arquivo pessoal

A primeira vez... no palco!



Fonte: © Moises Pazianotto

O Mágico de Oz – Escala Produções. O teatro foi o meu norte.



Fonte: © Moises Pazianotto

A Galinha dos Ovos de Ouro – Escala Produções.



Fonte: Arquivo pessoal

Ronaldo Ortega e Piffer, amigos para sempre.



Fonte: Arquivo pessoal

Essa é a Valéria, irmã de alma.



Fonte: Arquivo pessoal

Poços de Caldas, uma questão de identidade.



Fonte: Arquivo pessoal

Arizinho, meu fiel escudeiro de aventuras e de vida.



Fonte: Arquivo pessoal

Meu primeiro beijo foi aqui e teve gosto de bala de coco...



Fonte: Arquivo pessoal

Bailes da Corinθο e Café Piu Piu: o princípio do verbo.



Fonte: Arquivo pessoal

Minha estreia na Gent's.



Fonte: Arquivo pessoal

Bárbara Bruno, minha madrinha no teatro.



Fonte: © Bathista Lima

Na passarela, com Celso Werner e Marcos Lelles.



Fonte: Arquivo pessoal

A boate Túnnel foi minha segunda casa.



Fonte: Arquivo pessoal

Meu vestido de chapinhas e minhas bolsas – minhas marcas registradas.



Fonte: Arquivo pessoal

Mauro Mitiko, grande amigo confidente e criador das minhas bolsas.



Fonte: Arquivo pessoal

Fábio Ferreira, o mago da costura.



Fonte: © Moises Pazianotto

People by Nany – coluna na revista *G Magazine*.



Fonte: Arquivo pessoal

Goulart de Andrade: o criador e a criatura.



Fonte: Arquivo pessoal

Nas ondas do rádio com Jairo Bouer.



Fonte: Arquivo pessoal

Sofá da Hebe: sentei plebeia, levantei rainha.



Fonte: © Moises Pazianotto

People by Nany – coluna na revista *G Magazine*.



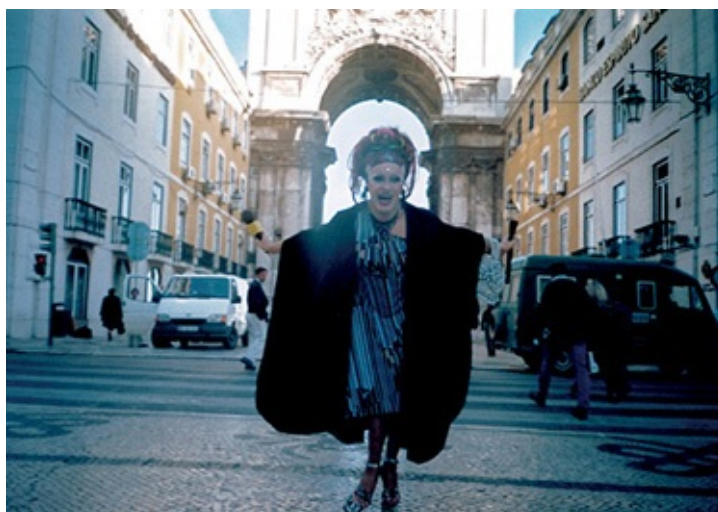
Fonte: Arquivo pessoal

A boneca que mudou a minha vida.



Fonte: Arquivo pessoal

Hebe, a grande diva.



Fonte: Arquivo pessoal

Portugal, Lisboa. Um sonho...



Fonte: Arquivo pessoal

Paulo Machado, nosso norte para Portugal.



Fonte: Arquivo pessoal

Por aí...



Fonte: Arquivo pessoal

Uma engrenagem que nunca falhou. – Marcella Martins / Janaína Pepe *Nany*
Fernanda Felix



Fonte: Arquivo pessoal

Graça, Raí, Sócrates e Naomi: meus tesouros.



Fonte: Arquivo pessoal

Porque a gente se adequa até os últimos dias de nossas vidas!



Fonte: Arquivo pessoal

Mamãe, a grande dama.



Fonte: © Moises Pazianotto

Clinger: um anjo que caiu do céu.



Fonte: © Moises Pazianotto

Nany People Salvou Meu Casamento.



Fonte: Arquivo pessoal

Carlos Alberto: a mesma praça, o mesmo banco e o mesmo grande homem.



Fonte: Arquivo pessoal

Voluntariado.



Fonte: Arquivo pessoal

O palco é o meu habitat.



Fonte: © Kátia Cerezer

O aplauso alimenta a minha alma.



Fonte: © Kátia Cerezer

Obrigada, teatro.



Fonte: Arquivo pessoal

Fabio Junio, meu parceiro de fé.



Fonte: Arquivo pessoal

Rony e Waldir Terence: porque tudo na vida é produção.



Fonte: Arquivo pessoal

Luis Eduardo Andrade: um convite para o Carnaval da minha vida.



Fonte: Arquivo pessoal

Adorável Rogéria: eu quero ser quando crescer.



Fonte: Arquivo pessoal

Ser homenageada em vida tem um sabor inigualável.



Fonte: © Kátia Cerezer

A dra. Lility Éden mudou a minha vida.



Fonte: Arquivo pessoal

Uma viagem até o outro lado do mundo.



Fonte: Arquivo pessoal

Arigatô gozaimasu, Japão!



Fonte: Arquivo pessoal

Cinderela: o sonho é um desejo d'alma.



Fonte: Arquivo pessoal

Cinderela: um sonho que virou realidade.



Fonte: Arquivo pessoal

Ganhei a varinha.



Fonte: Arquivo pessoal

Eu sempre vou achar que a Cinderela estará acenando para mim.



Arquivo do autor

Flavio Queiroz

Jornalista e radialista pós-graduado em comunicação, estudou roteiro na Universidade da Califórnia (EUA) e no *workshop* de dramaturgia da Rede Globo. Atuou por cinco anos como editor-chefe do *reality show* *A Fazenda* (Record). Foi um dos vencedores do NETLAB 2013, um concurso de novas ideias e formatos de séries brasileiras para a TV, com o projeto de *reality show* *Salve-se Quem Puder*. Foi colaborador da novela *Dance Dance Dance* (Band). Escreveu os programas *Elas* (Discovery Home & Health), *O Grande Perdedor* (SBT), *Tamanho Família* (TV Rá Tim Bum), *Tá na Mão* (Band), entre outros. Participou das produções de *De Frente com Gabi* (SBT), *Dia Dia* (Band), *Programa Livre* (SBT), *Pequenas Empresas Grandes Negócios* (Globo), entre outros.

